

**IMPRESSÕES E SENTIMENTOS MATERNOS SOBRE O  
RELACIONAMENTO MÃE-PRIMOGENITO  
DURANTE A GESTAÇÃO DO SEGUNDO FILHO**

*Caroline Rubin Rossato Pereira*

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do  
grau de Mestre em Psicologia sob orientação do  
Professor Dr. Cesar Augusto Piccinini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento

Porto Alegre, julho de 2006.

*“Ouça, Virgínia, é preciso amar o inútil.  
Criar pombos sem pensar em comê-los,  
plantar roseiras sem pensar em colher rosas,  
escrever sem pensar em publicar,  
fazer coisas assim, sem esperar nada em troca.  
A distância mais curta entre dois pontos pode ser a linha reta,  
mas é nos caminhos curvos que se encontram as melhores coisas”.*

*Carlos Molina-Loza*

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto do desejo de me aproximar do universo que envolve a gestação de um segundo filho e não seria possível sem o apoio e a participação de inúmeras pessoas.

Agradeço, inicialmente, ao meu orientador, Prof. César Piccinini, por seu entusiasmo, pelo incentivo e pelo respeito por meu trabalho. O aprendizado destes dois anos é inestimável, sendo a ética e a seriedade do trabalho científico uma das principais lições aprendidas em nosso convívio.

Agradeço às famílias participantes da pesquisa, de modo especial, às gestantes que se dispuseram a compartilhar deste momento repleto de alegrias e, ao mesmo tempo, dúvidas, tensões, inquietações. O calor e o acolhimento dos lares em que estive aqueceu alguns dos dias frios de Porto Alegre.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, pelos ensinamentos recebidos ao longo do Mestrado, especialmente à Profa. Rita de Cássia Sobreira Lopes e à Profa. Débora Dell’Aglia, relatora desta pesquisa.

Aos colegas do Mestrado, agradeço o convívio amigo e despreocupado, o carinho nos corredores e o apoio sempre presente. Acima de tudo, agradeço a humanidade e a sensibilidade de vocês ao longo destes anos. Agradeço, em especial, algumas amigas e colegas que marcaram este percurso. Aline Siqueira, irmã de coração, colega de apartamento, agradeço o carinho e a tua amizade constante. À Débora Oliveira, sua amizade e companheirismo trouxeram um colorido especial ao trabalho na pesquisa que juntas idealizamos. Agradeço ainda às amigas Ângela Marin, Aline Tonetto e Giana Frizzo, presenças de apoio e afeto durante o Mestrado.

À equipe do NUDIF – Núcleo de Infância e Família (UFRGS), meu agradecimento pelo apoio e pelas críticas sempre enriquecedoras. Agradeço especialmente às bolsistas Lis Guimarães e Etiene Ortmann pela dedicação à nossa pesquisa.

À Chaiene Silveira, minha prima emprestada, agradeço imensamente as inúmeras acolhidas sempre calorosas e cheias de alegria em Porto Alegre. Juntamente com a “Jana” e a “Sil”, sua presença foi fundamental no período final deste trabalho.

Agradeço aos professores Ebenézer Oliveira, Alberto Quintana e Dorian Mônica Arpini por plantarem em mim o amor pela pesquisa e pela carreira acadêmica quando ainda na graduação. Seu incentivo e amizade foram e continuam sendo uma força importante para meu trabalho.

À minha família, àqueles que me amaram desde o primeiro momento e jamais deixaram de se fazer presentes em minha vida, meu agradecimento eterno. Com vocês

aprendi a maravilha e os desafios de viver em família. Pai e Mãe, Ricardo e Elenita, obrigada pela confiança, pelo estímulo, pela força que sempre me passaram onde estivessem. O amor de vocês eu levo sempre comigo. Aos meus irmãos, Felipe, Elisiane e Cristiane, meus amigos inseparáveis, vocês moram em meu coração. A amizade de vocês é uma certeza inabalável. Obrigada por tornarem a vida tão cheia de alegrias. Este agradecimento se estende a meus cunhados – Leandro, Felipe e Cássia – e à minha sobrinha amada – Ana Laura.

À minha família extensa, minha avó Gemma, meus tios, especialmente Maribel Rubin, Carlos Mello e “cia.”, agradeço a presença de cada um de vocês e a torcida de todos pelos meus sonhos. À minha nova família, família de coração, meus sogros, Neuza e Valmir Pereira, minhas cunhadas, Carla e Deise. Vocês foram um presente que eu não esperava. Obrigada pela presença amiga, pela alegria, pelo apoio.

Ao grande amor da minha vida, meu esposo, Deividi Pereira, meu agradecimento infinito. A sua presença constante, o seu incentivo incansável, o seu olhar confiante e amoroso, foram fundamentais para esta conquista. Contigo sonho nosso futuro e nossa família e a ti dedico esta conquista.

Por fim, agradeço a Deus, origem do amor, da força, da vida.

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b> .....	8
<b>Abstract</b> .....	9
<b>Capítulo I – Introdução</b>	
A dinâmica familiar na perspectiva sistêmica .....	10
A gestação do segundo filho e seu impacto na dinâmica familiar .....	14
A rede de apoio e a gestação do segundo filho .....	16
Os papéis parentais e a relação conjugal no contexto da gestação do segundo filho .....	17
O primogênito no contexto da gestação do segundo filho .....	20
A relação mãe-primogênito no contexto da gestação segundo filho .....	27
Justificativa e objetivos do estudo .....	34
<b>Capítulo II – Método</b>	
Participantes .....	36
Delineamento e procedimentos .....	37
Considerações éticas .....	38
Instrumentos .....	39
<b>Capítulo III – Resultados</b>	
1 - O primogênito e a gestação materna .....	42
2 - A maternidade no contexto da gestação do segundo filho .....	54
3 - Relacionamento mãe-primogênito .....	70
4 - Relacionamento pai-primogênito .....	83
<b>Capítulo IV - Discussão</b>	
Discussão geral .....	89
Considerações finais .....	102
<b>Referências</b> .....	106

## **Anexos**

Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	112
Anexo B: Carta de Aceite do Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS .....	113
Anexo C: Ficha de Contato Inicial .....	114
Anexo D: Entrevista de Dados Demográficos do Casal .....	115
Anexo E: Entrevista sobre a Gestação e as Expectativas da Gestante .....	116
Anexo F: Entrevista com a Mãe sobre o Impacto da Gestação do Segundo Filho na Dinâmica Familiar .....	118
Anexo G: Entrevista com a Mãe sobre o Desenvolvimento do Primogênito .....	119
Anexo H: Entrevista sobre a Experiência da Maternidade .....	122

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Dados Demográficos dos Participantes .....	36
--	----

## RESUMO

O presente estudo investigou as impressões e sentimentos de mães sobre seu relacionamento com o primogênito durante a gestação do segundo filho. Participaram do estudo oito gestantes que se encontravam no último trimestre de gestação do segundo filho e possuíam um filho com idade entre três e seis anos. Todas residiam na região metropolitana de Porto Alegre (RS), eram casadas e o marido era o pai de seus dois filhos. As participantes responderam a uma entrevista sobre a gestação, a dinâmica familiar, o desenvolvimento do primogênito e a maternidade. Com base em uma análise de conteúdo qualitativa os relatos das gestantes foram agrupados em quatro categorias temáticas, a saber: o primogênito e a gestação materna, a maternidade no contexto da gestação do segundo filho, relacionamento mãe-primogênito e relacionamento pai-primogênito. Os resultados revelaram que a gestação do segundo filho traz às mães a necessidade de uma redefinição em seu papel e em sua relação com o primogênito. Além de precisar voltar-se emocionalmente para o bebê, as restrições físicas características da gestação trouxeram limitações à sua interação com o primogênito, tanto em brincadeiras como nos cuidados diários. As diversas mudanças encontradas no comportamento do primogênito poderiam refletir uma busca por reaver a atenção e o estilo de interação desfrutado com a mãe até o momento e também indicam o surgimento do sentimento de rivalidade fraterna. Neste contexto, o primogênito passou a aceitar e solicitar mais o envolvimento de outras pessoas, em particular o pai. Destaca-se ainda o aumento no apoio fornecido pelos genitores ao primogênito. Os resultados sugerem a importância de programas de intervenção para pais envolvidos no processo de transição para o nascimento do segundo filho.



## ABSTRACT

The present study investigated mothers' impressions and feelings concerning their relationship with the firstborn during the second child's pregnancy. Eight pregnant women took part in the study when they were in the last trimester of the second child's pregnancy and their firstborn was three to six years old. They all lived in the metropolitan area of Porto Alegre (RS), were married and their husband were the fathers of the two children. The participants answered an interview about the pregnancy, the family dynamics, the development of the firstborn and the motherhood. Based on a qualitative content analysis the pregnant women's answers were classified in one of four categories, such as: the firstborn and the maternal pregnancy, the motherhood in the context of the second child's pregnancy, mother-firstborn relationship and father-firstborn relationship. The results revealed that the second child's pregnancy brings the need for a redefinition in the maternal role and in the mother's relationship with the firstborn. Besides the need to turn emotionally to the baby, physical restrictions of the pregnancy brought limitations to mother's interaction with their firstborn during play and in the daily cares. The several changes found in the behavior of the firstborn could reflect a search for recovering the attention and the interaction style with the mother until that moment and they also indicate the appearance of fraternal rivalry feelings. In this context, the firstborn started to accept and to request more the involvement of other people, especially the father. An increase in the support supplied by the parents to the firstborn was also observed. The results suggest the importance of intervention programs for parents involved in the transition process to a second child's birth.

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

A chegada de um novo membro à família pode gerar um aumento na tensão familiar, pois traz consigo a necessidade de uma reformulação nos seus papéis e nas suas regras de funcionamento (Minuchin, 1985). O nascimento do segundo filho, em particular, constitui-se em um momento marcante no desenvolvimento familiar, podendo trazer um desequilíbrio ao sistema como um todo, para cada um de seus membros e para as relações estabelecidas entre eles (Dessen, 1997). Algumas das alterações decorrentes disso já seriam sentidas durante a gestação, quando a família começaria, antecipadamente, a se reorganizar na busca de seu novo equilíbrio (Gottlieb & Baillies, 1995). O primogênito, de modo especial os pré-escolares, pareceriam sofrer um grande impacto neste momento, o que se estenderia às relações compartilhadas com os progenitores. Neste sentido, a relação mãe-primogênito pareceria ser a mais afetada (Dunn & Kendrick, 1986), e estas alterações poderiam indicar que o primogênito estaria expressando um sentimento mais profundo, o de rivalidade fraterna (Dessen & Mettel, 1984).

Assim sendo, o presente estudo visa investigar as impressões e sentimentos maternos sobre o relacionamento mãe-primogênito durante a gestação do segundo filho. Em particular, buscar-se-á examinar o surgimento do sentimento de rivalidade fraterna.

Inicialmente, serão apresentadas algumas contribuições teóricas referentes à abordagem sistêmica da família. Em seguida, passa-se a uma revisão dos estudos que investigaram o impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar, com destaque para os seguintes aspectos: rede de apoio, papéis parentais, relação conjugal, comportamentos do primogênito e a relação mãe-primogênito.

#### **A dinâmica familiar na perspectiva sistêmica**

Enquanto ser social, o homem é um membro ativo e reativo dos grupos em que vive (Minuchin, 1982). A família aparece, pois, como o primeiro núcleo de desenvolvimento do ser humano, fonte de recursos materiais, psicossociais e culturais, cujas marcas o indivíduo irá carregar consigo por toda a vida. Além disso, a família responde ao que poderia ser considerada como a principal necessidade do ser humano enquanto tal, qual seja, a de fazer e manter relacionamentos pessoais significativos (Pincus & Dare, 1981). O surgimento dos estudos etológicos, na década de 1960, representou um primeiro passo na direção de uma

---

<sup>1</sup> Parte do conteúdo deste capítulo foi submetido à publicação, com o título “O impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar: aspectos teóricos e empíricos”.

conexão entre as teorizações e pesquisas sobre família e a psicologia do desenvolvimento. Tomando como foco o papel do cuidador primário para a criança, a família passou a ser incorporada como contexto desenvolvimental relevante para a socialização inicial do indivíduo (Kreppner, 2000). Desde então, com o surgimento de conceitos como o de apego, a noção de interação nos processos de desenvolvimento tem recebido um investimento significativo. Entretanto, a ênfase ainda colocada no papel da mãe e na relação mãe-criança tendia a desconsiderar o entorno em meio ao qual esta relação se estabelece, apresentando-a, muitas vezes, isolada do sistema familiar e da rede relacional da família – relação conjugal, relação pais-criança, relação fraterna, avós e amigos (Belsky, 1985; Feiring & Lewis, 1978).

Foi apenas nas décadas de 1970 que surgiram as primeiras teorizações a respeito da necessidade de se estudar as interações e relações familiares considerando-as a partir de uma perspectiva do sistema familiar global. Na pesquisa psicológica, os anos 80 marcaram a difusão destas idéias e o surgimento dos primeiros estudos empíricos com base nesta perspectiva da família. A partir daí, a abordagem sistêmica tem se mostrado bastante rica e adequada na busca de informações acerca dos processos interativos, levando em conta a qualidade das interações, as percepções mútuas entre os membros da família e as relações afetivas e de compromisso entre estes (Aranha, 1993). Neste sentido, este enfoque mostra-se muito apropriado ao estudo das continuidades e descontinuidades nas interações e relações familiares (Dessen, 1994, 1997).

Em uma perspectiva sistêmica, a família tem sido considerada como um sistema regido por quatro características fundamentais e inter-relacionadas, a saber: totalidade, estabilidade, abertura e transformação (Minuchin, 1985). Como sistema complexo, a família é um todo organizado cujos elementos estão necessariamente interconectados. O indivíduo nunca é independente de seu contexto, de modo que a vida psíquica não pode ser entendida como um processo inteiramente interno. O foco está no funcionamento dentro do sistema (Berenstein, 1988).

A primeira característica dos sistemas familiares seria a totalidade, que traz consigo a noção de não-somatividade, ou seja, de que a compreensão do sistema como um todo não pode ser depreendida do funcionamento individual de cada elemento ou subsistema familiar (Feiring & Lewis, 1978). Qualquer subsistema, quando inserido no sistema total, opera de forma diferenciada daquela observada em isolamento (Berenstein, 1988). Cada elemento influencia e é influenciado por cada um dos demais em padrões circulares de interação. Assim, a ênfase é posta nos padrões de interação e na singularidade do sistema. O indivíduo pode ser compreendido como um subsistema ou

como parte do sistema, mas o todo deve ser considerado (Minuchin, 1982).

Estruturalmente, um sistema complexo é composto por uma rede de subsistemas (Feiring & Lewis, 1978). Embora cada indivíduo possa ser tomado como um subsistema, a principal ênfase tem sido dada às unidades relacionais maiores, como o subsistema progenitor-criança, conjugal, fraterno, avós-netos, entre outros. Para Minuchin (1985), cada indivíduo participa de diversos subsistemas, nos quais desfruta de diferentes níveis de poder e desempenha diferentes funções. Na definição de Minuchin (1982), as fronteiras entre os subsistemas são estabelecidas a partir das funções e exigências específicas de cada subsistema, as quais trazem consigo padrões recorrentes e estáveis de interação. O autor também enfatiza que, para o funcionamento adequado da família, suas fronteiras precisam ser nítidas e bem definidas, contudo, simultaneamente, flexíveis para permitir as redistribuições necessárias quando novas circunstâncias se impõem.

A segunda característica importante do sistema familiar refere-se à estabilidade (Minuchin, 1985). Seguindo o princípio da homeostase, a família apresenta uma tendência a preservar certos padrões estabelecidos de interação, buscando sempre o seu estado de equilíbrio. Tal equilíbrio basear-se-ia nas regras e nos padrões da interação que se tornam bem estabelecidos e que mantêm a família funcionando de modo estável, adaptado e razoavelmente tranqüilo (Newcombe, 1999). Como ressalta Berenstein (1988): “O sistema encontra-se em equilíbrio sempre que cada uma das partes se encontra em equilíbrio nas condições determinadas pelas outras partes, para as quais tem que ser aceitável” (p. 50). Contudo, conforme Feiring e Lewis (1978), para ser adaptativo o processo de estados estáveis (*steady states*) precisa trazer consigo a possibilidade de mudança. A estabilidade precisa ser compreendida como parte de um processo de auto-regulação através do qual o sistema mantém uma relação viável entre seus membros e o ambiente. Para os autores, os estados estáveis pressupõem mudança e refreamento em um interjogo contínuo entre a estabilidade e a flexibilidade. Assim, a despeito de mudanças em seus elementos, haveria uma identidade familiar que se mantém através das condições relacionais estabelecidas dentro do sistema.

A terceira e a quarta característica do sistema familiar – abertura e transformação – mais que qualquer outras, precisam ser tratadas conjuntamente. Como sistema aberto, a família responde a pressões internas – provenientes de mudanças evolutivas nos seus membros ou subsistemas – e externas – provenientes das instituições sociais significativas com as quais interage (Minuchin, 1982). As mudanças nas funções de um membro do sistema, vinculadas ao processo de crescimento do indivíduo, exigem uma reorganização do todo familiar. Por outro lado, as alterações na estrutura familiar favorecem a mudanças

nas relações, no comportamento e nos processos psíquicos internos de cada um dos membros do grupo. Por exemplo, a criança influencia e altera o sistema assim como este também precisa alterar-se para acomodá-la (Andolfi, Ângelo, Menghi & Nicolò-Corigliano, 1984).

A transformação é inerente aos sistemas abertos (Minuchin, 1985). Desafios e reorganizações recorrentes são parte inevitável do ciclo de vida da família. É preciso que o sistema se permita certa instabilidade e flexibilidade, podendo arcar com a desestruturação e ansiedade que as acompanham, para que possa, então, reestruturar-se em uma nova forma de funcionamento mais adaptativa (Féres-Carneiro, 1983). Segundo Minuchin (1982), a força de um sistema reside em sua capacidade de mobilizar padrões transacionais alternativos quando em momentos de reestruturação familiar. Assim, conflitos e instabilidades podem acompanhar os reajustes que a família precisa fazer ao longo de seu desenvolvimento (Andolfi & cols., 1984).

Em uma perspectiva sistêmica, o conceito de transição traz consigo a idéia de ciclo vital da família (Dessen, 1997). Enquanto grupo, a família possui seu próprio curso de desenvolvimento, tendo que desempenhar uma série de tarefas desenvolvimentais ao longo do tempo. Como afirmam Carter e McGoldrick (2001), embora o processo familiar não seja, de forma alguma, linear, ele existe na dimensão linear do tempo. Neste processo, a entrada, a saída e o desenvolvimento dos membros da família constituem-se nas operações subjacentes às transições familiares. Para os autores, estas transições caracterizam-se como momentos marcantes de impulso direto para mudanças no desenvolvimento de cada membro da família e desta como um todo. Segundo Dessen (1997), os processos de mudança familiar durante estes pontos de transição devem ser vistos como “crises normais” da família, sob uma perspectiva das relações mutáveis do sistema. Nestes momentos, mesmo que o indivíduo em questão não seja o propulsor da mudança, ele compartilha com os demais da necessidade de reorganizar o sistema. Sendo assim, conforme Pincus e Dare (1981), perda e renovação são constitutivas do funcionamento familiar, de forma que, a cada fase de transição, é preciso desistir de algum papel ou posição familiar para que outro se desenvolva.

Como pode ser visto, a teoria sistêmica oferece uma abordagem bastante rica sobre a dinâmica familiar. Ao enfatizar as relações familiares e seu desenvolvimento ao longo do ciclo de vida familiar, ela se presta especialmente para compreender o que ocorre em momentos de transição como o referente à gestação e ao nascimento do segundo filho. Este é um acontecimento que traz um impacto para o sistema familiar como um todo e para seus diversos subsistemas, como será examinado a seguir.

### **A gestação do segundo filho e seu impacto na dinâmica familiar**

O nascimento de um segundo filho constitui-se em um acontecimento nodal no ciclo de vida familiar, passível de influenciar, de formas bastante diversas, o equilíbrio eventualmente desfrutado pela família. Em uma perspectiva sistêmica, Carter e McGoldrick (2001) definem acontecimentos nodais como os eventos capazes de criar instabilidade no funcionamento do sistema familiar, afetando seu equilíbrio. Referem-se a momentos que trazem a possibilidade de perda ou ganho de membros e desafiam a integridade e o crescimento da família. Estes momentos de transição familiar são tipicamente associados ao aumento no estresse, devido à necessidade de redefinição dos papéis e das leis que governam as interações familiares (Minuchin, 1985). É a ocasião de novas esperanças, mas pode ser também o momento de novas decepções, caso a realidade se afaste muito daquela imaginariamente idealizada (Tilmans-Ostyn & Meynckens-Fourez, 2000).

No desenvolvimento da família, o nascimento do segundo filho caracteriza a fase de expansão do sistema e é considerado qualitativamente diferente do processo do nascimento do primeiro filho (Dessen, 1997; Gottlieb & Baillies, 1995). O casal, que já havia assumido o papel parental quando do nascimento do primeiro filho, precisa, agora, diferenciá-lo e especificá-lo de acordo com cada uma das crianças, assumindo o papel de pais de dois filhos. Tornando o processo mais complexo, além do casal, há, neste momento, o primogênito que tem de lidar com a nova situação e passar do papel de filho único para o de “irmão mais velho” (Walz & Rich, 1983).

De um ponto de vista estrutural, a passagem de um sistema triádico (pai-mãe-filho), para um sistema poliádrico (pai-mãe-primogênito-segundo filho) aumenta consideravelmente a complexidade do sistema familiar (Feiring & Lewis, 1978). Com o aumento no número de membros, é relevante considerar o aumento no número de possíveis relações diádicas e de subsistemas maiores na família. Segundo Adams (1985), uma segunda criança cria um efeito de duplicação das relações diádicas, que passam de três para seis, ao passo que de uma única relação triádica (pai-mãe-criança) passa-se a quatro possibilidades. Além disso, a adição deste novo membro à família inaugura um novo subsistema, o subsistema fraterno (Feiring & Lewis, 1978). Entretanto, conforme apontado por Adams (1985) a partir de uma pesquisa com 100 famílias canadenses com dois filhos em idade pré-escolar, os genitores pareciam não ter plena consciência do grande impacto do nascimento do segundo filho sobre a complexidade das interações familiares. Assim, eles tendiam a se sentirem menos preparados para as responsabilidades parentais do que

havia imaginado. A maioria dos genitores estava surpresa com o acréscimo de trabalho, envolvimento e gasto de tempo que uma nova criança trazia.

A chegada de uma criança modifica de uma só vez a organização familiar (organização material, distribuição do espaço e do tempo, etc.) e as relações entre os membros da família (Kreppner, Paulsen & Schuetze, 1982). Contudo, este não seria um processo abrupto, finito ou necessariamente concomitante ao evento em si. Para Kreppner e cols. (1982), a integração do segundo filho poderia ser pensada como uma longa cadeia de interações familiares ao longo das quais ocorreriam mudanças e trocas entre todos os membros da família. Deste modo, a família responderia a este evento mesmo antes que ocorresse de fato. Neste sentido, Bourguignon e cols. (1980) defendem que o período da gestação se constituiria em um momento importante de adaptação, permitindo a modificação da percepção da família por seus membros e o início da redefinição de seu funcionamento.

Endossando estas idéias, o estudo de Richardson (1981), realizado através de entrevistas com 14 gestantes norte-americanas (cinco esperavam o primeiro filho, cinco o segundo e quatro delas o terceiro ou quarto filho), revelou que a gestação era percebida como um período de grandes mudanças sociais, independente de quantos filhos as mulheres já possuíssem. Na redefinição de suas relações, a reorganização das atividades interpessoais e das responsabilidades entre os indivíduos apareceu como uma tarefa crítica. Neste sentido, as mães que já possuíam ao menos um filho, descreveram os relacionamentos estabelecidos com o marido e com os filhos como os mais problemáticos ao longo da gestação. Aproximadamente um terço das relações com o marido e metade das relações com os filhos foram apontadas como insatisfatórias, de modo que, na maioria das vezes, a mãe investia muito de sua energia nestas relações, encorajando mudanças na direção de suas expectativas.

Estes estudos apóiam a idéia de que a preparação para a chegada de um novo bebê começaria na gestação e envolveria alterações a nível individual, das relações e do sistema familiar (Gottlieb & Baillies, 1995). Assim sendo, cada membro da família (pai, mãe e primogênito) e, em especial suas relações (relação genitores-primogênito, relacionamento conjugal e o incipiente relacionamento fraterno), seriam afetadas de modo distinto (Dessen, 1997; Silveira, 2002). Além destas dimensões, segundo Dessen (1997), caberia destacar a importância da rede de apoio familiar, a qual, como todos os envolvidos no processo, precisaria reorganizar-se para receber o novo membro familiar. Assim, a gestação e a chegada do segundo filho trariam consigo a necessidade de adaptações constantes por parte de toda a rede complexa de relações da família. Sendo assim, embora

o foco no presente estudo seja a relação mãe-primogênito ao longo da gestação do segundo filho, é importante frisar que, a partir da perspectiva sistêmica, esta relação não é independente das demais relações familiares e, embora não seja fácil estudar simultaneamente todas as possíveis implicações relacionais da chegada do segundo filho, deve-se ter em mente as complexas influências em jogo.

### **A rede de apoio e a gestação do segundo filho**

A relação mãe-criança, além de estar envolvida por outras relações familiares (pai-criança, relação conjugal, relação fraterna), está também envolta pela rede de apoio maior (Dessen, 1997; Feiring & Lewis, 1978). Segundo estes autores, ao se estudar a adaptação familiar ao nascimento do segundo filho, é preciso considerar a influência de fatores que extrapolam o sistema familiar nuclear, incluindo a família extensa, os amigos, vizinhos, instituições de saúde, entre outros. A família extensa e a rede de apoio social mais ampla podem ser recursos importantes para a família nuclear tanto nos momentos em que a rotina predomina, quanto em períodos mais perturbados (Carter & McGoldrick, 2001). Em função do aumento do isolamento das famílias nucleares na atualidade, o apoio social pode ter um impacto significativo sobre a adaptação familiar e a manutenção de seu equilíbrio em períodos de transição decorrentes do nascimento de filhos (Dessen, 1997; Kreppner & cols., 1982).

Na pesquisa de Dessen e Braz (2000), que investigou a rede de apoio no momento do nascimento dos filhos em 15 famílias brasileiras, a grande maioria das mães relatou mudanças tanto antes quanto após o evento, sendo consideradas em sua maioria como alterações positivas. Dentre estas alterações, referiram: apoio psicológico; cuidados físicos e orientações sobre alimentação, gravidez e filhos; ajuda financeira; ajuda nas tarefas domésticas e no cuidado dos filhos; melhoria no relacionamento com o marido e com a família. Conforme Richardson (1981) apontara anteriormente, estas relações positivas e de apoio contrabalançariam as eventuais relações problemáticas vividas pelas mulheres com seus filhos e maridos neste período. O autor destacou também que, de modo geral, durante a gestação as mulheres percebiam suas relações com as figuras parentais como de maior confiança e ajuda do que as relações com os amigos. Dentre as figuras parentais destaca-se o papel da mãe da gestante como fonte de apoio no período do nascimento de filhos. Apesar do maior isolamento das famílias nucleares em relação a suas famílias de origem, as gestantes investigadas por Dessen e Braz (2000), destacaram o apoio recebido de suas próprias mães como um dos mais significativos, estando atrás apenas daquele recebido do marido.



Quando eficiente, o sistema de apoio fortaleceria emocionalmente a mulher a lidar com as demais dimensões de sua gestação e com o bebê quando este nascesse. As exigências percebidas pela mãe na relação com o primogênito, no momento da gestação e do nascimento do segundo filho, reforçam a importância de sua rede social (Richardson, 1983). Quanto mais assistida estivesse a mãe, mais apta estaria a fornecer o apoio necessário ao primogênito ao longo deste período de reorganização. A este respeito, em um estudo abrangendo 44 mães norte-americanas que possuíam de um a quatro filhos com idades de no máximo cinco anos, Jennings, Stagg e Connors (1991) encontraram que o fato de poder contar com uma rede de apoio abrangente e a satisfação das mães em relação a esta favoreceria comportamentos mais adequados das mães para com seus filhos, como por exemplo, comportamentos de menor controle intrusivo e mais elogios. Segundo os autores as mães que tinham suas necessidades emocionais atendidas de modo mais adequado eram, conseqüentemente, mais capazes de atender às necessidades emocionais de seus filhos, apresentando um estilo de interação mais caloroso e facilitador da autonomia das crianças. Outra possível explicação dos autores foi de que a ajuda recebida pela mulher provocasse uma diminuição no estresse materno, favorecendo seu funcionamento como mãe.

Destaca-se o papel central ocupado pelo marido dentre as figuras de apoio à gestante no período da gestação e do nascimento de um filho, no que se refere às famílias em que ele está presente. Ao se examinar este tema, é importante que se explicitem os diferentes papéis assumidos pelo homem junto ao grupo familiar, os quais incluem, minimamente, o papel parental (relação pai-filhos) e o papel conjugal (relação marido-mulher), como será discutido a seguir.

### **Os papéis parentais e a relação conjugal no contexto da gestação do segundo filho**

Parece haver um consenso na literatura de que a relação conjugal se constitui na principal fonte de apoio à mulher no período do nascimento de um filho (Belsky, 1981). Na pesquisa de Dessen e Braz (2000), mencionada anteriormente, todas as mães apontaram o marido como o mais importante na provisão de apoio durante a gestação e nos primeiros meses de vida do bebê. Dado o papel do marido neste período, a reorganização do relacionamento conjugal aparece como uma das principais tarefas no processo de adaptação à chegada de um filho (Tilmans-Ostyn & Meynckens-Fourez, 2000). É um desafio que exige uma renegociação do espaço vivido por cada um dos membros do casal. Para Richardson (1981), a percepção das mães sobre a relação com o marido sugere que cada nova gestação traz a necessidade de que ele se ajuste a seu papel de pai e, simultaneamente, a apoiar na redefinição de seu papel de mãe.

Especialmente após o nascimento do segundo filho, a complementaridade entre os genitores tornar-se-ia fundamental na busca de uma nova adaptação familiar. Com a sobrecarga de trabalho devida aos cuidados do bebê, tanto a atenção e o cuidado dos filhos, quanto a divisão de tarefas domésticas, precisariam ser redefinidas (Carter & McGoldrick, 2001; Dessen, 1997; Dessen & Braz, 2000). Para Carter e McGoldrick (2001), esta necessidade de negociação de tarefas e trabalhos aparece como o principal gerador de conflitos nos casais com crianças pequenas. Além disso, o pouco tempo a sós, as constantes demandas dos filhos e o excesso de preocupação dos pais, podem ameaçar os momentos de intimidade do casal. Neste sentido, o estudo de Bourguignon e cols. (1980), descrito anteriormente, mostrou um maior distanciamento entre o casal após o nascimento do segundo filho, o que poderia estar associado à intensificação dos papéis parentais em detrimento dos papéis conjugais na família.

Além disso, casais atravessando esta etapa do ciclo de vida familiar precisam lidar com questões de gênero e com o impacto do funcionamento dos papéis sexuais ainda preponderantes, como destacado por Carter e McGoldrick (2001). Muitas vezes a chegada de um bebê traz para a mãe a experiência de sentir-se sobrecarregada com a maior complexidade das tarefas e dos relacionamentos. Segundo as autoras, mesmo para os casais com duas carreiras, a transição para o nascimento de um filho tende, ainda hoje, a produzir uma reversão a uma divisão tradicional de papéis, com a mulher estando encarregada da maior parte da manutenção doméstica e do cuidado das crianças. A este respeito, Biernat e Wortman (1991), ao investigar de 139 casais norte-americanos com status profissionais semelhantes e com ao menos um filho com até cinco anos, relataram não haver uma transposição da igualdade de *status* vivida em seus empregos para a divisão das responsabilidades dentro de casa. No que se refere ao cuidado dos filhos, o envolvimento paterno foi alto apenas na área de brincadeira interativa. Tavecchio, Van-Ijzendoorn, Goossens e Vergeer (1984), investigando também a divisão de tarefas em 166 famílias holandesas com crianças pré-escolares, encontraram um padrão semelhante, de forma que, quando ambos os pais estavam em casa, o pai brincava mais com as crianças e preenchia um papel claramente recreativo e criativo na vida da família, enquanto que a mãe parecia desempenhar um papel de cuidado dos filhos e das tarefas domésticas. Esta forma de funcionamento pode se acentuar com o crescimento da família. Assim, Rustia e Abbott (1993), num estudo com 53 famílias norte-americanas com apenas um filho e 69 famílias com mais de um filho, encontraram uma diminuição progressiva no envolvimento paterno com o aumento no número de filhos. Os pais com um filho tendiam a assumir consistentemente mais responsabilidades por tarefas de cuidado, respondendo,

diferentemente dos demais, às expectativas maternas. Embora alguns destes estudos refiram-se a uma realidade situada há mais de uma década, acredita-se que a mudança nos padrões sexuais de funcionamento parental tende a ser lenta, não necessariamente acompanhando as expectativas e intenções dos casais atuais. Deste modo, mesmo a mulher tendo assumido um papel crescentemente mais ativo no mundo do trabalho, ela tende a continuar mais sobrecarregada com o mundo doméstico e familiar que os homens.

No que tange ao período gestacional, foco deste estudo, as mudanças na distribuição das tarefas parentais, assim como no relacionamento conjugal, parecem ser menos drásticas e, de certo modo, mais favoráveis. Quanto à qualidade do relacionamento conjugal neste período, Dessen e Braz (2000) relataram que, diferentemente do período pós-parto, durante a gestação haveria uma tendência a uma melhoria no relacionamento conjugal. Conforme Richardson (1981), ao longo da nova gestação haveria uma diminuição na satisfação materna a respeito da relação mãe-primogênito, enquanto que a relação conjugal tenderia a ser percebida como gradualmente mais gratificante. A este respeito, Stainton (1994) sugere que, com a redução das atividades da gestante, associada à crença popular segundo a qual a mulher grávida não pode fazer esforço para não prejudicar o bebê, o marido poderia vir a se envolver mais nas atividades de cuidado dos filhos e da casa durante a gestação, favorecendo a satisfação materna para com este. Contudo, este comportamento tenderia a se extinguir após o nascimento do bebê. Esta tendência foi corroborada por Dessen e Braz (2000) que, comparando oito gestantes no segundo ou terceiro trimestre de gestação com sete mães com filhos recém-nascidos, relataram que apenas os maridos do grupo das gestantes tendiam a auxiliar nas tarefas domésticas. Com isso, a satisfação materna com relação ao apoio recebido do marido foi maior no período gestacional do que nos seis primeiros meses após o nascimento do bebê.

A idéia de se destacar a relação conjugal em um estudo sobre a relação mãe-criança é de relevância devido ao íntimo entrelaçamento destes dois subsistemas. A este respeito, parece razoável conjecturar que um relacionamento conjugal positivo vincule-se a características positivas da relação genitor-criança, assim como seu reverso (Dessen, 1997). O apoio fornecido pelo marido à esposa teria um efeito indireto potencialmente importante para a compreensão do bem-estar materno e da relação mãe-criança (Feiring & Lewis, 1978). Os autores argumentam que uma relação conjugal estável e feliz tende a ser associada com uma criação afetuosa e acalentadora dos filhos, enquanto que uma relação conjugal infeliz pode gerar ansiedades e estresse aos pais, o que pode se refletir em práticas pouco adequadas de criação dos filhos. Por outro lado, Newcombe (1999) destaca que os

pais que experienciam uma relação conjugal pouco satisfatória podem acabar, compensatoriamente, envolvendo-se mais na criação dos filhos.

Com relação ao ajustamento do primogênito ao nascimento de um irmão, a suposição é de que este estaria ligado, em parte, à qualidade do meio familiar, o que inclui a relação conjugal. A este respeito, Teti, Sakin, Kucera, Corns, e Eiden (1996), estudando o apego de primogênitos pré-escolares, em uma amostra de 194 famílias norte-americanas que esperavam o segundo filho, encontraram que tanto o envolvimento afetivo mãe-primogênito, quanto a qualidade da relação conjugal no período pré-parto, relacionaram-se significativamente aos escores de segurança de apego do primogênito após o nascimento do irmão. Estes achados são reforçados pela pesquisa de Volling, McElwain e Miller (2002) a respeito do ciúme em 60 pares de irmãos norte-americanos - o mais velho com idade pré-escolar e o mais novo com 16 meses de vida. Na situação eliciadora de ciúme com a mãe e o irmão mais novo, a interação conjugal positiva foi o único preditor familiar significativo da habilidade do primogênito em regular seus comportamentos de ciúme. Os autores sugeriram que a relação conjugal mais adaptativa tenderia a modelar uma forma de resolução de problema para os filhos que os tornaria mais aptos a lidar com os conflitos e ciúmes entre eles. Outra possibilidade é que uma maior troca de afeto e amor nestas famílias reduziria os sentimentos de ciúmes entre os irmãos.

### **O primogênito no contexto da gestação do segundo filho**

O nascimento de um irmão constitui-se em um ponto de transição que afeta todos os subsistemas familiares, contudo, o impacto mais acentuado parece ser sentido pelo primogênito (Dessen, 1994). O que acontece com os demais membros da família importa sobremaneira para uma criança pequena. As interações familiares das quais ela é participante não são emocionalmente neutras, mas possuem um grande significado afetivo para a criança (Dunn & Munn, 1985). Embora outras mudanças estejam certamente ocorrendo na família durante este período de transição, o nascimento de um irmão é de interesse e possui um impacto direto na vida das crianças (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004). Com o nascimento do segundo filho, o ambiente social do primogênito passaria por mudanças profundas: sua relação com os genitores se alteraria de modo importante e a criança passaria a conviver com um novo indivíduo que se apresenta pouco preparado para interagir com ele (Dunn & Kendrick, 1986).

Os primeiros estudos focalizando o processo de adaptação do primogênito ao nascimento de um irmão datam da década de 1980, destacando-se, como marco, a pesquisa de Dunn e Kendrick (1980, 1981a, 1981b, 1986). As pesquisadoras acompanharam 40

famílias inglesas com um filho primogênito, com idade entre 18 e 43 meses, desde o último trimestre gestacional do segundo filho até 14 meses após seu nascimento. Através de observações diretas na casa das famílias e de entrevistas com as mães, constataram que o nascimento do irmão possui um efeito dramático sobre as condutas do primogênito, de forma que quase todas as crianças observadas mostraram sinais de transtorno e descontentamento. De acordo com os relatos das mães, após o nascimento do irmão, a grande maioria dos primogênitos passou a apresentar mais condutas caprichosas e travessuras, aumento na dependência e na propensão ao choro e comportamentos imitativos do bebê (fala infantilizada, pedido de colo, retrocesso na aprendizagem de hábitos de toalete). Além disso, alguns primogênitos apresentaram aumento de introversão e problemas relacionados ao sono. Entretanto, estes comportamentos eram também acompanhados de demonstrações de carinho e interesse pelo bebê.

Esta resposta ambivalente do primogênito frente ao nascimento de um irmão foi corroborada por outros autores com famílias norte-americanas (Field & Reite, 1984; Stewart, Mobley, Van-Tuyl & Salvador, 1987). Seus achados apontaram que, embora as crianças relatassem sentimentos positivos com relação à chegada do irmão (no período pré-parto) e ao bebê (após seu nascimento), os primogênitos apresentaram alterações no seu comportamento, incluindo aumento nos comportamentos de confrontação/agressão com a mãe e o bebê, nas demonstrações de ansiedade e nos comportamentos imitativos do bebê.

De qualquer modo, parece não haver um padrão único de comportamentos negativos ou positivos do primogênito com relação ao nascimento de um irmão. As mesmas crianças que apresentavam inquietação e transtornos podiam apresentar, também, comportamentos de maior independência e autonomia (assumindo o papel de “irmão mais velho”). Assim, a maioria das mães do estudo de Dunn, Kendrick e MacNamee (1981) relatou sinais de que o filho estaria mais “crescido” e independente. Tais sinais incluíram: passar mais tempo brincando sozinho, deixar de usar a mamadeira e insistir em comer, vestir-se e ir ao banheiro sozinho. Segundo Walz e Rich (1983), este incremento na maturidade do filho mais velho poderia ser compreendido como algo estimulado pelas próprias mães, visando redistribuir o tempo frente às novas demandas previstas.

No que se refere à realidade brasileira, o estudo de caso relatado por Dessen e Mettel (1984), realizado com uma família de classe média, antes e após o nascimento do seu segundo filho, apontou aspectos semelhantes aos mencionados anteriormente. Através de entrevistas, observação direta e gravação em áudio na casa da família, foi percebido que, embora o primogênito (de dois anos e meio) parecesse aceitar bem o irmão, emitindo comportamentos de carinho e de ajuda nos cuidados do bebê, ele apresentou,

concomitantemente, um aumento nas exigências em direção à mãe, aumento na agressividade em direção ao pai e problemas de sono e de toailete.

Em uma pesquisa mais recente, realizada com base em um banco de dados longitudinal envolvendo famílias norte-americanas, Baydar, Hyle e Brooks-Gunn (1997) relataram que o nascimento de um filho trouxe um aumento significativo nos problemas socioemocionais (ansiedade/depressão, teimosia, hiperatividade, conflito com pares e dependência) de primogênitos em idade escolar inicial. Mais grave ainda, contudo, foi o efeito percebido na auto-estima dos primogênitos, o qual foi três vezes mais intenso e duradouro que os problemas socioemocionais, sendo o maior impacto sentido por crianças de família menos favorecidas economicamente.

Percebe-se que a literatura ainda não apresenta unanimidade quanto às mudanças no comportamento do primogênito frente ao nascimento do irmão. Enquanto a maioria dos estudos mencionados mostra um aumento de comportamentos negativos concomitantes a demonstrações de carinho e interesse pelo irmão (Baydar, Hyle & cols., 1997; Dessen & Mettel, 1984; Dunn & Kendrick, 1980, 1986; Field & Reite, 1984; Stewart & cols., 1987), a pesquisa de Dunn e cols. (1981) revela uma mistura de comportamentos tanto negativos como positivos (incremento na maturidade) por parte do primogênito neste momento.

Apesar do grande impacto relatado quando do nascimento de um irmão, conforme Kreppner e cols. (1982), a maioria dos primogênitos tenderia a apresentar, com o passar dos meses, um gradual retorno aos padrões anteriores de funcionamento. Em uma perspectiva sistêmica e holística do desenvolvimento familiar, estes autores estimaram que dois anos seria o tempo necessário para que o grupo familiar pudesse reestruturar-se. Esta sugestão baseou-se em seu estudo realizado com 16 famílias alemãs acompanhadas desde o nascimento do segundo filho até o seu segundo ano de vida, através de entrevistas com os genitores e observações filmadas na casa das famílias. Dois anos seria o período necessário para que se estabelecessem novas identificações, papéis e funções familiares adequados ao novo funcionamento do grupo familiar.

Apesar desta tendência das famílias a reencontrarem seu equilíbrio com o passar do tempo, a reação inicial do primogênito ao nascimento do irmão, incluindo o período gestacional, pareceria servir como um organizador da qualidade afetiva da relação fraterna durante a infância inicial e os anos pré-escolares do segundo filho (Dunn & Kendrick, 1986). Estes autores relataram que nas famílias em que o primogênito era frequentemente descrito como preocupado e introvertido antes do nascimento do irmão, havia uma tendência a que se mantivesse este padrão e que as interações com o irmão 14 meses após seu nascimento fossem menos afetuosas e amistosas do que aquelas experienciadas por

crianças que expressavam mais espontaneamente suas frustrações através de “crises de raiva” passageiras. A este respeito, Kramer (1996), estudando 30 famílias norte-americanas desde o último trimestre de gestação da mãe até o sexto mês de vida do segundo filho, através de sessões de jogo do primogênito com um amigo, diários e entrevistas com as mães e filmagens das interações entre os irmãos, encontrou evidências de que as crianças que expressaram mais suas preocupações através da brincadeira fantasiosa com o amigo, durante a gestação materna, tendiam a ter relações mais harmoniosas com seus irmãos após o nascimento deste.

Na verdade, a espera do irmão que vai nascer poderia já ter seu impacto mesmo antes de ocorrer de fato, tanto no período da gestação, quanto durante a hospitalização da mãe para o parto. Field e Reite (1984), por exemplo, constataram um incremento nas taxas de batimento cardíaco, na fala, no choro, na brincadeira fantasiosa e uma agitação generalizada por parte do primogênito no período de hospitalização da mãe para o parto do irmão. O aumento na brincadeira fantasiosa, assim como a criação de um amigo imaginário teria uma função terapêutica, auxiliando a criança a lidar melhor com a situação. Segundo os autores, embora as mudanças tenham sido percebidas após o afastamento da mãe para a hospitalização, estas não estariam relacionadas unicamente à separação mãe-primogênito, mas também à antecipação feita pela criança do novo bebê e da alteração em seus relacionamentos. A este respeito, Dunn e Kendrick (1986) afirmaram que, mesmo nos casos em que o parto ocorreu na própria casa da família, os acontecimentos que rodeavam o nascimento foram suficientes para distorcer a relação entre os pais e o primogênito e romper com sua harmonia.

Endossando estas idéias, os achados do estudo de Stewart e cols. (1987) revelaram que o impacto do nascimento do irmão já seria sentido mesmo antes de sua chegada, de forma que os relatos maternos referentes ao ajustamento do primogênito foram bastante similares entre o último mês pré-parto e o primeiro mês pós-parto. Gottlieb e Mendelson (1990) estudando uma amostra canadense de 50 primogênitos com idade entre dois e cinco anos cujas mães estavam grávidas do segundo filho, relataram que o nível de aflição sentida antes do nascimento do irmão foi o melhor preditor isolado da aflição expressa pelo primogênito nos meses seguintes ao seu nascimento, resultado este mais tarde confirmado por Gottlieb e Baillies (1995) em um estudo similar com uma amostra de 80 famílias. Neste sentido, as interações e relações familiares anteriores ao nascimento do bebê desempenhariam um importante papel no ajustamento do primogênito após o nascimento do irmão (Dunn & Kendrick, 1986; Teti & cols., 1996).

No estudo brasileiro de Dessen e Mettel (1984), já referido, as alterações no comportamento do primogênito também puderam ser percebidas pela mãe desde a época em que ele foi informado sobre o nascimento do irmão. As mudanças envolveram alterações no controle vesical noturno, nas exigências com relação à mãe e em comportamentos específicos como birra e uso de chupeta. A este respeito, Gottlieb e Baillies (1995) referiram que a fase intermediária da gestação seria, de modo geral, o momento em que é contado para a criança sobre a gestação e quando a mãe e a criança começariam a “concretizar” a realidade do bebê. Nesta etapa da gestação, eles constataram que todas as crianças estavam mais dependentes do que na fase seguinte, com destaque para os meninos, que passaram a resistir mais à separação e a demonstrar mais agressividade. Seria o início do complexo processo de tornar-se irmão, que pode minar temporariamente a segurança e confiança do primogênito, que passa a requerer mais atenção e apoio dos pais. Contudo, todas estas alterações foram modestas, de modo que, ao comparar o grupo de crianças cujas mães esperavam o segundo filho e o grupo de crianças que não esperavam um irmão, houve relativamente pouca diferença. Uma possível explicação seria de que as mães, ao prepararem o filho para receber o irmão e ao se prepararem para lidar com duas crianças, estivessem menos aptas a captar a aflição do primogênito, particularmente com a proximidade do parto. Ou ainda que, de fato, as alterações só sejam perceptíveis após o nascimento do bebê.

Deste modo, embora o nascimento de um irmão constitua-se em uma transição crítica na vida do primogênito, esta pode não ser percebida como uma preocupação saliente em suas vidas diárias. Assim sugeriu Kramer (1996), com base no relato das mães de primogênitos para quem o nascimento do irmão não era uma preocupação predominante. Apenas 7% dos primogênitos apresentaram preocupações com relação direta e óbvia ao nascimento do irmão, sendo mais comum preocupações referentes a medos específicos, eventos iminentes e, inclusive outros eventos positivos (passeios, festas, etc.).

Percebe-se que, embora os dados referentes aos comportamentos do primogênito no período gestacional não sejam tão contundentes quanto aqueles do período posterior ao nascimento do irmão, já neste período, seriam observáveis algumas mudanças nos comportamentos do primogênito. Comportamentos negativos, similares aos observados no período pós-parto, foram apontados por Dessen e Mettel (1984) e por Gottlieb e Baillies (1995) logo após o primogênito ter sido informado da gestação, tendendo a se intensificar com o afastamento da mãe para a hospitalização (Field & Reite, 1984). Contudo, ainda não há consenso na literatura de que estas mudanças sejam realmente expressivas e observáveis durante a gestação. Neste sentido, o estudo de Kramer (1996) indicou que a gestação e a



iminente chegada do irmão não seriam percebidas como uma preocupação manifesta na vida diária dos primogênitos, de modo que, conforme Gottlieb e Baillies (1995), haveria uma diferença muito pequena entre os comportamentos de crianças cujas mães estavam grávidas do segundo filho e aquelas que não experienciavam este processo. Segundo os autores, esta situação só se alteraria mais intensamente após o nascimento do irmão.

A experiência de tornar-se irmão é vivida de modo muito variado entre as crianças e a intensidade de sua reação ao evento não pode ser predita apenas a partir do evento em si, mas responde a um intercâmbio entre aspectos biológicos, pessoais, situacionais e relacionais (Gottlieb & Baillies, 1995). A idade e o sexo da criança são dois fatores que afetam sua resposta e suas habilidades em lidar com a situação. No que tange à idade parece haver um consenso de que crianças menores (entre um e seis anos) tendem a reagir mais negativamente ao nascimento de um irmão do que crianças que já se encontram na terceira infância (entre seis e doze anos). Conforme Kramer e Ramsburg (2002), crianças relativamente mais velhas possuem habilidades sociais e cognitivas mais bem desenvolvidas que lhes permitiriam entender e tolerar melhor algumas mudanças familiares neste momento de transição. Além disso, Baydar, Hyle e cols. (1997) sugeriram que quando as crianças são maiores, a natureza das interações familiares já estaria mais estabelecida, sendo menos vulnerável ao nascimento de um irmão.

Contudo, mesmo entre as crianças pequenas, parece não haver um padrão uniforme de respostas neste período. Assim, alguns autores sugerem que crianças em idade pré-escolar (entre três e seis anos) apresentariam um risco maior de experienciar dificuldades no ajustamento durante a transição para a “irmandade” do que crianças menores (Richardson, 1983; Teti & cols., 1996). Conforme Richardson (1983), ao final da gestação, as mães de crianças muito pequenas assim como de crianças em idade escolar relataram relações mais satisfatórias com seus filhos do que as mães de pré-escolares. As crianças nesta última faixa etária apresentaram comportamentos como fala infantilizada, pedido de mamadeira, de comida de bebê e de colo, acidentes de toalete e confrontação com a mãe com maior intensidade e frequência que as demais. Reforçando estes achados, Teti e cols. (1996) relataram que crianças pré-escolares apresentaram declínios mais dramáticos nos escores de segurança do que as crianças menores que dois anos. Isto poderia estar vinculado ao fato de que as crianças muito pequenas, por carecerem de uma sofisticação sócio-cognitiva, não seriam capazes de prever o impacto do nascimento do irmão em suas vidas, não o percebendo como fonte de ameaça.

Quanto aos comportamentos específicos entre as crianças pré-escolares, os achados de Stewart e cols. (1987) revelaram que, frente ao nascimento do irmão, crianças mais

velhas (três a cinco anos) passaram a utilizar mais da imitação dos bebês através da fala infantilizada, enquanto que crianças menores (dois a três anos) tiveram mais problemas de abandono de hábitos adquiridos de alimentação e toalete, uso de objetos de segurança e pedido de mamadeira. Nesta mesma linha, Dunn e cols. (1981) encontraram que as crianças menores tendiam a se tornar mais dependentes, apresentando mais comportamentos de estar “agarradas”, passar mais tempo no colo e próximas à mãe. A reação das crianças menores pareceria dever-se mais a um aumento em sua ansiedade do que a comportamentos intencionais (Stewart & cols., 1987).

Com relação ao sexo das crianças, as diferenças na reação ao nascimento do irmão e na interação fraterna tendem a ser menores do que as diferenças referentes à idade (Abramovitch, Corter, Pepler & Stanhope, 1986). Diversos estudos indicaram que a reação ao nascimento de um irmão, assim como o tom afetivo da relação fraterna seria mais positivo e estável nas díades de irmãos do mesmo sexo do que nas díades mistas. Crianças que vivenciaram o nascimento de um irmão do mesmo sexo apresentaram um melhor ajustamento (Dunn & cols., 1981) e menores níveis de comportamentos imaturos e dependentes que crianças que tiveram um irmão do sexo oposto (Baydar, Hyle & cols., 1997). Parece que quando se trata do relacionamento fraterno, as crianças tendem a se mostrar mais cooperativas e afetivas (Abramovitch & cols., 1986; Silveira, 2002) e menos agressivas quando possuem irmãos do mesmo sexo (Dunn & Kendrick, 1981a). Interações menos positivas entre irmãos de sexos diferentes podem resultar de interesses e atividades crescentemente tipificados conforme o gênero. Além disso, Corter, Abramovitch e Pepler (1983) relataram que as mães tendem a ser menos consistentes no tratamento positivo de irmãos de sexos diferentes, o que poderia favorecer a uma maior tensão nestas díades. Outra possível explicação estaria na tendência apresentada pelas mães de demonstrarem mais atenção e interagirem mais com o segundo filho quando este não é do mesmo sexo que o primogênito, o que levaria a maiores níveis de rivalidade fraterna (Dunn & Kendrick, 1981a; Jacobs & Moss, 1976).

Um único estudo foi encontrado retratando um padrão contrário. No estudo de Stewart e cols. (1987), as díades do mesmo sexo apresentaram mais problemas de adaptação ao nascimento do irmão e mais problemas durante os dois anos seguintes ao nascimento do que díades mistas. A explicação sugerida pelos autores seria de que crianças do mesmo sexo, por requererem formas de interações e brincadeiras semelhantes, apresentariam maior rivalidade.

Considerando-se apenas o sexo do primogênito, este parece também influenciar sua reação à gestação e ao nascimento do irmão. De modo geral, a literatura tem apontado que

as meninas, como irmãs mais velhas, seriam mais cooperativas e afetuosas, menos hostis e agressivas em direção a seus irmãos do que os meninos (Dunn & cols., 1999; Silveira, 2002). Após o nascimento do irmão, os meninos demonstraram uma maior tendência a se tornarem emocionalmente retraídos (Dunn & cols., 1981), ao passo que as meninas expressaram mais excitação e interesse com relação ao novo bebê (Kramer, 1996), além de tenderem a interagir mais e de forma mais positiva com o irmão (Lamb, 1978). Importante lembrar que estas diferenças entre os sexos podem estar refletindo as expectativas sociais e do senso comum a respeito dos comportamentos esperados para meninos e meninas (Silveira, 2002). No estudo de Kowaleski-Jones e Dunifon (2004), no período que antecedeu ao nascimento do segundo filho, as meninas receberam relativamente mais apoio emocional e estimulação cognitiva do que os meninos, que passaram a receber estimulação e apoio em níveis inferiores aos anteriormente observados. Isto sugere, segundo os autores, que a relação do menino com os pais, mesmo antes do nascimento do irmão, poderia estar mais abalada que a relação estabelecida entre os pais e a filha menina.

### **A relação mãe-primogênito no contexto da gestação segundo filho**

Dimensões importantes da relação do primogênito com seus genitores podem mudar de forma intensa com o nascimento do irmão (Baydar, Greek & Brooks-Gunn, 1997). Estas mudanças podem ocorrer tanto a um nível comportamental quanto a um nível mais abstrato, incluindo as percepções e emoções dos envolvidos. A frequência e a qualidade afetiva das interações e o estilo disciplinar dos pais seriam alguns aspectos afetados nesta transição, os quais poderiam estar mediando a reação do primogênito ao nascimento do irmão. A este respeito, Stewart e cols. (1987) afirmaram que as mudanças no comportamento do primogênito, apontadas anteriormente, seriam estratégias para reaver as interações e a atenção desfrutada até o momento com os pais.

Segundo Kowaleski-Jones e Dunifon (2004), o impacto do nascimento de um segundo filho sobre as interações genitores-primogênito seria mais intenso do que aquele provocado pelo processo de separação ou divórcio parental. Além de provocar significativamente mais mudanças na interação, seus efeitos poderiam ser percebidos tanto antes quanto durante a ocorrência do evento, o que não ocorreria no caso do divórcio.

O principal impacto da gestação e do nascimento do segundo filho parece ser sentido no relacionamento do primogênito com a mãe, uma vez que alterações devido à gravidez, o afastamento para a hospitalização, e, de modo marcante e prolongado, as demandas do recém-nascido desorganizariam a relação. Conforme relatado em diversos estudos (Dunn & Kendrick, 1980, 1986; Field & Reite, 1984; Stewart & cols., 1987), após

a chegada do segundo filho, houve uma diminuição acentuada nas interações mãe-primogênito, na atenção materna e no tempo que ocupavam em brincadeiras e jogos conjuntos. Ao mesmo tempo, Dunn e Kendrick (1980, 1986) perceberam um aumento na incidência de enfrentamentos mãe-primogênito e de proibições e repreensões maternas. Quanto à tomada de iniciativa para as interações, estes autores apontaram uma diminuição na iniciação materna de interações positivas com a criança (i.e. atenção mútua, jogo compartilhado e conversações) e um aumento significativo no número de interações verbais negativas iniciadas pela mãe. Frente a isso, o primogênito passaria a assumir relativamente maior responsabilidade pela iniciação de interações positivas de conversação e brincadeira com a mãe.

A princípio, parece totalmente plausível que as mudanças no comportamento da mãe para com o primogênito (i.e. diminuição na atenção e no jogo) sejam conseqüências diretas da atenção dispensada por ela ao novo bebê. Contudo, os achados de Dunn e Kendrick (1986) mostraram um quadro mais complexo. Era justamente nos momentos em que a mãe estava ocupada com o bebê (i.e. alimentando-o, com ele no colo, trocando-o ou brincando com ele) que passava mais tempo compartilhando a atenção com o primogênito e jogando com ele, assim como, era também nestes momentos que ocorria a maioria das interações negativas mãe-primogênito. O aumento dos enfrentamentos e das proibições só ocorria nos momentos em que a mãe se ocupava do bebê, o que estaria vinculado a um aumento na desobediência e na agressão do primogênito após o nascimento do irmão. De fato, os achados de Dunn e Kendrick (1980) apontam que nestes momentos o primogênito tendia a estar mais exigente, desobediente e deliberadamente “manhoso” – comportamentos três vezes mais prováveis de ocorrer quando a mãe estava ocupada com o bebê do que quando estava sem ele. Apoiando estes achados, Dessen e Mettel (1984) encontraram que a diminuição nas interações mãe-criança (i.e. atenção, emissão de categorias verbais e brincadeira conjunta) ocorria nos momentos em que o bebê não estava presente. Assim, os momentos em que mãe se ocupava do bebê não eram momentos em que ignorava seu filho mais velho, de modo que a diminuição da interação mãe-primogênito refere-se aos momentos em que a mãe não está envolvida com o novo bebê. Isto pode ser compreendido em um contexto de sobrecarga de trabalho e conseqüente fadiga, típicos do período pós-parto.

Frente à diminuição nas interações mãe-primogênito, o pai desempenha um papel fundamental na busca pelo equilíbrio do sistema, podendo suprir as deficiências experienciadas no relacionamento da mãe com o primogênito (Dessen, 1997). A autora destaca a distribuição da atenção entre os filhos como a principal tarefa familiar de

adaptação ao nascimento do segundo filho. Frente à grande alteração na disponibilidade da mãe, o pai tende a se ajustar às necessidades da família e a aumentar sua contribuição relativa, mantendo níveis estáveis de interação com o primogênito (Stewart & cols., 1987), ou ainda, passando a iniciar mais interações com este (Dessen & Mettel, 1984; Kreppner, 1988). Isto parece refletir uma distribuição típica dos cuidados dos filhos entre os progenitores, em que o pai desempenha um papel secundário com relação às crianças pequenas, mas pode aliviar a tarefa da mãe em relação aos filhos mais velhos (Dessen & Mettel, 1984). Como afirmaram Trause e Irvin (1992), se a mãe está fisicamente ou emocionalmente distante após o nascimento do segundo filho, o pai poderia proporcionar uma continuidade na vida emocional do primogênito. Stewart e cols. (1987) acrescentaram que este aumento do envolvimento paterno após o nascimento do segundo filho seria, em parte, uma resposta às demandas do primogênito, o qual passaria a buscar atenção de fontes alternativas à mãe. Já no período pré-parto, os autores perceberam uma diminuição nos comportamentos do primogênito em direção à mãe e um aumento do direcionamento de seus comportamentos para o pai.

A importância do pai neste momento foi também confirmada pelos achados de Dunn e Kendrick (1986) ao revelarem que nas famílias onde o primogênito tinha uma relação intensa e próxima com o pai, o aumento de conflito mãe-primogênito e a diminuição da atenção entre ambos foram significativamente menos intensos do que nas famílias onde o primogênito não possuía uma relação estreita com o pai. Segundo os autores, nestes casos o pai seria capaz de cuidar e distrair o primogênito de modo eficaz, de forma que a criança ficasse menos aborrecida com o envolvimento da mãe com o bebê. Neste mesmo sentido, Legg, Sherick e Wadland (1974) haviam encontrado que o envolvimento do pai com o primogênito estaria relacionado diretamente com o nível de ajustamento feito pela criança em relação ao afastamento temporário da mãe (para a hospitalização) e com o grau de aceitação do irmão após seu nascimento.

Redirecionando o foco para a relação mãe-primogênito, pesquisas longitudinais mais recentes, com grandes amostras norte-americanas de crianças em idade pré-escolar e escolar inicial que experienciaram a transição do nascimento de um irmão, corroboram e amplificam os achados descritos anteriormente. O estudo de Teti e cols. (1996), mencionado anteriormente, revelou um declínio acentuado na segurança de apego das crianças pré-escolares após o nascimento do irmão, caracterizando uma ruptura na relação mãe-criança neste momento. Conforme os pesquisadores, aquelas crianças inicialmente seguras tendiam a recuperar seus níveis de segurança ao longo do tempo. Contudo, as

crianças que já experienciavam um apego pouco seguro no período anterior ao nascimento do irmão, poderiam vir a ter sua segurança abalada de um modo mais duradouro.

Em outra perspectiva, levando em consideração as variações de nível socioeconômico das famílias, Baydar, Hyle e cols. (1997) encontraram evidências de que a redução nas interações positivas mãe-primogênito e o aumento no uso de práticas disciplinares controladoras após o nascimento do segundo filho foram mediados pela redução no bem-estar econômico da família. Segundo os autores, o declínio na renda familiar deveu-se, de modo geral, à diminuição no tempo de trabalho executado pela mãe fora de casa e ao aumento nos gastos da família com a chegada do bebê. Com isso, pode-se esperar que crianças de famílias pouco favorecidas financeiramente estejam mais vulneráveis ao impacto negativo do nascimento de um irmão.

Entretanto, se, por um lado, a redução no emprego materno e na renda familiar pode prejudicar os recursos fornecidos ao primogênito, por outro, estes podem ser contrabalançados com a maior disponibilidade materna. Conforme Kowaleski-Jones e Dunifon (2004), concomitantemente à diminuição das interações afetivas mãe-primogênito, o nascimento do segundo filho poderia ser acompanhado por um aumento na provisão de atividades de aprendizagem para o filho mais velho. Além disso, a estabilidade familiar também esteve associada, em curto prazo, ao nascimento do irmão (Baydar, Greek & cols., 1997). As crianças que vivenciaram o nascimento de um irmão apresentaram menos probabilidade de experimentar a separação ou o divórcio dos pais.

No que se refere à relação mãe-primogênito após o nascimento do segundo filho, percebe-se haver, ainda, incongruências na literatura quanto às mudanças sofridas com o nascimento do segundo filho. Embora haja evidências de uma diminuição na frequência e na qualidade afetiva das interações mãe-primogênito após o nascimento do segundo filho (Dunn & Kendrick, 1980, 1986; Field & Reite, 1984; Stewart & cols., 1987), alguns autores (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004) encontraram uma maior disponibilidade materna e um aumento na provisão de atividades de aprendizagem ao primogênito neste período.

Os estudos examinados destacaram o impacto do nascimento do segundo filho sobre a relação genitores-primogênito com enfoque especial à relação mãe-primogênito no período pós-parto. Entretanto, há indicações de que esta relação altere-se ainda na gestação e que estas alterações difiram daquelas ocorridas após o nascimento do segundo filho (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004). Os estudos referentes ao período gestacional, tendem a tomar como foco as preocupações e angústias vividas pela gestante a partir de um enfoque, predominantemente, psicanalítico (Bourguignon & cols., 1980; Jenkins, 1976;

Richardson, 1983; Walz & Rich, 1983). Segundo estas pesquisas, as principais preocupações maternas no período da gestação incluíam a perda da relação especial mãe-primogênito, a promoção da aceitação do bebê por parte do primogênito (Richardson, 1983; Walz & Rich, 1983) e, com referência a seu papel de mãe, preocupações quanto a suas capacidades físicas e afetivas de satisfazer as necessidades das duas crianças e amá-las igualmente (Jenkins, 1976; Murphy, 1993).

Segundo Richardson (1983), o sentimento de distância emocional, constituiu-se em um dos principais temas abordados pelas mães ao retratar sua relação com o primogênito durante a gestação. Conforme o autor, as mães relataram não compreender a criança, de modo que não podiam prever sua reação e seus comportamentos neste período. Somado a isso, a necessidade crescente de contar com outras pessoas para o cuidado do primogênito e o seu envolvimento com outros cuidadores era vivido com tristeza pela mãe, que sentia como se estivesse perdendo seu lugar especial dentre as relações do filho. O pesquisador destacou também que, no final da gestação, as mães estariam sobrecarregadas e menos aptas a lidar com o primogênito, o qual se tornava crescentemente exigente e mal-comportado. Neste período, a relação com o primogênito foi percebida pelas mães como predominantemente insatisfatória. Na verdade, já ao longo da gestação era evidente para as mães que as crianças percebiam desde cedo que sua posição na família estava em risco, sendo que todas elas relataram algum grau de resistência do primogênito ao nascimento do irmão.

A aceitação do bebê pelo primogênito e a reformulação do relacionamento mãe-primogênito foram também destacadas pelas participantes do estudo de Walz e Rich (1983). Segundo os autores, nos três dias de internação hospitalar subseqüentes ao nascimento do segundo filho, a relação mãe-primogênito tornara-se fonte de grandes preocupações para as mães. Com o nascimento do bebê, elas previam um rompimento na relação diádica íntima e exclusiva com o primogênito, o que era vivenciado com sofrimento. Em acréscimo, o primogênito lhes parecia vulnerável e necessitando de cuidados especiais para adaptar-se a este período. Os autores apontaram que as mães despendiam considerável tempo e energia buscando a aceitação do segundo filho por parte do primogênito, seja através da preparação da criança para o nascimento do irmão, seja através da inclusão do primogênito nos eventos referentes à chegada do bebê. Assim, a aceitação do bebê, também destacada por Richardson (1983), foi a tarefa chave apontada pelas mães para a realização do seu ideal de maternidade, dependendo disso para uma incorporação bem sucedida do novo membro à vida da família e para a reformulação dos papéis e das relações familiares.

Em termos de apoio emocional, a chegada de um novo bebê poderia ser precedida de um aumento nas interações genitores-primogênito, como forma de preparar a criança para o iminente nascimento. Os achados de Kowaleski-Jones e Dunifon (2004) sugerem que no período anterior ao nascimento de um irmão, em acentuado contraste com o período pós-parto, ocorreria um aumento na atenção destinada ao primogênito, o que favoreceria seu bem-estar sócio-emocional. A importância de tal evidência encontra-se no fato de que, conforme Gottlieb e Mendelson (1990), o apoio materno<sup>2</sup> durante a gestação, somado ao nível de aflição do primogênito neste período e ao apoio paterno no período pós-parto, esteve diretamente relacionado à aflição sentida pelo primogênito após o nascimento do bebê. Dunn e Kendrick (1986) e Teti e cols. (1996) endossam esta idéia ao afirmarem que o apoio parental e o envolvimento afetivo da mãe com o primogênito ainda na gestação beneficiariam o ajustamento da criança que, como consequência, apresentaria menores níveis de estresse no período pós-parto. Em contrapartida, algumas evidências sugerem que primogênitos que experienciaram mais confrontação com a mãe (i.e. proibições e limitações frequentes) no período pré-natal, tenderam a reagir mais negativamente ao nascimento do bebê (Dunn & Kendrick, 1986). Isto indica que as experiências e sentimentos do primogênito no período da gestação podem ser importantes indicadores quanto à sua reação ao nascimento do irmão.

Percebe-se que, no que tange à gestação do segundo filho, ou seja, o período pré-parto, os estudos são mais escassos que aqueles referentes ao pós-parto e menor é a clareza a respeito de seu impacto sobre a relação mãe-primogênito. Quanto às percepções e emoções das gestantes, destacam-se o sentimento de perda da relação especial mãe-primogênito e a busca da aceitação do bebê por parte do primogênito (Richardson, 1983; Walz & Rich, 1983). Contudo, a um nível mais comportamental, nota-se não haver consenso entre os autores. Enquanto Kowaleski-Jones e Dunifon (2004) indicaram o período pré-parto como um período de aumento na atenção e apoio destinado à criança e consequente melhora no seu bem-estar sócio-emocional, Richardson (1983) indicou um quadro diferenciado. Segundo o autor, tanto a mãe como a criança não se encontraria em um momento favorável para sua relação. Devido à fadiga e pouca disponibilidade da mãe, assim como ao aumento nos comportamentos de exigências e irritabilidade do primogênito, haveria um crescente descontentamento das gestantes para com a relação estabelecida com o primogênito ao longo da gestação.

---

<sup>2</sup> Para Gottlieb e Mendelson (1990), apoio parental foi definido como expressão de afeto positivo, endossamento dos comportamentos, percepções ou opiniões da criança e provisão de ajuda material e simbólica à criança.



As alterações no padrão de interação pais-primogênito e, de modo especial, mãe-primogênito no período gestacional, podem indicar que o primogênito estaria expressando um sentimento mais profundo, o de rivalidade fraterna, o qual se intensificaria com o nascimento do irmão (Dessen & Mettel, 1984). Embora os pais tendam a desconsiderar as manifestações de rivalidade, ela pode se constituir numa experiência normal e até diária entre os irmãos. Contudo, como ressaltam Volling e cols. (2002), este sentimento tem recebido pouca atenção da maioria dos pesquisadores do desenvolvimento ou da família.

Na verdade, desde a gestação, a rivalidade fraterna constitui um motivo freqüente de preocupação para os pais e pode estar presente em certos comportamentos e verbalizações de ciúme do primogênito (Tilmans-Ostyn & Meynckens-Fourez, 2000). Sensível ao ambiente, uma criança percebe as mudanças físicas da mãe, as alterações na dinâmica das relações dentro da família e pode antever o envolvimento da mãe com o novo bebê.

A despeito da orientação teórica, conforme proposto por Volling e cols. (2002), o ciúme seria caracterizado através de três propriedades principais, a saber: ocorre no contexto de um triângulo social de relações; a relação entre a pessoa enciumada e a pessoa querida precisa ser próxima e valiosa; e, o ciúme é disparado pela perda real ou percebida desta relação para um rival. Segundo Hart, Field, Del Valle e Letourneau (1998), um padrão similar de resposta quando em contextos familiares seria denominado de rivalidade, ao invés de ciúmes. Volling e cols. (2002) destacaram, ainda, que o ciúmes pode ocorrer em relações não românticas vinculando-se, entre outras coisas, à perda da atenção da pessoa querida. Irmãos pequenos estariam reagindo a esta perda de atenção quando um dos pais retira seu foco dele e interage com seu irmão.

### **Justificativa e objetivos do estudo**

Como pode ser visto, o período que antecede o nascimento do segundo filho constitui-se em um momento repleto de adaptações e tensões familiares. Mudanças expressivas seriam percebidas já durante a gestação tanto a um nível individual quanto das relações e do sistema familiar, e apresentariam particularidades com relação às alterações surgidas após o nascimento do bebê. Enquanto se prepara para a chegada do bebê, toda a família precisaria redefinir suas relações interpessoais, as atividades desempenhadas e os papéis e responsabilidades assumidos no grupo. Dentre os relacionamentos familiares, a relação mãe-primogênito parece sofrer grandes alterações com a gestação do segundo filho e se constituiria em fonte de preocupação e ansiedade tanto para o primogênito, quanto para as mães, que se tornam apreensivas quanto à possibilidade de manter um bom relacionamento com o primogênito neste novo contexto. Além disso, o primogênito, especialmente aqueles em idade pré-escolar, parece ser aquele que demonstra de forma mais explícita, através de alterações no seu comportamento, o impacto sofrido com a aproximação da chegada do irmão, o que poderia vincular-se ao sentimento já presente de rivalidade fraterna.

Entretanto, ainda são poucos os estudos referentes à transição para o nascimento do segundo filho, de modo que há incongruências acerca do seu impacto nos diferentes subsistemas familiares e na dinâmica familiar como um todo. A revisão aponta para a falta de consenso na literatura acerca do impacto da gestação para o primogênito, assim como para a sua relação com a mãe. Enquanto alguns estudos até destacam melhorias nos relacionamentos e no bem-estar do primogênito, outros indicam a gestação como um período de maior confrontação, irritabilidade e dificuldades na relação mãe-primogênito. Além disso, persiste a idéia de que as mudanças só seriam perceptíveis após o nascimento do bebê, quando o primogênito e os pais poderiam concretizar a alteração da configuração familiar.

De modo geral, a literatura mostra que o nascimento do segundo filho e, em especial, o período gestacional tem sido pouco estudado. Isto é ainda mais marcante no que se refere à realidade brasileira, onde os estudos são escassos e datam da década de 1980 e princípios de 1990. Destaca-se, ainda, a necessidade de se buscar uma compreensão deste fenômeno como um acontecimento familiar, passível de afetar de modo distinto todos os membros da família. Deste modo, embora a presente pesquisa tenha seu foco sobre a relação mãe-primogênito, buscar-se-á uma compreensão que envolva também outros subsistemas familiares.

Assim sendo, o objetivo do presente estudo foi investigar as impressões e sentimentos maternos sobre o relacionamento mãe-primogênito durante a gestação do segundo filho. Em particular, buscou-se examinar o surgimento do sentimento de rivalidade fraterna durante a gestação do segundo filho. A expectativa inicial é de que, já na gestação, apareçam sinais de rivalidade do primogênito com relação ao irmão que vai nascer. Espera-se, também, que com a gravidez sejam observadas alterações na relação mãe-primogênito, assim como nos demais relacionamentos familiares envolvidos.

## CAPÍTULO II

### MÉTODO

#### Participantes

Participaram do estudo oito gestantes que se encontravam no último trimestre de gestação do segundo filho e possuíam um filho em idade pré-escolar (entre três e seis anos). Todas as gestantes residiam na região metropolitana de Porto Alegre (RS), eram casadas e o marido<sup>3</sup> era o pai de seus dois filhos. As gestantes tinham idades entre 31 e 43 anos e eram de nível socioeconômico (NSE) variado. Conforme classificação proposta por Hollingshead (1975; adaptado por Tudge & Frizzo, 2002), que define o NSE da família através da combinação da escolaridade e da ocupação de ambos os cônjuges, o NSE das participantes variou entre médio (n=2) e alto (n=5). Quanto à escolaridade, as gestantes variaram entre ensino médio incompleto (n=1) e Pós-Graduação (n=2), sendo que a maioria destas (n=5) possuía, no mínimo, o Ensino Superior completo. Todas as gestantes trabalhavam no momento da realização do estudo. A Tabela 1 apresenta os dados demográficos das participantes.

Tabela 1

#### *Dados Demográficos dos Participantes*

Caso	Idade Gestante	Escolaridade Gestante	Ocupação Gestante	Idade Primog.	Sexo Primog.	Sexo 2º. filho	NSE*
1	32	Sup. comp.	Psicóloga	4a 5m	Fem.	Fem.	5
2	31	Médio comp.	Secretária	5a	Masc.	Masc.	3
3	34	Sup. incomp.	Vendedora	4a 3m	Masc.	Fem.	4
4	38	Sup. comp.	Psicóloga	5a 10m	Fem.	Masc.	5
5	33	Sup. comp.	Nutricionista	4a 8m	Fem.	Fem.	5
6	39	Pós-grad.	Agrônoma	4a	Masc.	Masc.	5
7	34	Pós-grad.	Professora	4a 11m	Fem.	Masc.	5
8	43	Médio incomp.	Téc. Enferm.	3a 4m	Masc.	Fem.	3

\*Com base em Hollingshead (1975; adaptado por Tudge & Frizzo, 2002): 1(baixo); 2 (médio-baixo); 3 (médio); 4 (médio-alto) e 5 (alto).

Todas as participantes do presente estudo faziam parte de um projeto longitudinal maior realizado pelo *Núcleo de Infância e Família* (NUDIF) do Instituto de Psicologia da

<sup>3</sup> No presente estudo, a palavra marido será utilizada para representar tanto homens casados oficialmente, como aqueles que moram com a mulher e seus filhos.

UFRGS e intitulado *Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito* (Piccinini, Lopes, Rossato & Oliveira, 2005). Este projeto acompanha aproximadamente 25 famílias desde o último trimestre de gestação do segundo filho até os dois anos de vida deste e objetiva investigar os aspectos subjetivos e comportamentais da relação pai-mãe-primogênito, bem como o impacto do nascimento do segundo filho no relacionamento familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito. Os participantes representam configurações familiares intactas ou recasadas e o marido também foi convidado a participar do estudo. Os participantes do estudo longitudinal foram contatados através de diversas instituições de saúde (hospitais e unidades sanitárias) e de ensino (creches, escolas de educação infantil, escolas de ensino fundamental) da cidade de Porto Alegre, bem como através de indicações.

Dentre as participantes do presente estudo, quatro foram contatadas através de escolas de educação infantil e quatro através de indicação. O presente estudo não incluiu famílias recasadas e, além disso, a seleção dos casos buscou abranger as quatro possíveis combinações de sexo dos filhos (primogênito masculino/bebê masculino; primogênito masculino/bebê feminino; primogênito feminino/bebê feminino; primogênito feminino/bebê masculino), de modo que foram selecionadas duas famílias de cada uma destas combinações.

### **Delineamento e procedimento**

O delineamento de estudo de casos coletivos (Stake, 1994) foi utilizado para investigar as impressões e sentimentos maternos sobre o relacionamento mãe-primogênito durante a gestação do segundo filho. Em particular, buscou-se também examinar o surgimento do sentimento de rivalidade fraterna durante a gestação do segundo filho. Com este delineamento, objetivou-se examinar tanto as semelhanças quanto as particularidades entre os casos, construindo uma compreensão aprofundada do fenômeno estudado.

A apresentação do estudo às mães e o convite para participarem do estudo foram realizados através das instituições de contato mencionadas ou via ligação telefônica no caso de indicações individuais. Após o consentimento da instituição de contato, as gestantes que se dispuseram a participar da pesquisa preencheram a *Ficha de Contato Inicial* (GIDEP/NUDIF, 2005a) e foi agendado um encontro para a realização das entrevistas, o qual poderia ocorrer na residência, na instituição de contato, no local de trabalho, ou no laboratório do grupo de pesquisa na UFRGS. Neste encontro subsequente, as mães foram solicitadas a assinar o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* e

preencher a *Entrevista de Dados Demográficos do Casal* (GIDEP/NUDIF, 2005b). Além disso, foram realizadas a *Entrevista sobre a Gestação e as Expectativas da Gestante (terceiro trimestre de gestação)* (GIDEP/NUDIF, 2005c) e a *Entrevista com a Mãe sobre o Impacto da Gestação do Segundo Filho na Dinâmica Familiar (terceiro trimestre de gestação)* (GIDEP/NUDIF, 2005d). Em um segundo encontro, efetuou-se a realização das demais entrevistas, a saber: *Entrevista com a Mãe sobre o Desenvolvimento do Primogênito (com idade entre três e seis anos)* (GIDEP/NUDIF, 2005e) e *Entrevista sobre a Experiência da Maternidade (Primogênito com idade entre três e seis anos)* (GIDEP/NUDIF, 2005f)<sup>4</sup>. As entrevistas foram gravadas em fita-cassete e em gravador digital e posteriormente transcritas.

### **Considerações éticas**

De acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde) e a Resolução no. 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, a pesquisa com seres humanos deve respeitar aos quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça. No que tange à pesquisa psicológica, de modo especial, Parker, Pistang e Elliot (1995) ressaltam três princípios fundamentais a serem seguidos, quais sejam: minimização dos riscos e da privação de benefícios; confidencialidade e privacidade; consentimento livre e esclarecido.

Quanto aos riscos para os participantes, a presente pesquisa seria considerada de risco mínimo, uma vez que não visou a abranger temas ansiogênicos ou traumáticos para os sujeitos. A pesquisa tampouco previu privação de benefício, pois não ofereceu qualquer tipo de serviço a seus participantes. Com relação à confidencialidade dos dados e à privacidade dos participantes, estas foram asseguradas desde o início e sempre mantidas. Por fim, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), o qual abordou informações básicas sobre o projeto, garantiu a confidencialidade e privacidade dos participantes e destacou o direito dos participantes em deixarem a pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo para o atendimento recebido na instituição através da qual foram contatados. Além disso, as pesquisadoras colocaram-se à disposição para responder a qualquer dúvida que surgisse durante o processo da pesquisa e disponibilizaram um telefone para contato.

---

<sup>4</sup> Além destes instrumentos, o projeto longitudinal incluiu entrevistas com o pai e a realização de um teste projetivo com o primogênito (*Teste das Fábulas*), os quais não foram utilizados para fins do presente estudo.

O presente projeto de pesquisa foi avaliado e considerado ética e metodologicamente adequado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Proc. 2004373) em 28 de abril de 2005 (Anexo B).

### **Instrumentos**

**Ficha de Contato Inicial** (GIDEP/NUDIF, 2005a): ficha com dados gerais a respeito da família e da gestação. Incluiu: o endereço, o telefone para contato, a idade da gestante e do companheiro, escolaridade, profissão, estado civil, idade e sexo do primogênito, tempo de gestação e sexo do bebê, estado de saúde durante a gestação e data prevista para o nascimento do bebê. (Anexo C)

**Entrevista de Dados Demográficos do Casal** (GIDEP/NUDIF, 2005b): este instrumento visou a obter dados demográficos adicionais aos contidos na *Ficha de Contato Inicial*, tais como: religião, tempo de trabalho, etnia e moradores da casa. (Anexo D)

**Entrevista sobre a Gestação e as Expectativas da Gestante (Terceiro Trimestre de Gestação)** (GIDEP/NUDIF, 2005c): nesta entrevista examinaram-se as impressões e sentimentos das mães sobre a gestação do seu segundo filho e expectativas quanto ao seu nascimento. Durante a entrevista, a mãe foi solicitada a falar sobre a história da gestação, suas principais preocupações, as mudanças corporais; reações do marido, de familiares e de amigos perante a notícia da gestação; apoio recebido de amigos, parentes ou profissionais. Foram também investigadas as expectativas da mãe quanto aos seguintes aspectos: características do bebê, relacionamento mãe-bebê e relacionamento pai-bebê; relacionamento conjugal e apoio de familiares, amigos e profissionais. (Anexo E)

**Entrevista com a Mãe sobre o Impacto da Gestação do Segundo Filho na Dinâmica Familiar (Terceiro Trimestre de Gestação)** (GIDEP/NUDIF, 2005d): nesta entrevista buscou-se examinar o impacto da gestação do segundo filho sobre diversos aspectos da dinâmica familiar. Em particular, abordou-se a reação e os sentimentos do primogênito em relação à gestação da mãe, incluindo: reação à notícia; curiosidades, preocupações e interesses quanto à gravidez e aos bebês; interação com o bebê na barriga; relacionamentos com os pais, familiares, amigos e outras crianças; preparação do primogênito para a hospitalização da mãe e a chegada do irmão. Em acréscimo, investigou-se a rotina familiar e o relacionamento conjugal. (Anexo F)

**Entrevista com a Mãe sobre o Desenvolvimento do Primogênito (com idade entre três e seis anos)** (GIDEP/NUDIF, 2005e): nesta entrevista buscou-se examinar diversos aspectos do desenvolvimento do primogênito e do seu comportamento e sentimentos em relação à gestação da mãe e ao nascimento do irmão. Em particular, investigaram-se as impressões e sentimentos das mães quanto aos seguintes aspectos do desenvolvimento da criança: alimentação, uso da chupeta/bico, linguagem, sono, controle esfinteriano, hábitos de higiene, choro, brincadeiras, objeto preferido, medos; histórico médico; reações à separação dos pais; ingresso na escola infantil. Em cada um destes aspectos, foram examinadas eventuais alterações percebidas pela mãe ao longo do período gestacional. (Anexo G)

**Entrevista sobre a Experiência da Maternidade (Primogênito com idade entre três e seis anos)** (GIDEP/NUDIF, 2005f): nesta entrevista investigou-se a experiência da maternidade em relação ao primogênito no contexto da gestação do segundo filho. Neste sentido, foram abordados os seguintes aspectos: sentimentos e dificuldades experienciados pela mãe; sua autopercepção como mãe; atividades e tarefas assumidas com o primogênito; situações estressantes vivenciadas após o nascimento do primogênito. Além disso, investigou-se a percepção da mãe quanto ao seu marido como pai no que se refere a: apoio oferecido; cuidados com o primogênito; discordâncias quanto aos cuidados do primogênito. Por fim foi examinada a relação da mãe com outras pessoas que, eventualmente, auxiliem no cuidado do primogênito. (Anexo H)

A adequação de cada uma das entrevistas foi examinada com três gestantes que foram individualmente entrevistadas. Com base neste estudo piloto, mudanças foram implementadas aos instrumentos. As entrevistas foram tópicas, sendo realizadas questões adicionais à medida do necessário.



## CAPÍTULO III

### RESULTADOS

A análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999) foi utilizada para se examinar os relatos das mães sobre suas impressões e sentimentos acerca do relacionamento mãe-primogênito durante a gestação do segundo filho. Para tanto, foram consideradas todas as vezes que estes temas foram investigados ou mencionados espontaneamente pelas gestantes durante as quatro entrevistas realizadas, a saber: *Entrevista sobre a Gestação e as Expectativas da Gestante*, *Entrevista com a Mãe sobre o Impacto da Gestação do Segundo Filho na Dinâmica Familiar*, *Entrevista com a Mãe sobre o Desenvolvimento do Primogênito* e *Entrevista sobre a Experiência da Maternidade*. Após a transcrição de todas as entrevistas, procedeu-se a uma leitura exaustiva das mesmas, a partir da qual foram assinalados todos os relatos envolvendo o relacionamento mãe-primogênito. A seguir elaborou-se uma estrutura de categorias temáticas com base nas próprias respostas das gestantes. Com este procedimento, foram identificadas quatro categorias temáticas, a saber: 1) O primogênito e a gestação materna; 2) A maternidade no contexto da gestação do segundo filho; 3) Relacionamento mãe-primogênito; 4) Relacionamento pai-primogênito. Cada uma destas categorias foi dividida em subcategorias. A seguir, apresenta-se a estrutura de categorias e subcategorias que foram utilizadas na análise das respostas das gestantes. Dois codificadores classificaram os relatos das participantes e eventuais discordâncias foram eliminadas através da discussão e do consenso.

#### **Estrutura de Categorias Temáticas**

##### **1 - O primogênito e a gestação materna**

- 1.1 - O primogênito antes da gestação materna
- 1.2 - Reação do primogênito à notícia da gestação
- 1.3 - O primogênito no terceiro trimestre da gestação materna
- 1.4 - Interação primogênito-barriga/irmão
- 1.5 - Manifestações de ciúmes / rivalidade do primogênito

##### **2 - A maternidade no contexto da gestação do segundo filho**

- 2.1 - Planejamento da gestação
- 2.2 - Sentimentos associados a ser mãe novamente
- 2.3 - A maternidade e o primogênito
  - 2.3.1 - Caracterização como mãe
  - 2.3.2 - Tarefas maternas durante a gestação

##### **3 - Relacionamento mãe-primogênito**

- 3.1 - Mudanças centradas na mãe
- 3.2 - Mudanças centradas no primogênito

##### **4 - Relacionamento pai-primogênito**

- 4.1 - Mudanças centradas no pai
- 4.2 - Mudanças centradas no primogênito

Na apresentação que segue será feita a caracterização de cada categoria e subcategoria, exemplificando-as com os próprios relatos das gestantes.

## **1 - O primogênito e a gestação materna**

Nesta categoria, examinaram-se as impressões das gestantes acerca do modo como o primogênito vivenciou a gestação materna do segundo filho. Este tema foi investigado em diversas questões nas entrevistas, sendo que as falas das mães foram agrupadas em cinco subcategorias: 1) O primogênito antes da gestação; 2) Reação do primogênito à notícia da gestação; 3) O primogênito no terceiro trimestre da gestação materna; 4) Interação primogênito-barriga/irmão; 5) Manifestações de ciúmes/rivalidade do primogênito. A seguir, são apresentados relatos das gestantes que ilustram cada uma das subcategorias.

### **1.1 - O primogênito antes da gestação materna**

Nesta subcategoria examinaram-se os relatos das mães a respeito de suas impressões sobre o primogênito no período anterior à gestação. Refere-se à impressão geral que as mães apresentaram do primogênito, em especial, do modo como o caracterizaram em termos psicológicos. Foram também incluídos aqui os relatos que trataram do primogênito sem fazer menção ao período atual da gestação materna. Este tema foi examinado através das respostas das mães a uma questão específica da entrevista: *Como tu descreverias o jeito do/a [nome do primogênito/a]?*. Eventuais manifestações acerca deste tema, presentes em outros momentos da entrevista, também foram consideradas para fins de análise<sup>5</sup>.

Percebeu-se que, ao descrever o “jeito” dos filhos primogênitos, as mães tenderam a destacar aspectos positivos de sua personalidade, caracterizando-os como: carinhosos, meigos, tranquilos, bem humorados, expansivos, organizados, etc. Além disso, a facilidade para “lidar” com o filho em termos de negociações foi apontada como importante para uma avaliação positiva dos mesmos. De modo geral, as mães indicaram estarem satisfeitas com o modo de ser de seus filhos.

*“Ah, tá sempre de bom humor, tá sempre rindo, sempre brincando, a não ser quando ele tá cansado que daí ele fica chato, aí nem ele entende o que ele sente, daí ele acaba se tornando chatinho. Mas ele é extremamente dócil, expansivo, se relaciona com todo mundo” (M3).*

---

<sup>5</sup> O mesmo procedimento foi utilizado na análise de todas as subcategorias analisadas a seguir.

*“Eu acho ela uma criança muito meiga, ela é muito meiga, é muito organizada, ela sabe o que é o certo, o que é o errado. [...] É aquela criança muito tranqüila, né. Parecia que nem tinha criança dentro de casa, então eu acho que eu falaria dela assim” (M5).*

*“Ah, sou muito satisfeita, Ela [primogênita] é um docinho, as pessoas me dizem isso. Eu nem gosto de ficar tão babona, mas realmente ela é uma criança muito ativa, muito brincalhona, muito esperta. [...] Ela é uma criança muito carinhosa, muito doce, muito meiga, muito fácil de administrar, de conversar, tu consegue levar ela assim, sabe, conversando com ela, ela te entende” (M7).*

*“Eu considero ele uma criança muito boa, tranqüila. É fácil de lidar com ele. Ah, eu até digo pra ele que eu acho ele uma criança bem educada, que ele não tem essas manias de se atirar no chão, de ficar gritando por qualquer coisa. [...] Com ele, eu não me incomodo, eu não me estresso com ele. E o P. [primogênito] é extremamente calmo. Nem dá pra tecer muitos comentários” (M8).*

Em apenas um dos casos, um aspecto negativo da primogênita recebeu destaque por parte da mãe, qual seja, a caracterização da filha como “difícil” e exigente. Mesmo nesta situação, tais características foram apresentadas conjuntamente a uma ênfase em aspectos positivos da primogênita, de forma a contrabalançá-las.

*“Ah, é uma criança bem difícil, bem difícil. [...] Mas eu vejo que seguido as pessoas acabam ficando de má vontade, ela solicita muito. Estar com ela é bom, pois ela é esperta, ela é criativa, ela é inteligente, mas cansa, porque ela solicita muito a gente. [...] Ela tá sempre solicitando, então isso é uma coisa que deixa meio cansativo. Mas ao mesmo tempo, ela é muito esperta, ela é muito afetiva, ela é muito carinhosa, muito, muito, muito. Isso com as pessoas que ela acaba criando algum vínculo, e isso encanta. Ela é difícil, mas ela é encantadora ao mesmo tempo” (M4).*

No conjunto, estes relatos sugerem que as mães possuem uma avaliação bastante positiva e satisfatória de seus filhos primogênitos e, conseqüentemente, da relação estabelecida com estes. Embora ao menos uma criança tenha sido descrita como difícil, na maioria dos casos os primogênitos foram predominantemente caracterizados como tranqüilos, carinhosos e de fácil manejo.

## **1.2 - Reação do primogênito à notícia da gestação**

O modo como o primogênito reagiu à notícia da gestação de sua mãe foi examinado nesta subcategoria. A este respeito, dois temas centrais foram investigados: quando foi dada a notícia da gestação ao primogênito e a reação do primogênito à notícia. Nas entrevistas, este tema foi investigado através da seguinte questão: *Quando lhe foi dada a notícia da gravidez? Como ele/a reagiu?*

Ao se examinar o momento em que foi dada a notícia da gestação materna ao primogênito, percebeu-se que, conforme o relato das mães, a maioria dos genitores optou por contar assim que obtiveram o resultado do exame laboratorial.

*“Aí quando eu peguei o resultado ela foi comigo e eu só abri quando eu cheguei em casa e eu liguei pro M. [marido], aí eu abri falando com ele, e aí ele contou pra ela pelo telefone” (M1).*

*“A gente falou pro P. [primogênito] no mesmo dia que a gente foi pegar o exame, a gente falou que tinha um maninho ou uma maninha na barriga” (M3).*

*“No mesmo dia que eu soube que eu tava grávida. Eu tava com quatro semanas de gravidez, eu soube logo no início e aí eu fui buscar ela na escolinha. [...] A gente tava pensando se ia contar seguido pra ela, mas eu achei que era uma traição, né, eu me senti mal de não contar. Daí, eu disse, tem um nenê na barriga da mãe” (M4).*

*“E quando eu soube da gravidez, foi um exame de sangue normal que eu fiz também. Aí eu liguei pro R. [marido], disse pra ele, aí acho que a gente esperou um dia. Conversamos com a P. [primogênita] sobre maninho, pra depois contar pra ela” (M5).*

Contudo, alguns genitores decidiram dar a notícia da gestação mais tarde. Segundo relato das mães, esta decisão estaria vinculada a um desejo de preservar o filho de um período prolongado de espera e de ansiedades desnecessário. Além de não possuírem clareza quanto à passagem de tempo (nove meses de gestação), as mães acreditavam que o primogênito não teria condições de compreender o que estava acontecendo. Assim, algumas mães contaram sobre a gestação quando já havia sinais concretos para serem mostrados ao primogênito, como a barriga, os móveis para o quarto do bebê, os presentes, etc.

*“Ele recebeu a notícia no final do terceiro mês. E eu acho que ele já tinha, já sentia, já sabia” (M6).*

*“Lá com oito semanas, a gente confirmou para ela que eu tava grávida: ‘Mamãe tá grávida. Tem nenezinho na barriga, uma sementinha, que tá crescendo, parari, parara’” (M7).*

*“É que no começo a gente não falou muito pro P. [primogênito] sobre a gestação. Eu achei que a gente tinha que falar, assim, quando chegasse da metade em diante, pra não botar muita minhoquinha na cabeça dele. Porque ele era muito pequenininho pra entender e não ia entender” (M8).*

Nestes casos, percebeu-se a dificuldade dos genitores em manter este acontecimento familiar velado ao primogênito. Isto é mais evidente nos casos examinados, uma vez que as crianças já possuíam idades entre dois e cinco anos no início da gestação e, além disso, todas elas freqüentavam a Educação Infantil, o que ampliava sua rede de convivência e, conseqüentemente, a troca de informações.

*“Então, eu acho que de alguma forma ele já sabia. E como teve um episódio na escola, que vazou a informação, né, na escola antes. Mesmo que a gente tenha pedido pra não, pra ter sigilo a notícia. Coisa muito desagradável mesmo. Então, eu não sei realmente em que momento ele ficou sabendo. Quanto tempo antes. Ou se ele sentiu, se ele percebeu, se ele ouviu. Enfim, mas nós oficialmente demos a notícia no final do primeiro trimestre” (M6).*

*“Só que a única coisa que foi ruim pra nós é que a gente não fez isso, não contou sobre a gravidez, mas a gente percebeu que as pessoas de fora estavam fazendo. [...] E aí acho que ele não entendeu bem. Aí como houve queixas assim, de que ele tava diferente na creche, de comportamento. A gente deduziu que talvez fosse isso. E que era falta de nós, de nós dois conversarmos com ele a respeito do nenê que vinha vindo” (M8).*

Examinados conjuntamente, estes relatos indicam a existência de duas atitudes possíveis frente à decisão de quando contar ao primogênito sobre a gestação: dar a notícia imediatamente ou esperar alguns meses para contar. A primeira situação pareceu estar associada a um desejo de compartilhar a alegria com o primogênito ou um sentimento de lealdade e transparência para com este. Por outro lado, os genitores que optaram por contar mais tarde sobre a gestação o fizeram para preservar o filho de algo muito distante e pouco concreto. Embora os primogênitos apresentassem idades próximas, variando entre 2a9m<sup>6</sup> e 5a4m no início da gestação, em dois dos três casos em que a notícia foi protelada por alguns meses, as crianças eram as mais novas dentre os participantes da pesquisa, com idades de 2a9m e 3a4m. A pouca maturidade destas crianças pode ter contribuído para a decisão dos genitores de contar da gestação somente quando esta estivesse mais “concretizada”, já que estas crianças apresentariam maiores dificuldades de abstração.

Quanto à reação do primogênito à notícia da gestação, os relatos das mães revelaram a ocorrência de três possíveis reações características, as quais poderiam se definidas como: alegria, descontentamento ou indiferença. No primeiro grupo, os primogênitos demonstraram alegria e, na maioria dos casos, surpresa ao saber que a mãe estava grávida. Segundo as mães, o contentamento dos primogênitos pôde ser percebido pelo desejo de contar aos familiares e às pessoas da creche sobre a novidade. Todos primogênitos que apresentaram uma reação claramente positiva foram aqueles que já haviam explicitado sua vontade de ter um irmão.

*“Aí ele [marido] contou pra P. [primogênita] pelo telefone, e foi bem legal assim, porque ela não tinha muito essa noção, a gente tinha dito pra ela, porque ela vinha já há dois anos pedindo um maninho ou uma maninha. E aí a gente tinha dito pra ela que ia ter, né, que tava tentando pra ver se tinha um maninho ou uma maninha. Aí quando ele contou, ela ficou feliz, ela arregalava os olhos e ria, meio surpresa. E aí me olhava e dizia: ‘É verdade, mamãe? É verdade mamãe?’. E aí eu disse: ‘É, e tal’. [...] Ela dizia: ‘Ah, a mamãe tá com o nenê na barriga. Eu vou ter um maninho ou uma maninha!’, não sei o quê. Então, ela assumiu esse papel de contar pra todas as pessoas que a gente encontrava, depois os amigos era ela que contava. E feliz, sempre feliz, ela nunca teve nenhum momento assim, que ela: ‘Ai, eu não quero’” (M1).*

*“Ele ficou bem contente, porque, como eu te falei, a gente planejou e ele sempre pedia um maninho, né. Ficou bem faceiro. Contou pra todo mundo na creche” (M2).*

---

<sup>6</sup> A notação ‘a’ e ‘m’ referem-se respectivamente aos anos e meses de idade dos participantes em questão.

*“Quando a gente falou pra ela, eu e o meu marido falamos juntos pra ela, que eu tava grávida. Ah, ela saiu correndo, correndo, correndo, daí ela não sabia o que fazer. Ela se atirou no sofá, botou os pés pra cima. Aí, a gente olhou, o jeito que ela tava era fácil de contar pra ela. Porque ao mesmo tempo em que ela pedia, a gente dizia ‘Ai meu Deus, como é que vai ser?’. E ela ficou sabendo e a gente ‘Aiff’, ficou aliviado. [...] Essa parte foi muito fácil” (M5).*

No único caso em que a primogênita demonstrou descontentamento e uma reação que poderia ser considerada negativa à notícia, esta foi precedida de uma rejeição à idéia de ter um irmãozinho. Neste caso, a primogênita parecia não querer acreditar no que estava escutando. Apesar disso, a mãe caracterizou sua reação como de aceitação.

*“Ela sempre disse que não queria, ela sempre disse: ‘Eu não quero irmão. Eu não quero. Eu não quero. Não precisa. Tá bom só nós três’. [...] E a gente falava: ‘Ah, mas se a gente tiver, tu vai cuidar. Tu vai ajudar a mãe levar pra tomar sol’. E ela dizia: ‘Ah, não sei. Ah, não quero’. E aí, eu fui dar banho nela e eu disse pra ela: ‘Filha, eu tenho uma coisa pra te contar’, ‘O que quê foi, mãe?’. Daí, eu disse: ‘Tem um nenê na barriga da mãe’. Daí ela disse: ‘Ai, mentira, né, mãe’. Daí, eu disse: ‘Não, não é’. E ela disse assim: ‘É mentira, né, mãe. É mentira’. Eu disse: ‘Não é mentira’, ‘Ah, tu tá me enganando, né, mãe’. Eu disse, ‘Quando é que eu te menti?’. E ela disse ‘Nunca, é verdade’. Daí, ela ficou muito envergonhada, sabe, ela ficou meio constrangida, ria, me olhava assim. Mas a reação foi de aceitação, sabe, desde o primeiro momento” (M4).*

O terceiro e último grupo de primogênitos apresentou uma reação que poderia ser definida como de indiferença. Contrariando as expectativas das mães, as crianças não apresentaram qualquer surpresa à notícia, parecendo, inclusive, já estarem a par do que se passava. Esta reação poderia sinalizar tanto a incapacidade das crianças em compreender e prever o impacto desta notícia, como também, poderia indicar um desejo de negar o que estava acontecendo. É importante apontar que os três primogênitos que demonstraram esta reação de indiferença eram os mais novos dentre os participantes (2a9m e 3a7m). Além disso, em dois destes casos a notícia da gestação foi dada após o terceiro trimestre gestacional, ou seja, os primogênitos poderiam ter tido tempo de captar as mudanças e antever a gestação materna.

*“Quando eu contei, eu comecei mostrando as fotos de quando eu tava grávida dele e tentei conduzir ele pra entender o que tava acontecendo. Contei que eu sentia muito sono naquela época, eu contei que agora eu não tava mais sentindo tanto sono. Que a minha barriga tava crescendo, o quê que ele achava e ele: ‘Hum, é um bebê que tem aí dentro’. E saiu, foi fazer outra coisa. Então, ele eu acho que de alguma forma ele já sabia. [...] E ele demonstrou muito pouco interesse” (M6).*

*“É como eu te disse, eu acho que para ele não caiu a ficha, ele não entendeu muito. Eu acho que ele começou a se ligar quando a gente começou a comprar as coisas, a mudar as coisa, botar ele no outro quarto, explicar, tirar ele do berço” (M3).*

*“Ah, eu não sei como é que eu vou te explicar. No início não havia muita diferença assim. Até eu achei que ele tava meio alheio, assim, que às vezes ele não quer tomar muito conhecimento. Tanto que a gente pergunta como é que vai ser o nome da maninha, daí ele*

*diz: ‘Maninha’. Daí a gente ensina pra ele: ‘Não, vai ser Beatriz’. Só que ele não diz o nome dela. Talvez eu acho que ele não quer, que ele tá negando alguma coisa aí, que ele não quer dizer o nome dela” (M8).*

Em um dos casos em que o primogênito foi informado da gestação após passados mais que três meses, este apresentou uma reação de agressividade mesmo antes da notícia. Pôde-se perceber que, de uma forma ou de outra, a criança havia percebido mudanças em seu ambiente e estava respondendo a elas. Após a notícia da gestação, contudo, o primogênito manifestou indiferença.

*“Então, a partir do momento que as pessoas falavam da maninha, eu acho que além de ele não entender ele começou a ter atitudes diferentes conosco, começou a ficar um pouco mais agressivo. Ficou mais agressivo na creche que as professoras nos falavam. E daí a gente percebeu que então, a gente tinha que começar a falar com ele mais, sabe? Mais rápido sobre o assunto. E foi aí que nós montamos o quarto, que começamos a comprar roupinha e mostrar pra ele que ia vir uma maninha, e que aí a gente já tava comprando as roupinhas, já tinha o bercinho pronto, que a maninha ia ser amiga dele” (M8).*

Estes relatos indicam que os primogênitos apresentaram reações diversas ao receber a notícia da gestação materna. Enquanto a maioria mostrou-se alegre com a novidade, outros demonstraram descontentamento e outros, ainda, indiferença. O fato de os primogênitos desejarem um irmão apareceu como um indicador de uma reação positiva. Por outro lado, uma reação negativa à notícia esteve vinculada a uma clara rejeição da idéia de ter um irmãozinho. Já a reação de indiferença poderia estar associada a pouca idade dos primogênitos e, possivelmente, sua dificuldade em antever o complexo significado da gestação materna.

### **1.3 - O primogênito no terceiro trimestre da gestação materna**

Esta subcategoria refere-se à percepção materna acerca do estado emocional do primogênito no momento da entrevista. Este aspecto foi explicitado como resposta à seguinte questão: *(Como ele/a reagiu à notícia da gravidez?) E agora, como ele está?*

No momento da entrevista, todas as gestantes encontravam-se no terceiro trimestre gestacional. Neste período, já havia transcorrido alguns meses desde que fora dada a notícia da gestação ao primogênito, de modo que agora suas reações e comportamentos estariam indicando a proximidade do nascimento do irmão.

Segundo os relatos das mães, o último trimestre seria um momento de maior ansiedade, devido à aproximação do nascimento do segundo filho. Os primogênitos estariam, então, concretizando a realidade do irmão e estariam reagindo de diversas formas a isso. Conforme as mães, neste período os primogênitos apresentaram um aumento da ansiedade, irritação, insegurança e, se mostraram, inclusive, infelizes.

*“Ah, ele tá ansioso pra chegada do nenê. Aí, às vezes, eu sinto vontade de pegar ele no colo, mas eu já falei pra ele, brincando, que se eu pegasse ele o neném ia sair, né: ‘Mãe, não me pega que o neném vai sair’. Mas ele tá bem ansioso, assim” (M2).*

*“Eu acho que o P. tá extremamente ansioso, até porque ele tem muito da minha personalidade e eu sou uma pessoa extremamente ansiosa. Então, eu acho que ele tá muito ansioso pro dia, pra como é que vai ser. Ele não sabe, entendeu” (M3).*

*“Ele tá muito agitado, muito mais agitado do que tava. [...] Agora eu acho que tá saindo do abstrato e tá chegando na ameaça mesmo. [...] Eu acho que ele não parece estar muito feliz. Nos últimos dias ele não parece estar assim, radiante com a idéia. Ele nunca pareceu radiante, mas agora tá assim. [...] É só um sentimento, a minha impressão é que não é assim tão, ele não tá encarando, assim, tão prazerosamente” (M6).*

*“A minha percepção é de que ela tá insegura, porque ela nem sempre demonstra. Em algumas explosões, que não é muito dela explodir, ela deixa escapar. Tipo assim: ‘O que é que vai acontecer agora?’. Muito natural também, né. Não podia esperar que vai chegar um irmão e vai ficar tudo maravilha. Então, eu acho que ela tá vivendo um processo mais ou menos bem, dentro do esperado” (M7).*

Percebe-se que as mães associavam o final da gestação e o crescimento da barriga com o aumento da ansiedade do primogênito. Segundo elas, os primogênitos começavam a “concretizar” a realidade da gestação especialmente quando a barriga se tornava visível e o nascimento do irmão passava a ser um assunto mais presente entre a família.

*“A gravidez em si, acho que não é uma coisa que fique muito concreta pra ela. Agora a barriga, né, demonstra isso um pouco. Agora ela já sente a S. [segunda filha] mexer. Então, as coisas vão ficando mais reais, né” (M1).*

*“Eu até imagino que seja porque tá começando a ficar menos abstrata essa situação. E tá começando a chegar mais perto, a gente já comenta mais, às vezes diz: ‘Ah, tá faltando pouco agora’. Então, a sensação que eu tenho é essa. [...] Então eu acho que agora que tá dando sintomas nele. Esse sintoma de desconforto com a situação. [...] Eu acho que ele já tá agora saindo do abstrato e tá chegando na ameaça mesmo” (M6).*

*“Às vezes eu não sei se ele já tem essa capacidade, com três anos e meio, de entender tudo, tudo, tudo que tá acontecendo, ou se ele só vai entender direitinho depois que ela nascer. Mas ele já me diz: ‘A maninha tá crescendo, né, mãe, na barriga’. [...] Então, eu acho que ele já tá acompanhando o tamanho da barriga. Que ele mesmo levanta a minha camisa, a minha roupa assim, ele olha: ‘O nenê tá quecendo na barriga, né?’” (M8).*

Em alguns casos, a ecografia foi apontada pelas mães como um instrumento através do qual os primogênitos deparam-se com a realidade do irmão. Segundo o relato das gestantes, este primeiro contato com o irmão de um modo mais concreto pode ser um momento difícil para o primogênito.

*“Isso faz mais ou menos um mês. Na realidade, depois da primeira eco, durante uns quatro ou cinco dias, ela tava meio irritada. Uma coisa meio manhosa, qualquer coisa ela tava chorando e a gente acha que foi em função da ecografia. Porque até então, ela tava: ‘Tá, a mamãe tem um nenê na barriga’, mas aí não tinha nada, né. Aí, quando ela foi na primeira*



*ecografia, que já deu pra ver os bracinhos, a cabecinha, as perninhas e tal, a gente acha que se concretizou pra ela. Aí, ali ela realmente viu que tinha um nenê” (M1).*

*“Já a segunda ou a terceira vez que eu fui fazer eco, ela foi comigo. E quando chegou na terceira dimensão, que ele botou o rosto da mana ali, ela disse que queria ir no banheiro, ela abriu a porta e saiu e foi pra recepção, e ficou na recepção sozinha. Aí, a médica me disse assim: ‘Ah, mas isso foi erro do médico, porque ele não podia ter botado terceira dimensão se a criança não entende. Assusta mesmo’. Porque o rosto não é perfeito, o nariz é maior, conforme tu põe o aparelho deforma o rosto. Então, ela acha que ela se assustou. [...] Aí, no momento que ele colocou em terceira a P. [primogênita] não agüentou e saiu. Mas na minha concepção é porque ela viu que aquilo, é muito real” (M5).*

*“Nós levamos numa ecografia, mas não deu muito certo. Daí o H. [marido] não conseguiu nem acompanhar porque ele [primogênito] começou a incomodar muito. Ele inventou de entrar no banheiro, acendeu a luz, lavou as mãos, voltou pra sala, daqui a pouco ele quis ir de novo. A gente viu que ele tava inquieto e chamava a atenção. E pro vídeo ele não olhou nenhuma vez. A televisão não chamou a atenção dele” (M8).*

Em apenas um dos casos, a mãe apontou que no período final da gestação o primogênito estaria mais tranqüilo que no seu início. Isto estaria ocorrendo porque o primogênito teria recebido tardiamente a notícia da gestação, reagindo com agressividade enquanto ainda não possuía clareza dos acontecimentos. Assim, pode ter ocorrido, que depois de explicitada a gestação, esta criança pôde adaptar-se minimamente à situação e, conseqüentemente, tranqüilizou-se.

*“Ele está muito feliz. [...] É, agora eu já acho que ele tá mais tranqüilo que ele, como eu te disse, ele sabe que vai ter maninha, ele já viu as coisinhas pra ela e ele beija a minha barriga. Ah, já conta pras pessoas que vai vir... que lá em casa tem uma maninha. [...] E a única coisa que eu disse pra ele é que ele não quer dizer o nome dela, talvez ou porque tenha dificuldade de falar o nome ou se ele não quer dizer mesmo” (M8).*

De modo geral, estas falas indicam que o estado emocional do primogênito no final da gestação difere daquele do período em que receberam a notícia. Enquanto que no período da notícia da gestação a maioria das crianças respondeu com alegria ou indiferença, neste momento, quando se aproxima a realidade do nascimento do irmãozinho, quase todos os primogênitos tornaram-se mais ansiosos. Segundo as mães, este aumento da ansiedade das crianças estaria vinculado às mudanças visíveis percebidas tanto através do crescimento da barriga da mãe, quanto na casa (arrumar o quarto do bebê) e nas conversas entre os familiares.

#### **1.4 - Interação primogênito-barriga/irmão**

Esta subcategoria examinou o modo como o primogênito interage com a barriga da mãe durante a gestação e, através desta, com a mãe, e com o próprio irmão que está sendo gestado. Percebe-se que a barriga torna-se um meio de contato entre a mãe e o primogênito e não passa despercebida para este. Este tema foi investigado através das respostas das

mães à questão: *Ele/a interage com o bebê de alguma maneira (tocar a barriga, cantar/conversar com o bebê, etc.)?*

A este respeito, todas as mães indicaram que o primogênito tinha o hábito de tocar a barriga, acariciá-la e beijá-la.

*“Seguido ela vem e ela quer sentir mexer, e ela toca. Então, depois que ela conseguiu sentir a primeira vez, ela quer botar a mão e quer sentir. [...] Então, ela também tem uma relação bem positiva, assim, com a barriga, com o bebê. Seguidamente quando ela vem me dar bom dia, ela beija a barriga, dá bom dia pra S. [segunda filha]. Quando na escola ela me beija, ela beija a minha barriga. Ela tem todo esse contato assim” (M1).*

*“O P. [primogênito] toca a barriga. Até quando o R. [marido] chega em casa, às vezes, do trabalho, ele me beija e não beija a barriga, ele [primogênito] já cobra: ‘Oh, pai, e o nenê tu não vai beijar?’” (M2).*

*“Ele beija a minha barriga, ele bota a mão pra ver se tá mexendo. Então, ele tem interagido um monte, ele interage mesmo, e duma forma positiva. Sempre foi uma interação muito positiva: ‘Mãe, como a tua barriga tá grande’. [...] Então, tá muito legal, ele interage super bem” (M3).*

*“Ele beija bastante a minha barriga. Às vezes, quando eu digo: ‘Olha, eu tô braba contigo’ ele vem com aquela cara e diz: ‘Ah, então, deixa eu beijar a maninha’ e beija a minha barriga bastante” (M8).*

Outros primogênitos, além de acariciar a barriga da mãe, pareciam interagir mais diretamente com o bebê (segundo filho) através de conversas com este.

*“Sempre muito receptiva: ‘Aí, ele vai ser meu fofo, ele vai ser meu nenê’, ‘Ele não é teu, ele é nosso’, ela diz. Beija a barriga, fala com ele: ‘O mano, a mana’. Ela refere que ele é ‘O mano’ e refere a si mesma como ‘A mana’. ‘Chuta a mana. Tu vai gostar da mana? Tu vai ser bochechudo? Mãe, acho que ele vai ser bochechudo que nem a mana, né’” (M4).*

*“Ah, ela conversa, conta segredo: ‘Ah, maninha, quando tu crescer, eu vou ter que mexer nos meus brinquedos. Ah, tu não vai poder mexer nos meus bichinhos, que tu vai ser muito pequena, tu não vai saber, mas eu vou te ensinar’. Então, as coisas que ela quer falar com a irmã, ela chega perto e fala” (M5).*

As mães consideraram estas manifestações do primogênito como uma atitude positiva que simbolizaria uma interação tanto com a própria mãe quanto com o bebê que estava na barriga. Deste modo, o carinho do primogênito com a barriga da mãe era interpretado pelas participantes como carinho pelo próprio bebê. Assim, este tipo de interação era incentivado. Tal atitude materna poderia ser compreendida como forma de favorecer a aceitação do bebê por parte do primogênito, além de aproximá-lo da mãe em um momento de troca de afeto.

*“Então, ela também tem uma relação bem positiva, assim, com a barriga, com o bebê. [...] Ah, eu acho tri bom, eu acho tri bom, eu gosto, né” (M1).*

*“Eu falo pra ele: ‘Oi, P. [primogênito]’, e ele pergunta: ‘Quem que tá falando?’, e eu falo: ‘É a mana [segundo filho]’, e ele me diz: ‘Não, é tu mãe’, aí eu: ‘Não filho, acontece que a mana não tem boca pra fala pra fora da barriga da mãe, então ela fala contigo com a boca da mamãe’, ‘Ah tá’” (M3).*

*“Ah, toda noite [costumam tocar a barriga]. A P. [primogênita] não identifica muito o movimento dele, então, eu faço uns movimentos com a barriga, assim. E a mãozinha desse tamanho, mas ela bota aqui: ‘Ah, ele não tá mexendo’. E ele tá mexendo um monte e ela não sente, né. Então, daí eu mexo com a barriga um pouco, assim, pra ela poder identificar” (M4).*

*“Ela dá beijinho, ela toca, vê ele se movimentar, conversar com ele. Poucas vezes ela conversou, sob motivação: ‘Filha, fala para ele que tu vai não sei aonde’. Daí ela fala: ‘Ah, vou’. ‘Dá boa noite para ele’, ela diz: ‘Boa noite, S. [segundo filho]’. Sob motivação, mas espontaneamente conversar, eu não me lembro dela ter conversado. O tocar assim, ver se está se mexendo, ela já perguntava, passar creme na barriga” (M7).*

Entretanto, alguns primogênitos apresentaram uma interação desfavorável com a barriga da mãe. Estas poderiam ser compreendidas como manifestações de ciúmes do bebê. Percebe-se a dificuldade em se distinguir a quem era dirigida a agressividade, à mãe ou ao bebê, uma vez que se pensarmos em termos de ciúmes, tanto o rival quanto o objeto amado podem ser alvo de retaliações.

*“Ela veio duas vezes, vinha e dava um soco na minha barriga. Soco fraquinho, né. E daí eu falei: ‘Olha, tu tá machucando a mamãe. A maninha não sente nada lá dentro, ainda bem, mas a mamãe sente. Então, tu não vai fazer mais isso’” (M5).*

*“É, de vez em quando ele vem falar, mas ultimamente tem sido meio desaforado. Às vezes ele conversa, mas às vezes ele vem e grita. Então, não parece exatamente muito carinhoso. Ou se não ‘toc-toc’. Aí eu digo que não pode bater. Aí, ele diz: ‘Não é batendo, é fazendo ‘toc-toc!’’. Daí tu vê. Dá a impressão de alguma coisa limítrofe, meio segurado já” (M6).*

Além do contato com o bebê através da barriga da mãe, os primogênitos tenderam a incluir o novo irmão como parte da família. Por vezes, mais que os próprios pais, alguns primogênitos tratavam o bebê como se este já fosse nascido. Isto poderia estar indicando uma forma de adaptação à realidade, de modo que a chegada do irmão não fosse tão impactante. Parece que, ao final da gestação, os primogênitos eram capazes de fazer certa distinção entre o que é a mãe e o que é o bebê que está em sua barriga, vendo-o como um ser já independente e separado. É interessante notar que apenas as crianças mais velhas foram capazes de tal diferenciação, sendo todos os relatos a seguir referentes a crianças com mais que quatro anos de idade.

*“O P. [primogênito] lembra assim: ‘Tá, vamos lá na casa da fulana. Vai eu, tu e o pai lá’, ‘Ah não, o S. [segundo filho] vai junto também’. O P. sempre que lembra. Tudo o que a gente faz a gente coloca o S. junto” (M2).*

*“A primeira coisa que ela fala, ela diz assim: ‘Eu quero que a mãe e o mano me levem para o colégio’, ‘Eu quero que a mãe e o mano me contem história’. Ela me vê junto, né” (M4).*

*“Ela tem incluído ele muito nas coisas dela, sabe. A gente fala assim: ‘Ai, vamos nós três não sei aonde’, ‘Nós quatro, né, mãe’. Eu digo: ‘O S. [segundo filho] vai no automático’, ‘Sim, mas é nós quatro, não é nós três’, ‘Ah, então tá’. Ela tem feito essa inclusão bem sistemática. Então, a gente acha que tem um prognóstico bom dela encarar numa boa” (M7).*

Conforme o apresentado, percebe-se que a barriga da mãe grávida ocupa um lugar de destaque para os primogênitos e para a relação mãe-primogênito. O carinho das crianças para com a barriga é valorizado e, inclusive, incentivado pelas mães como forma de aproximação de si e do irmão que está por nascer. Segundo os relatos das mães, a maioria dos primogênitos apresentava uma relação de cuidado e carinho com a barriga, sendo algumas crianças capazes de estabelecer um contato mais direto com o irmão, diferenciando-o da mãe gestante. Entretanto, alguns primogênitos apresentaram comportamentos agressivos para com a barriga da mãe, os quais poderiam ser compreendidos como sinais de ciúmes.

### **1.5 - Manifestações de ciúmes / rivalidade do primogênito**

Esta subcategoria apresenta as manifestações de ciúmes/rivalidade do primogênito para com o segundo filho. Para tanto, foram consideradas apenas aquelas manifestações indicadas pelas próprias mães como representativos ciúmes. Outros sinais menos explícitos, mas que também poderiam ser compreendidos como indicativos de ciúme, serão examinados posteriormente quando investigadas as mudanças percebidas no relacionamento mãe-primogênito em função da gestação. Na entrevista, diversas questões geraram dados que foram examinados nesta categorias, destacando-se as seguintes: *E agora, como ele está [após a notícia da gestação]?; Alguma coisa parece desagradar o/a [primogênito/a] em relação à tua gravidez?; Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a [primogênito/a] em relação a ti?.*

As mães relataram diferentes manifestações dos primogênitos como sinais de ciúmes do bebê. Segundos os relatos apresentados a seguir, os primogênitos temiam perder seu lugar privilegiado junto à mãe com a chegada do irmãozinho. Este temor e o desejo de assegurar a atenção e o carinho da mãe para si foram as formas mais frequentes de ciúmes demonstradas pelas crianças.

*“E uma vez, ela me falou: ‘Ah, quando a S. [segunda filha] nascer, tu vai ter dois nenês. [...] É, porque eu sou o teu nenê grande e a S. vai ser o teu nenê pequeno’. [...] Mas uma coisa assim de ‘Eu também vou ser um nenê’, independente da minha atitude, entende. Eu não quero perder o meu posto, de ser o nenê da casa. Mas são essas as pequenas coisas que ela fala que a gente nota que de alguma forma ela sente que vai dividir o espaço e que ela tem algum ciúme” (M1).*

*“E na outra semana, ela me perguntou: ‘Tu gosta mais de mim ou dele?’. Eu disse: ‘Dos dois’. ‘Não vale, só vale um’. Ela ficou muito frustrada com a minha resposta. Então, ela disse algumas coisas assim: ‘Ah, agora tu só quer tá grudada com ele’. [...] Outra que ela me disse, ‘P. [primogênita] vamos dormir, já tá na hora’ - o pai dela não tava em casa - ‘Ah, já sei, tu tá me mandando dormir, pra ficar sozinha com ele’. Então, de vez em quando, ela tem dito algumas coisinhas assim, mas é raro” (M4).*

*“Agora ela tá começando a ficar com ciúmes. Então esses dias ela me disse, eu acho que de tanto a gente falar, ela disse: ‘Ai, esquece a tua barriga um pouco’. Ai eu senti, sabe. Então, agora a gente não comenta mais. Quando vou fazer ecografia, não levo mais ela, que ela foi em todas as ecografias. Ai, eu acho que agora ela tá vendo que a coisa tá ficando muito real, muito real” (M5).*

*“Sempre fiz massagem nela, nos pezinhos, nas mãozinhas, na barriguinha. E outro dia eu disse: ‘Oba, quando o Pedro chegar, nós vamos fazer nos pés do Pedro também’. E ela disse: ‘E nos meus não?’. Ai, eu olhei para ela e disse: ‘Ué, mas porque nos teus não, né?’. Ai, eu digo, oh, o primeiro sinal” (M7).*

O ciúme manifestado pelo primogênito pode ser compreendido como resultado do temor em perder o amor materno, o que fica bastante evidenciado nesta fala.

*“Ai outro dia foi um dia cansativo. E de manhã quando a gente acordou ela disse: ‘Mãe, brinca de Bárbie comigo?’, eu disse: ‘Ai, filha, depois a gente brinca, depois do aniver’, ‘Então tá, de noite’. Tá, de noite ela lembrou: ‘Vamos brincar de Bárbie?’, ‘Nem pensar, são onze horas e eu quero dormir’. E ela saiu daqui da sala e foi correndo para o quarto, o que não é muito comum ela fazer isso: ‘Tu não me ama mais!’. Ai se enroscou na cortina do meu quarto e chorava: ‘Tu não gosta mais de mim. Porque é que tu prometeu então?’. Ai eu fui correndo para o quarto: ‘Porque é que tu disse isso? Tu acha que porque eu não quero brincar de Bárbie, que eu tô cansada, quer dizer eu não te amo mais?’. Ai ela começou a chorar e me abraçou e disse: ‘Não, mãe, eu só inventei isso porque eu não tinha mais o que dizer’. Ai eu fiquei olhando assim para ela, eu digo, sabe, certamente ela não inventou isso, porque ela não tinha o que dizer. Ela deve estar com isso seguido lá dentro, né. Me parece que ela está com esse medo escondidinho: vai chegar o S. [segundo filho], e agora, como é que vai ser? E na hora aquele medo saiu, né” (M7).*

Em outros casos, as mães descreveram como indicadores de ciúmes do primogênito as suas reações de agressividade tanto para consigo quanto para com o bebê, mesmo que em forma de ameaça.

*“E agora, eu acho que ele tá demonstrando ciúmes, tá começando com algumas atitudes que não parecem ser dele. Ele tá muito agitado, muito mais agitado do que tava. De vez em quando ele diz que quer brincar, mas daí ele vem e dá uns ‘toc-toc’ na barriga. [...] A gente nota uma certa irritaçõzinha” (M6).*

*“No início, até o sétimo mês, foi bem tranqüilo com o P. [primogênito]. Daí depois ele começou a demonstrar um pouco de ciúmes, logo depois que a gente ficou sabendo do sexo. Mas tá tranqüilo. Uma vez ele falou que ele queria pegar e a gente não deu uma coisa que ele queria, daí ele falou: ‘Ah, quando o S. [segundo filho] chegar eu vou pegar o carrinho e vou jogar lá na escada’. Dá uns ataques assim nele, que ele fala umas coisas bem agressivas, sabe” (M2).*

Estes dados revelam que todas as gestantes perceberam, já na gestação, manifestações de ciúmes do primogênito com relação ao irmão que ia nascer. Na maioria dos casos, este sentimento foi evidenciado através de falas dos primogênitos que expressavam o medo de perder o amor e a atenção da mãe em privilégio do bebê. Em outros casos, o ciúmes/rivalidade do primogênito foi expresso através de sinais de agressividade para a barriga da mãe ou para o bebê.

De modo geral, os relatos examinados nesta categoria indicam que, embora os primogênitos fossem considerados predominantemente como crianças tranquilas e de fácil manejo, todos eles tenderam a mostrar sinais de ansiedade e ciúmes com a proximidade do nascimento do irmão(ã). Isto foi percebido tanto em crianças que reagiram com surpresa ou indiferença à notícia da gestação, quanto naquelas que responderam com alegria a este acontecimento. Os sinais de ciúmes apresentados pelos primogênitos parecem indicar, em particular, o temor de perder seu lugar especial junto à mãe. Destaca-se que tais manifestações foram acompanhadas por demonstrações de carinho e cuidado pela barriga da mãe, assim como pelo bebê que estava para nascer.

## **2 - A maternidade no contexto da gestação do segundo filho**

Na segunda categoria, investigaram-se as impressões e os sentimentos das gestantes acerca da maternidade no contexto da gestação do segundo filho. Esta temática foi abordada em diversas questões durante a entrevista, sendo que os dados foram agrupados em três subcategorias: 1) Planejamento da gestação; 2) Sentimentos associados a ser mãe novamente; 3) A maternidade e o primogênito. A seguir, são apresentados relatos das gestantes que ilustram cada uma das subcategorias.

### **2.1 - Planejamento da gestação**

Embora esta subcategoria não esteja diretamente relacionada à relação mãe-primogênito, ela foi incluída com o objetivo de contextualizar as condições em que se deu a gestação do segundo filho. Buscou-se, também, examinar o quanto o fato de já possuir um filho influenciou no planejamento desta segunda gestação. Os relatos referentes a esta temática foram obtidos através das seguintes questões: *Como tu te sentiste ao receber a notícia da gravidez? Foi uma gravidez planejada?*.

No que tange às condições em que ocorreu a gestação do segundo filho, todas as gestantes relataram que esta havia sido planejada. Todos os casais já intencionavam ter outro filho quando souberam da gestação.

*“A gente vinha já, há uns oito meses, né, tentando a gravidez. [...] A gente já tava nessa expectativa há algum tempo, né. E aí quando se confirmou foi legal. A gente tava esperando, então, foi uma coisa que não foi de surpresa” (M1).*

*“Fiquei bem feliz, porque eu tava esperando, né. Eu já tinha feito uns três testes e tinha dado negativo, né. Eu tava louca pra ficar. [...] [Estavam tentando engravidar] Há uns seis meses” (M2).*

*“Nós estamos planejando desde o ano passado, mas esse ano que nós decidimos. Atrasou um pouquinho por causa de problemas de saúde, porque daí eu fui ficar grávida em maio” (M8).*

*“A intenção era ter mais um filho. A gente já vinha, já tava determinado, mas não existia aquela assertividade: vai ser agora. [...] Estávamos pensando, já há algum tempo. Ah, já ia pra quase um ano [que estavam tentando]” (M6).*

*“E aí então em outubro de 2003 eu comecei a tentar engravidar de novo e só consegui em janeiro de 2005. Até assim, foi no meio de ansiedade: ‘O que é que tava acontecendo? Porque não vinha?’. E daí, até foi muito engraçado, porque eu tomei uma medicação em novembro e dezembro para auxiliar a ovulação. E aí o médico disse, se tu não engravidar até março, vamos fazer exame com o teu marido. Daí resolveu, entendeu” (M7).*

Em alguns casos, embora houvesse o desejo de ter um segundo filho e, inclusive os casais não estivessem mais fazendo uso de métodos contraceptivos, as gestantes referiram terem ficado surpresas com a notícia da gestação. Nestes casos, a expectativa das mães era de que houvesse um maior intervalo de tempo entre a decisão de engravidar e a gestação em si.

*“Na verdade, assim, foi meio surpresa, porque a gente não tava esperando. A gente não tava usando nenhum método contraceptivo, mas a gente não tava esperando que fosse tão rápido assim. A gente esperava engravidar em março e eu engravidei em janeiro. Foi surpresa pra mim, mas foi muito bom, assim, a gente queria, eu não queria ter um filho só” (M3).*

*“Foi e não foi uma surpresa, porque eu tinha tirado o DIU, a gente tava programando pra que isso acontecesse. Mas como eu demorei quase cinco anos pra engravidar da primeira vez, eu achei que de novo ia ser um processo mais complicado. [...] Então, acabou sendo também uma surpresa, né, quando a gente soube da notícia, né. [...] Eu tinha tirado o DIU em março do ano passado. Então, já fazia quase um ano. Aí foi em fevereiro que eu engravidei. Em fevereiro desse ano. Foi uma agradável notícia, uma surpresa” (M4).*

*“Foi bem tranquilo, assim, porque foi mais ou menos programado. [...] Só que na verdade a gente não pensou que fosse tão rápido. [...] Eu parei de tomar pílula uns meses antes, foi tudo mais ou menos programado. Só que eu escuto tanta gente que tem tanta dificuldade de ter filho, que foi muito rápido. Acho que já na primeira semana que a gente não nos cuidou mais, foi a semana que eu fiquei grávida. Então a gente: ‘Ai, já?’, né. Por que eu pensei: ‘Vou ficar grávida lá pelo meio do ano...’, mas foi logo no início. Então, foi tudo tranquilo, tudo bem, a gente tava querendo mesmo” (M5).*

Dentre as motivações para ter um segundo filho, a maioria das gestantes apresentou alguma razão relacionada ao primogênito. Em alguns casos as mães destacaram o desejo do primogênito de ter um irmão como um incentivo neste sentido.

*“Ela [primogênita] vinha já há dois anos pedindo um maninho ou uma maninha. E aí a gente tinha dito pra ela que ia ter, né, que tava tentando pra ver se tinha um maninho ou uma maninha” (M1).*

*“O P. [primogênito] começou a pedir um irmãozinho” (M2).*

*“A gente acaba sempre querendo agradar os filhos, né. Então, eu sempre quis ter mais um filho, isso já era certo, mas, como a P. [primogênita] sempre pedia, pedia e pedia, né, e fazia dois anos que ela vinha pedindo, né. [...] E ela fala até hoje: ‘Eu vou ter uma maninha porque eu que pedi. Eu que pedi, por isso que eu vou ter uma maninha’” (M5).*

*“E foi super tranquilo quando a gente teve certeza, fez a eco, tava tudo bem, nós avisamos a P. [primogênita], e ela já vinha pedindo há bastante tempo, né” (M7).*

Além disso, também relacionada ao primogênito, estava o desejo dos genitores de que este não fosse filho único, ou, como dito por algumas gestantes, o desejo de possuir uma família “mais completa”.

*“Até porque eu acho que é positivo pra ela [primogênita], né, não ser filha única” (M1).*

*“Um filho só a gente acha que também que não é bom, que é bom ter mais, se tem condições pra ter mais” (M5).*

*“A outra das motivações era ter uma família mais completa, até para o P. [primogênito]. Então, a gravidez desse segundo filho, ela é bem mais racional, bem mais pautada, acho, na realidade do que o primeiro” (M6).*

*“Aí quando o P. [primogênito] nasceu, nós ficaríamos só com o P.. Mas daí com o tempo, passou um ano, o segundo ano a gente já começou a sentir a necessidade de ter outra criança pra ele dividir. [...] Então, a gente viu uma necessidade maior em ter outro neném pra que o P. tenha um irmão, que ele não fique tão sozinho quanto eu. O H. [marido] até tem dois irmãos, mas também não é uma família que se encontra assim. Fazem festa junto e tudo, mas não é uma ligação muito grande entre eles. Então, por isso que a gente viu a necessidade de ter outra criança pra que eles sejam companheiros” (M8).*

Estes depoimentos revelam que todas as famílias participantes da pesquisa haviam planejado esta segunda gestação, de modo que, embora algumas gestantes manifestassem surpresa à notícia, esta já fazia parte de seus planos e desejos. Neste contexto, as motivações apresentadas pelas mães para ter o segundo filho estiveram relacionadas ao primogênito, incluindo o desejo manifesto pela criança em ter um irmão e a intenção dos genitores de que o primogênito não fosse filho único.

## **2.2 - Sentimentos associados a ser mãe novamente**

Nesta subcategoria abordou-se o tema da maternidade com ênfase nos sentimentos associados a ser mãe novamente. Este tema foi explorado através das seguintes questões: *Como tu te sentiste ao receber a notícia da gravidez?; Como é para ti estar grávida do*



*segundo filho?; Como tu te sentiste no início da gravidez [física e emocionalmente]? E agora, como tu te sentes?; Como tu estás te sentindo como mãe neste momento?; Tu estás tendo alguma dificuldade?.*

Em termos emocionais, algumas gestantes identificaram o período desta segunda gestação como um momento de oscilações. Novas preocupações estariam presentes, preocupações adicionais àquelas da gravidez do primeiro filho. Sendo assim, algumas mães consideraram esta gestação mais complicada que a primeira, o que desencadeou sentimentos de aborrecimento, irritação, ou simplesmente, menor euforia. Os sentimentos associados a ser mãe novamente puderam ser agrupados em três temas principais: maior responsabilidade, preocupação com o primogênito e medo de “não dar conta” dos dois filhos.

Algumas gestantes associaram a gestação do segundo filho a um sentimento de maior responsabilidade como mãe. O fato de ter de cuidar de duas crianças após o nascimento e mesmo a responsabilidade de dar atenção ao primogênito durante a gestação fez com que esta fosse percebida como mais complicada que a primeira.

*“Eu sinto que a responsabilidade aumentou um pouco mais, pelo cuidado da P. [primogênita], pelo cuidado que eu tenho que ter comigo, né, em função de propiciar um ambiente melhor e propiciar o crescimento da S. [segunda filha], né. E aí, então, isso eu sinto assim, e foi uma coisa que ontem quando o meu marido ligou e disse que tinha sido assaltado com uma arma, sabe assim? Eu me senti muito insegura nesse momento assim, porque eu pensei assim: meu Deus do céu, como a gente corre certos riscos, imagina se tivesse acontecido alguma coisa com ele. Eu penso assim, agora que nós temos duas filhas, né. Então, essas coisas eu acho que pega um pouco mais” (M1).*

*“Eu acho que é, dado o peso da responsabilidade, tudo é... a conotação, tudo é mais pesado do que a primeira vez. Eu acho que na primeira vez, tu não tem bem noção de onde tu tá te metendo” (M6).*

*“É uma grande realização para mim e também uma grande consciência de responsabilidade do que é ser mãe. Por isso que hoje, se uma mulher diz ‘acho que eu não quero ser mãe’, eu já entendo diferente, porque tem que ter um desprendimento, uma responsabilidade, uma vontade de ser. Eu não consigo admitir muito ser mãe por ser” (M7).*

Outro sentimento apontado por diversas mães como bastante presente durante a gestação foi a preocupação com o primogênito. Além do novo bebê que estavam gestando, nesta gravidez as gestantes precisavam conciliar sua dedicação ao primogênito, o que nem sempre lhes parecia uma tarefa de fácil execução.

*“Eu me percebo um pouco mais abatida, assim, do que da primeira vez, né. Porque são muitas coisas externas interferindo, assim. Como se eu não tivesse agora muito tempo até pra curtir isso, né. Então, tipo assim, tem que fazer o quarto do nenê, ah, mas como é que ela [primogênita] vai se sentir? Não, então vamos fazer um quarto pra ela, o nenê vai ficar*

*com o que era dela, né. E parece que nada satisfaz ela, sabe. Nada é suficiente. Então, eu fico um pouco mais, de saúde eu tô bem, tudo, mas eu me sinto um pouco mais chateada por essas intercorrências, assim, que não dependem da minha vontade, eu só tenho que administrar, não me resta outra coisa, né” (M4).*

*“Eu senti um encargo muito maior do que na primeira gravidez. Na primeira gravidez ninguém mais dependia de mim, eu chegava em casa, tava cansada e ia dormir. Fazia a minha ginástica, fazia de tudo. Tinha uma vida que era pra mim, a criança pouco interferia. Agora, eu sinto como se eu tivesse vários turnos e todos eles eu tenho que cumprir, ou seja, acorda de manhã, tem que cuidar de mim, tem que cuidar do P. [primogênito], leva ele pra escola, daí eu vou trabalhar, tenho que trabalhar fazendo render o máximo possível, pra cumprir todas as tarefas. E aí eu volto pra casa, às vezes nem passo em casa, vou direto pra escola. Daí meu horário já é dele de novo. [...] Então, eu tô sentindo uma sobrecarga muito grande” (M6).*

*“A única coisa que eu me preocupo, assim, é que o fato de a gente ter duas crianças a gente já sabe que vai ter que dividir mais entre os dois as coisas, né. Tudo o que tava voltado pro P. [primogênito] agora vai ter que dar um pouco pra S. [segundo filho]” (M8).*

Em um caso a preocupação com o primogênito foi explicitada através do medo do parto ou, mais explicitamente, medo de morrer no parto. Agora que a mãe tem um filho que depende dela, o risco da morte no parto se torna uma preocupação maior.

*“Agora no final começa a dar um medo, sabe. Não sei se é porque eu tenho o P. [primogênito], daí eu fico mais preocupada, medo de morte ou coisa assim, essas preocupações. Eu acho que é normal também. [...] As pessoas falam um monte de coisas, daí a gente fica impressionada. Nesse momento, né, eu tô mais preocupada com essa questão de, de repente, fazer falta pro P.” (M2).*

Um terceiro sentimento expresso nas falas das gestantes foi o medo de “não dar conta” da situação, ou seja, de não ser capaz de responder adequadamente tanto física quanto emocionalmente aos dois filhos. O temor de não ser capaz de dividir o amor entre os dois filhos foi uma das formas através da qual algumas mães evidenciaram este sentimento.

*“Eu até falei pra minha psicoterapeuta que eu achava muito estranho de como é que ia ser pra eu dividir o meu sentimento, né, porque eu sou fiel ao P. [primogênito]. Então, assim, eu nunca tive que dividir nada, nem com ninguém e nunca meus pais dividiram algo pra mim, assim, em termos de amor ou em termos de brinquedo, sabe. Então pra mim é super, muito novo. Como é que vou fazer pra dividir o amor, né? [...] Então, isso é uma curiosidade pra mim ainda é uma dúvida” (M3).*

*“E eu disse pra ela [irmã da gestante]: ‘Eu não imagino que dá pra ser mais intenso que o meu [relacionamento] com a P. [primogênita]’. Mas eu imagino que deve ser bom, né. Eu vou curtir ele e tal. Só que eu tenho, eu tenho um certo temor, assim, fantasia, eu sei, mas assim, de não gostar dele [segundo filho] tanto quanto dela [primogênita], sabe” (M4).*

Em termos mais práticos e, inclusive, físicos, este sentimento esteve relacionado ao medo de não ser capaz de realizar as tarefas cotidianas de cuidado de duas crianças pequenas.

*“Eu sempre tive muito medo, depois da P. [primogênita] - isso que a P. sempre foi uma criança muito tranqüila. [...] Mas, mesmo assim, pra mim às vezes se tornava difícil. Eu sempre tive que, em muitos momentos, me virar muito sozinha com ela. Tipo algum dia de madrugada, a guria com febre, sabe, e eu sozinha. [...] Então, essas coisas faziam eu me assustar de ter outro. Por que eu dizia: ‘Tá, um tu pega e vai, entende. Agora, se tu tem dois, tu vai sair com os dois?’, entende. Um é fácil, se torna fácil, o segundo a gente não sabe. Até porque não sabe como vai ser, né, como é que vai ser as características dessa criança, como é que vai ser a relação das duas, né. Então, eu sempre tive muito medo. [...] Eu sempre pensava assim: ‘Como será que vai ser com as duas?. Como é que eu vou me virar? Será que vai dar? Será que eu vou dar conta disso tudo?’” (M1).*

Esta preocupação esteve associada à necessidade de dividir a atenção e o tempo com o trabalho, uma vez que todas as participantes da pesquisa trabalhavam fora. As gestantes destacaram a necessidade de reorganizar seu tempo para comportar agora, além do primogênito e do trabalho, o segundo filho.

*“Ah, eu fico um pouco ansiosa, assim, se eu vou dar conta, né, porque eu trabalho fora, né, e tu viu que a R. [local onde mora] é meio longe, né, fico nessa função de pegar ônibus e tal. [...] Sempre dá aquele anseio, né, de não conseguir dar atenção, por tempo, só por tempo” (M2).*

*“Me preocupa isso, me preocupa não dar conta disso. Não tem como eu largar tudo [trabalho]. Isso me preocupa um pouco. E nisso o meu marido não pode me ajudar, sou eu e eu. Isso eu fico apreensiva de como é que vai ser. Mas eu acho que eu vou dar um jeito” (M4).*

*“Eu trabalho fora, eu venho em casa almoçar. Eu almoço todos os dias, ao meio dia com a P. [primogênita], levo na escolinha. Então, eu acho que, por exemplo, quando vier pra almoçar ao meio dia, eu vou ter que dar, vou ter que dividir a atenção com as duas, não vai ser só com a P.” (M5).*

Toda esta demanda expressa pelas gestantes apontam para uma crescente necessidade de dividir seu afeto e sua atenção, para incluir um novo membro à estrutura familiar, o segundo filho. Se, até então, a mãe precisava dividir-se entre o primogênito, o marido e o trabalho, agora esta tarefa torna-se mais complexa. Com a chegada do segundo filho, há a necessidade de cuidar de um bebê recém-nascido, com todas suas exigências.

*“Eu sinto como se eu estivesse cada vez me dividindo mais, né. Então, eu acho que dessa vez o cansaço atingiu níveis bem maiores, porque às vezes eu não tenho condições de descansar. Quando eu descanso é porque eu desmaio. E isso tem sido cada vez mais freqüente” (M6).*

*“Eu acho que ele tá me solicitando um pouco mais por causa disso, né. Que ele não quer deixar de ser o que ele é, que é filho único, né, que pra ele até acho que vai ser mais complicado, né. Mas a gente tá trabalhando isso com ele, explicando como a gente pode” (M3).*

*“Eu não sei se ele vai saber dividir, saber que eu tenho que cuidar do neném, que nós vamos ter que dar atenção pra ele. Não sei se ele vai conseguir trabalhar esses dois lados, assim. [...] Eu fico me perguntando assim, daqui uns dias eu vou ter que dizer: ‘Ah, a mãe*

*não pode, a mãe tem que fazer isso ou a mãe tá dando mama pra nenê'. Aí eu fico me questionando se ele vai entender isso ou se ele não vai entender, né. Porque ele sabe que até aqui a atenção toda é dele, né. Que a mãe tá sempre disposta a ficar com ele. Ele sabe que ele tem tudo isso sempre à mão, né, porque eu largo tudo que eu tô fazendo pra ficar com ele. Então, quando mudar, quando essa realidade mudar, eu acredito que ele vai sentir muito e vai sofrer até” (M8).*

Neste contexto, as gestantes anteciparam um maior comprometimento de ambos os progenitores para a criação dos filhos. Tanto as mães quanto os pais, precisariam unir-se na tarefa de atender os dois filhos e, conseqüentemente, o tempo para o casal poderia ficar reduzido.

*“Existe todo um comprometimento de vida, é muito diferente. A gente tá tanto tempo e não namora, assim, porque tu tem outras prioridades. E agora com outro filho vai ser mais complicado ainda. Em vez de tu te dedicar pra um, tu vai te dedicar pra dois e cada um vai ter suas necessidades. E também saber lidar com as ansiedades deles, do crescimento deles. Então acaba que o envolvimento é muito grande e tem algumas coisas que tu não tem como fazer, tu é uma só, ele [marido] é um só. Eu acho que isso vai mudar um monte” (M3).*

*“Eu acho que tá tudo mais curto, né. De novo aquela velha história, de que o tempo ficou mais curto, o ânimo ficou mais curto, o cansaço vem mais cedo de noite. O tempo que a gente tem pra fazer coisas juntos, assim bem prazerosas, eu acho que diminuiu. A tentativa dos adultos sempre é pelo menos resguardar a parte mais agradável pra criança, então, pros adultos vai ficando cada vez mais exprimida” (M6).*

*“Sei que a gente vai passar por um período de focar no S. [segundo filho] e focar na P. [primogênita] também, para ela também poder se sentir envolta o tempo todo na chegada do S.. Nós vamos ficar mais ocupados, em termos de tempo, né. A gente brinca que ter dois filhos ainda dá, três fica fora de controle, porque o pai olha um, a mãe olha o outro e o terceiro fica fora de controle sempre. Então agora a gente sabe, se um está com um, o outro vai estar com o outro. Provavelmente vai dar menos tempo para nós dois, mas agente vi ter que criar esse tempo, então depende da gente” (M7).*

No conjunto, estes relatos indicam que a gestação do segundo filho é vivida pelas gestantes como um período distinto da primeira gestação. Dentre os sentimentos associados a ser mãe novamente, as participantes destacaram: o aumento da responsabilidade, a preocupação com o primogênito e o medo de “não dar conta” dos dois filhos. O fato de ter de cuidar de duas crianças trouxe um sentimento de maior responsabilidade às gestantes, que, já durante a gestação, sugeriram a necessidade de dividir seu investimento entre os dois filhos. Com a aproximação do nascimento do bebê, surgiu o medo de não ser capaz, física e emocionalmente, de suprir as necessidades das duas crianças. Neste sentido, as mães contavam com a participação de seus maridos e antecipavam a redução dos momentos privados do casal.

### **2.3 - A maternidade e o primogênito**

O tema da maternidade foi abordado nesta subcategoria tendo como foco os depoimentos das gestantes referentes especificamente ao primogênito. Diversas questões presentes na entrevista foram examinadas e, com base nestes dados, os relatos foram agrupados em duas temáticas principais: 1) Caracterização como mãe; 2) Tarefas maternas durante a gestação.

### 2.3.1 - Caracterização como mãe

Para esta subcategoria foram consideradas as respostas das gestantes à seguinte questão: *Como tu te descreverias como mãe?*. Com isso, examinou-se a auto-avaliação das gestantes acerca de seu papel como mãe do primogênito.

A maioria das participantes demonstrou estarem satisfeitas com sua atuação como mães. Algumas, inclusive, descreveram apenas aspectos positivos quando questionadas acerca de sua caracterização como mãe.

*“Eu acho que eu sou bem mãezona. Sou bem participativa, converso, brinco, dou liberdade de querer outras coisas que não as que eu quero. Claro que tudo dentro de um parâmetro, né, de uma coisa que seja normal” (M3).*

*“Eu acho que eu sou uma boa mãe. [...] Eu acho que muitas coisas eu conseguia resolver, né, porque eu tinha muita leitura e também eu sempre fui calma. Quando surge alguma dúvida, eu na hora já reajo, não fico naquela, com insegurança, passando insegurança pra ela. Então, eu acho que eu sou uma boa mãe” (M5).*

*“Acho que, em termos de sucesso, assim, eu tô satisfeita com meu papel. Eu acho que perfeita a gente não é, erros a gente comete, alguns a gente se dá por conta, outros vão ficar pro futuro serem discutidos, se forem discutidos. Mas assim, olhando o desenvolvimento do P. [primogênito], eu tô muito satisfeita. Eu acho assim, que é uma criança que tá desenvolvendo muito a inteligência, a capacidade, a auto-estima, a capacidade de lidar com problemas, enfim, várias coisas que eu acho que vai fazer dele um adulto feliz e bem preparado para a vida. Então, por conta disso – a obra não é só minha, mas eu tenho uma boa parte nisso - eu tô bem satisfeita com o desempenho” (M6).*

Outras gestantes, embora ressaltassem suas características positivas, não deixaram de apontar alguns aspectos considerados por elas como negativos em seu modo de ser com o primogênito. Nos relatos que seguem, as mães destacaram duas características a serem mudadas: o alto grau de exigência com o filho e a indisposição para brincadeiras infantis.

*“Eu tento ser assim, bem carinhosa com ela. Eu tento ser amiga dela. Uma coisa assim, de dar um espaço pra gente conversar, pra esclarecer, pra ser afetiva. Mas, ao mesmo tempo, eu sei que eu sou muito rígida em alguns momentos. Eu exijo muito dela” (M1).*

*“Então eu me sinto muito bem assim. Acho que sou uma mãe zelosa, protetora. Às vezes, tenho uma impressão de rigidez que eu gostaria de ter menos” (M7).*

*“Acho que, como ela diz, às vezes, a melhor mãe do mundo, às vezes, a pior mãe do mundo, né. Ah, acho que, ah, eu sou muito atenta a ela, né, muito atenta ao que ela tá*

*querendo me dizer, ao que ela tá sentindo, às manifestações dela, verbais ou não, né. Mas eu acho que nem sempre eu consigo dar o que ela realmente precisa, por dificuldades minhas. Por exemplo, pra mim é difícil sentar e brincar, entende. Então, às vezes, eu me sinto meio relapsa, nesse sentido assim. Acho que eu devia ter mais disposição, levar mais pra pracinha, pra isso, pra aquilo” (M4).*

De modo geral, as falas apresentadas sugerem que as gestantes possuíam uma avaliação positiva de sua atuação como mães. Mesmo quando destacaram aspectos a serem modificados em sua interação com o primogênito, as mães não deixaram de apontar suas qualidades, o que denota uma auto-avaliação crítica. Em nenhum caso, contudo, foi evidenciada insatisfação das gestantes quanto a seu papel maternal.

### **2.3.2 - Tarefas maternas durante a gestação**

Esta categoria engloba as principais tarefas que as gestantes relataram como de sua responsabilidade para a adaptação do primogênito à gestação e ao nascimento do segundo filho. Os dados referentes a esta temática foram coletados através das seguintes questões da entrevista: *Como é para ti estar grávida do segundo filho?; Quais as tuas preocupações em relação à gravidez e ao bebê?; Como tu estás te sentindo como mãe neste momento?; Tu estás tendo alguma dificuldade?; Tu tens feito alguma coisa para prepará-lo/a [para a hospitalização durante o parto; para a chegada do bebê]?*. A partir destas questões específicas e de outras indiretamente relacionadas, as tarefas maternas para com o primogênito durante a gestação foram agrupadas em três grandes temáticas: estimular a participação do primogênito, preservar o primogênito, preparar o primogênito para a chegada do segundo filho.

Estimular a participação do primogênito no processo da gestação e do nascimento do segundo filho foi uma das tarefas destacadas por várias gestantes. As mães relataram a necessidade de incluir o primogênito nas atividades relacionadas à gestação, ao parto e ao nascimento do bebê.

*“Eu não posso esconder as coisas dela, né, e quero que ela curta junto com a gente. E aí quando chegou o quarto dele [segundo filho], eu tava no quarto quando eles [marido e primogênita] chegaram da escola e eu disse: ‘Filha, corre aqui’, ‘Bah, o quarto do S. chegou, que lindo que ficou’. Daí ela veio, ela me ajudou a guardar as roupinhas nas gavetas, roupinhas ali, roupinha aqui. Imagina, ela tem que curtir com a gente. Tem que fazer com que ela sinta o mesmo prazer que a gente, né. Eu procuro envolver ela para que ela se sinta bem e participante. Essa é a nova situação que a gente tá vivendo como família, porque não sou só eu. Eu sou a grávida, né, posso ser o foco da coisa, mas somos nós que estamos esperando o S. ” (M7).*

*“A minha idéia é poder ter ela bem perto, né, que ela fique o mais perto possível. Quero ter o cuidado, assim, que quando ela chegar pra visitar, pra ver, que eu não esteja com o nenê [segundo filho] no colo, né. Deixar ela sentar na cama comigo, essas coisas assim. Que ela se sinta realmente fazendo parte disso” (M4).*

*“Eu percebo muito isso assim, que por um lado eu tenho que proteger a S. [segunda filha] de alguma forma, mas ao mesmo tempo eu tenho que deixar que a P. [primogênita] entre nessa relação, entende. Que não vai ser eu com a S., ou o M. [marido] com a S., única e exclusivamente. Que tem que ter essa mediação assim, junto com a P. ” (M1).*

Ainda durante a gestação, além de estimular o contato do primogênito com a barriga da mãe e o bebê (mencionado anteriormente na categoria 1.4), todas as mães procuraram fazer com que o primogênito participasse das ecografias. Segundo as gestantes, a participação no exame de ecografia era incentivada para que o primogênito começasse a concretizar a realidade do irmão.

*“Todas as ecos a P. [primogênita] vai junto, né. Vai o M. [marido] e vai a P. . [...] A gente tá fazendo isso pra que ela também vá concretizando essa idéia de que, tem um bebê, né. Porque senão fica muito abstrato, eu acho pra ela, né” (M1).*

*“Tem duas ecografias que a gente levou o P. [primogênito] junto, né, pra ele acompanhar” (M2).*

*“Nós fizemos hoje e ela foi junto, então foi a primeira vez. Até então, ela dizia: ‘Eu não quero ver semente. Se é uma semente, eu não quero ver semente’. Então, hoje ela foi, mas ela se cansou um pouquinho, até porque foi um pouco mais demorado. [...] Mas ela não deu muita bola, ela se cansou do assunto, até porque a gente falava: ‘Ai que amor, olha o nariz’, daí, eu dizia: ‘Olha só, bochechuda que nem tu. Olha só como o narizinho é como o teu’. A gente sempre tentando incluí-la assim, né. Mas eu acho que foi muito assim pra ela ver coisas mais concretas, né” (M4).*

*“A eco, eu convidei ela para ver a primeira, ela não quis ir, na segunda ela não quis ir, terceira, ela quis ir. Ela foi, mas acho que ela não entendeu bem aquelas imagens, né: ‘Não tô vendo nada direito, que história é essa, queria ver o meu irmão’. Ela imaginou, vou ver um filme, uma foto. Aí, depois ela não quis ir de novo, depois já quis ir” (M7).*

Outro aspecto em que a participação do primogênito foi considerada e valorizada, refere-se à escolha do nome do segundo filho, assim como à decisão de onde o bebê iria dormir. Quanto à escolha do nome, os genitores preocuparam-se em incluir o primogênito nesta decisão sendo que, em alguns casos, sua vontade prevaleceu à da própria mãe.

*“O P. [primogênito] escolheu [o nome]. Eu não queria ‘S.’, né. Ah, foi uma briga, eu queria ‘X.’. Daí o R. [marido] queria ‘S.’. Daí, o P. : ‘Não, eu quero ‘S.’, eu quero ‘S.’’. É que tem um amigo na escola dele que é ‘L. S.’, né, que é assim do nosso convívio. Então, eu não queria dois nomes iguais, mas aí eu acabei cedendo mesmo” (M2).*

*“Eu disse pra ele [marido]: ‘Não, só vamos definir, só vai ser esse nome se ela [primogênita] achar bom também’, né. E aí depois foi uma questão de conversar com ela, de ela perceber que eu tinha gostado realmente e que era legal e tal. E aí ela aceitou” (M1).*

*“Nós estávamos jantando e eu e o M. [marido] estávamos discutindo o cronograma da reforma, do quê que a gente tinha que fazer, e o P. [primogênito]: ‘Tem uma coisa que não tá bem. Qual é o nome que vocês escolheram para o meu irmão? A gente tem que discutir isso’. [...] Daí, a gente começou a falar com muita calma, porque ele tinha escolhido um*

*nome que a gente não queria. Daí eu disse: ‘Olha, P. , tu escolheu um nome muito bonito, um nome que a tia F. já tem o ‘G.’ e a gente não pode colocar outro ‘G.’ na turma. Então, eu e o pai sempre pensamos em ‘S.’. ‘S.’, ‘É, S.’, ‘Ah, tá’. E não falou mais no assunto” (M6).*

Percebeu-se também o cuidado dos genitores em valorizar a vontade e a participação do primogênito no que se refere à decisão de onde iria dormir o bebê. Algumas crianças manifestaram o forte desejo de que o irmão dormisse no seu quarto, o que foi atendido.

*“A P. [primogênita], desde o momento que soube que era uma maninha, sempre disse que ela que ia cuidar, que ela [segunda filha] ia dormir com ela , que ela não sei o quê. Então, ela já teve a coisa de: ‘Vai ficar no meu quarto!’. Então, a gente planejou a mudança também em função disso, né” (M1).*

*“Elas vão ficar no mesmo quarto, porque a P. [primogênita] pediu. [...] A gente tem conversado com ela: ‘E se a maninha chorar de noite a gente vai ter que ficar no mesmo quarto, ela vai te acordar’, ‘Mamãe, não tem problema! Eu não vou acordar, e se acordar eu volto a dormir’” (M5).*

Ainda em termos da participação do primogênito, nos relatos das gestantes destacou-se o incentivo a que as crianças participassem e auxiliassem no cuidado do bebê após seu nascimento.

*“E quando a mamãe for pro quarto [no hospital], aí ela vai poder ir junto, né, pra ajudar a gente a cuidar da S. [segunda filha]” (M1).*

*“Eu sempre digo: ‘Filho, tu já tá ficando grande, a mana é bebê, então, ela faz cocô na calça, faz xixi na calça, ela chora, ela não sabe pedir as coisas’, ‘Ah, é mãe, então eu tenho que trocar a fralda dela, dar banho, cuidar, né’, e ‘Tu vai ter que ajudar, tu que vai ter que ensinar’. Então, desde o início eu sempre coloquei ele sempre como uma parte bem participante: ‘Ah, tu vai ter que ajudar, tu vai fazer tal coisa, tu vai ajudar. Então, eu sempre coloquei ele dentro. Ele adora, ele interage um monte: ‘Tá mãe, eu vou fazer, eu só não quero trocar fralda de cocô’ e é assim que eu prefiro fazer. Eu quero poder botar ele, quanto mais dentro da história melhor né” (M3).*

*“A gente tem comentado alguma coisa de rotina, né. Porque eu acho que ela tá achando que ela que vai ser responsável pela S. [segunda filha]. Porque ela fala: ‘Ah, mamãe, quando ela chorar e quiser mamar, eu levo ela pra ti pra tu dar mama pra ela no peito. Quando ela for maiorzinha eu busco a mamadeira dela’. Então, ela tá se sentindo muito responsável por uma coisa que ela não vai ser responsável, né. Então, ela tá se sentindo como se ela fosse a mãe das bonecas dela. A impressão que eu tenho é essa. Então, o quê que eu tenho conversado com ela, eu e o meu marido: ‘Oh, tu não vai ser responsável pela tua irmã. Tu vai poder ajudar a mamãe, né. Mas não vai ser essa a tua obrigação, tu tem que brincar! Tu é uma criança! A maninha vai nascer e quem vai cuidar é o papai e a mamãe. Tu vai nos ajudar’. E ela gosta muito de ajudar, isso tá sempre nela assim, até na escolinha” (M5).*

A segunda tarefa fundamental das gestantes durante a gravidez do segundo filho foi a preservação do primogênito. Enquanto envolviam-se com o bebê, com os preparativos para sua chegada, as mães relataram a necessidade de preservar o primogênito, assim como



sua relação com este. Preservar, no sentido de não expô-lo a situações estressantes, de sofrimento e não incrementar sentimentos de ciúmes que eventualmente aparecessem, além de equilibrar a atenção e o investimento nos dois filhos.

*“Eu me preocupo em dar mais atenção pra ele, né, porque eu não quero que ele sofra. Converso bastante com ele, que a mãe gosta dele, que ama ele, só que tem que dar atenção também pro nenê, porque o nenê chora, né. Então, eu tô batendo bastante nessa tecla pra ele se preparar bem, porque eu me preocupo, né, eu não quero que ele sofra, que ache que eu não goste dele, que eu vá preferir o outro, esse tipo de coisa” (M2).*

*“Tem o quarto da S. [segundo filho], que a gente tá pintando e tudo, e no quarto dele a gente também tá fazendo as coisas pra ele, né, pra ele ter o quarto dele. Comprou o guarda-roupa, comprou a cama, comprou uma estante pra ele colocar os brinquedos. Então assim, também tá se fazendo algo pra ele, de novidade. Não é: ‘Ah, é só a mana que tá ganhando. Eu também tô ganhando’, entendeu” (M3).*

*“Então, tipo assim, tem que fazer o quarto do nenê, ah, mas como é que ela vai se sentir. Não, então vamos fazer um quarto pra ela, o nenê vai ficar com o que era dela, né. E parece que nada satisfaz ela, sabe” (M4).*

*“Ah, eu procuro não falar muito com ela [segunda filha] quando eu tô com a P. [primogênita]. A P. ainda não despertou aquele ciúme, aquela coisa, né. Mas, eu procuro não falar muito. Eu falo mais com ela quando eu tô dirigindo, quando eu tô sozinha. E o meu marido, quando a P. vai dormir que a gente fica nós dois ali no sofá, assistindo alguma coisa ou conversando, aí ele fica com a mão na barriga, aí que a gente curte, porque perto dela não. [...] Eu interajo com ela, a gente conversa também um pouco, mas não muito. O normal não é junto” (M5).*

Neste sentido, as gestantes relataram procurar não expor o primogênito a outras tensões durante a gravidez, pois consideravam o nascimento do irmão como um momento por si só estressante para a criança. Assim, as mães buscaram não lhe impor privações desnecessárias, sendo mais tolerantes neste período.

*“Tenho [intenção que ele largue a mamadeira], mas não agora, eu acho que agora ia ser muita coisa, né. Ele já tá mudando de quarto, ele já tá, sabe, é muita coisa. E eu vejo que é um momento tão prazeroso pra ele que não é uma coisa que influencie o meio, entendeu. Como é que eu vou te explicar, é um momento dele, ele deita e toma a mama dele” (M3).*

*“Eu fico meio assim, a gente nunca sugere, né. Já dissemos pra ela várias vezes: ‘Olha, se tu quiser, qualquer dia, dormir na casa de uma amiga, filha, tu pode. Não tem problema nenhum’. Mas a gente não fica empurrando, pra ela também não se sentir assim: ‘Bom, tão querendo me mandar embora, querendo que eu durma fora, porquê?’, né. Pode passar na cabecinha dela alguma coincidência que o mano tá chegando, então, a gente não quer fazer essa conexão de forma alguma” (M7).*

A terceira grande tarefa das mães durante a gestação referiu-se à preparação do primogênito para a chegada do segundo filho. A este respeito, dois foram os tópicos mais abordados pelas gestantes: preparação para a hospitalização da mãe e preparação para as mudanças na rotina familiar.

A preparação do primogênito para a hospitalização da mãe foi considerada importante pelos genitores, que buscaram antecipar ao primogênito o que ocorreria neste dia. No momento da entrevista, a grande maioria dos genitores já havia conversado com o primogênito acerca da hospitalização da mãe para o parto e da organização da família neste dia. Apenas em dois casos este tema ainda não havia sido abordado com o primogênito, o que seria tratado com a proximidade do dia do nascimento.

*“Isso a gente não tem feito muito. Ainda faltam dois meses, eu acho mais prudente a gente conversar quando chegar pertinho. Até porque nós até já combinamos com os padrinhos, que nós vamos levar ele um final de semana agora, pra ele já dormir lá pra ver como ele se comporta. Pra ver se vai dar tudo certo, se ele não vai estranhar. [...] Aí a gente já vai ter uma idéia de como é que vai ser. Até porque vai ser verão, daí tem piscina, ele fica com as meninas, daí se distrai” (M8).*

*“Isso a gente nem começou a prepará-lo ainda. Talvez já esteja na hora de começar. Até a gente tem que começar a discutir, eu e o M. [marido], que eu não sei se o M. vai ficar no hospital, se não vai ficar. Porque agora as coisas são um pouco diferentes” (M6).*

Tanto por iniciativa do primogênito, quanto dos próprios genitores, as crianças foram informadas sobre a organização geral do dia do parto. Alguns primogênitos demonstraram preocupar-se com esta questão, de modo que os genitores precisaram esclarecer o assunto.

*“Foi uma coisa que eu nem tinha cogitado em conversar com ela nessa época, até por que falta um bom tempo. E isso já faz bastante tempo, acho que faz muito mais de mês que ela falou. Então, quando ela falou, eu disse: ‘Bom, então, já vamos tratar do assunto, já que ela tá curiosa, ela tá querendo saber como é que vai ser’” (M1).*

*“Eu acho que ele tá muito ansioso pro dia, pra como é que vai ser, ele não sabe, entendeu. Ele quer saber” (M3).*

*“Ah, ela fala bastante nisso [afastamento da mãe durante a hospitalização]. Ela fala muito que ela vai dormir comigo no hospital. Fala assim, que não vai sair, que não vai dormir fora, né” (M5).*

Percebeu-se que as decisões que envolviam o nascimento do bebê não eram simples de serem tomadas. Os primogênitos expressaram o desejo de participar e de não se afastar dos pais neste dia, de modo que uma decisão importante a ser tomada referia-se a quem ficaria com o primogênito – o pai, os avós, etc. Na maioria dos casos em que já havia um planejamento a respeito, as famílias decidiram que o pai iria ficar com a mãe no hospital enquanto que o primogênito iria dormir com os avós. Contudo, esta notícia não pareceu ser bem aceita por algumas crianças.

*“E aí ela vai poder ficar lá durante todo o dia, né, porque de noite os médicos não deixam as crianças ficar no hospital. Então, ela vai ter que ir pra casa, e aí ela vai lá pra casa da vovó e do vovô. E aí ela disse assim: ‘Mas eu não quero dormir no vovô e na vovó’. Ela vai*

*pra lá pelo menos uma vez por semana porque ela quer, né, e aí, ela disse: ‘Eu não quero dormir na casa da vovó, porque eu quero dormir na minha cama’, né. [...] ‘Mas e por que eu não posso ficar com o papai?’. Daí eu disse: ‘Porque o papai vai ficar pra ajudar a mamãe, porque no início a mamãe não consegue se mexer direito e não sei o quê. Então, ele precisa ajudar a mamãe a cuidar da S. [segunda filha]’. E aí, eu tipo não abri muito a possibilidade do papai vir, né. E ela acabou tolerando assim, essa coisa, mas ela fez uma certa exigência que ela [primogênita] ficasse na cama dela” (M1).*

*“Eu vou ficar com o R. [marido]. O R. queria que ele [primogênito] fosse lá no dia, mas eu não quero que ele vá no dia do parto, né, eu quero que ele vá depois, no outro dia. Aí, ele vai ficar com a minha mãe no momento que o R. estiver lá. Mas depois já vai voltar a rotina dele ao normal, né. Vai pra casa com o pai dele, dorme, depois vai pra escola, né. [...] Ah, sei lá, pode acontecer qualquer coisa, né, comigo ou com o nenê e eu não quero que ele esteja lá” (M2).*

*“Ontem eu falei pra ele que a gente ia dormir no hospital e que ele ia dormir em casa com a vó e ele disse que não, que ele vai pro hospital, porque se a mana vai nascer no hospital ele tem que estar no hospital. Mas eu disse: ‘Filho, criança não pode ir pro hospital’ e ele disse ‘Não, mas eu quero, eu não quero ficar em casa’. [...] ‘Ele disse que ele não fica em casa, que ele não vai ficar e que ele quer ir junto pro hospital pra receber a mana. Aí, isso eu acho que eu tenho que trabalhar ao longo dessa semana” (M3).*

*“Eu disse: ‘Não, o papai vai dormir com a mamãe, porque quando tu nasceu, o papai dormiu com a mamãe todo o tempo lá, e ele que te cuidou de noite. Então, vai ser a mesma coisa com a maninha e tu vai dormir com o vovô e com a vovó’. Porque ela dorme direto nos meus pais, né. Adora dormir lá, às vezes dia de semana ela vai e dorme. Então, ela diz que não, que ela vai dormir junto. Daí eu digo: ‘Então, tá, se tu quiser dormir junto, tu pode dormir’, porque ela tava muito ansiosa com isso. Acho que ela ficou uns dez dias falando disso, né. Aí, teve uma semana que ela não parou de falar: ‘Ai, mas quando tu for pro hospital, tu vai ficar longe de mim!’, aquela coisa. [...] Daí, acalmou” (M5).*

Em outros casos as gestantes e seus maridos abdicaram da companhia um do outro neste momento para que o pai pudesse ficar com o primogênito. Subjacente a esta decisão, estava a idéia de que este seria um momento de tensão para a criança, que precisaria ser apoiada por ao menos um dos genitores, já que a mãe estaria impossibilitada. Além disso, uma destas famílias não contava com o suporte da família extensa, que morava longe e não estaria presente para o parto.

*“Daí eu fiquei pensando: ‘Pô, será que vou ter acompanhante, né?’ - porque eu acho que ela precisa de muito suporte nesse momento. E fiquei pensando: ‘Pô, quem ficaria comigo?’, porque ao mesmo tempo, eu vou precisar. O nenê vai estar no quarto comigo, quer mamá, chora, alguém que me alcança – porque vai ser cesárea... Aí quando eu fui falar pra ele [marido], ele disse: ‘A gente vai ter que ver quem vai ficar contigo, porque eu não vou poder ficar, né’. [...] Ela sabe que eu vou ficar no hospital, ela já sabe que eu vou dormir no hospital. Ah, não sabe que o pai não vai dormir [no hospital], né” (M4).*

*“Eu falei pra ela: ‘Filha, se realmente for possível tu ir para o hospital com a mãe, tu vai poder dormir sim. Lá dentro, quando a mamãe for ganhar o S. [segundo filho], aí ninguém pode entrar, só o papai do nenê e os doutores’. ‘Com quem é que eu vou ficar, mãe?’, ‘Ou com a vovó, ou com o vovô ou com a tia F.’, vão estar todos lá fora no vidro esperando para olhar quando o S. nascer, que eles vão trazer para mostrar. ‘E de noite?’, ‘De noite tu vai dormir com o papai’, ‘Aonde?’, ‘Bom, vamos ver se pode dormir no hospital. Se puder, tu e o pai dormem uma noite no hospital, se não puder tu vem com o pai e dorme em*

*casa'. Porque ai, certamente vai dormir lá comigo ou a minha mãe, ou a minha irmã, ou a minha cunhada, alguém dorme lá comigo” (M7).*

Ainda referente à hospitalização da mãe e ao nascimento bebê, alguns genitores planejavam dar um presente ao primogênito neste dia, como forma de tornar o processo mais prazeroso para ele e agregar um valor positivo ao segundo filho, pois seria trazido pelo próprio bebê.

*“E a gente tá pensando em comprar alguma coisa, um brinquedo, alguma coisa pra, no dia, dizer que foi a mana [segundo filho] que trouxe, pra ele [primogênito] não se sentir, ah. Porque todo mundo vai levar presente pra ela, né, ninguém vai se lembrar de levar nada pra ele. Então a gente pensou em comprar alguma coisa, algum brinquedo, alguma coisa que ele queira muito e no dia dar: ‘Ah, foi a mana que trouxe’. Eu acho que isso vai ser bem legal” (M3).*

*“Ela [primogênita] sabe que o mano [segundo filho] vai trazer um presente. Daí, ela diz: ‘Mentira, nenê não traz presente’, eu digo: ‘Tu vai ver, então’. Então, a gente vai comprar alguma coisinha que ela queira. Aí, ela pediu uma barraca, mas cada semana ela pede alguma coisa” (M4).*

Na preparação do primogênito para o nascimento do irmão, outro tópico abordado pelos genitores foi a mudança na rotina familiar. As mães buscaram informar o primogênito sobre aspectos concretos e práticos do dia-a-dia que seriam alterados com a chegada do bebê.

*“Seguido a gente conversa, mas nada muito direto, assim. A gente conversa sobre como é que vai ser, que a gente vai cuidar e a S. [segunda filha] vai dormir no bercinho e não sei o quê. [...] Então, ela tem tudo isso e a gente conversa muito assim, aí, nós vamos pra pracinha e a S. vai no carrinho, essas coisas, sabe. Às vezes, assim, quando surge o assunto ou quando ela coloca alguma coisa a gente coloca pra ela assim: ‘Ah, e quando a gente for vai acontecer assim’. Então, essas coisas a gente acaba, a gente começa a conversar sobre como vão ser as coisas, né. Algumas situações mais reais, né, e que podem acontecer e a gente tem que se preparar, né” (M1).*

*“Eu já expliquei pra ele que eu vou ter que cuidar sempre primeiro do nenê, né, quando o nenê chorar, porque o nenê não sabe falar – daí eu vou ficar com ele em casa. Eu vou mandar o P. [primogênito] pra escola só à tarde, né, mas ele vai ter que me ajudar, então a gente tá começando a conversar sobre isso” (M2).*

*“Ontem eu falei que a mana vai nascer no hospital e daí depois ele vai lá conhecer a mana. Depois a mamãe vai vir pra casa com a mana. A mana vai morar sempre com a gente” (M3).*

*“Então, a gente já tá né, conversando sobre algumas rotinas que a gente sabe, de criança: ‘A mamãe vai parar de trabalhar, por que ela vai ter a maninha. Eu vou parar cinco meses, eu vou ficar até o verão, até depois do teu aniversário eu vou ficar sem trabalhar, né. Porque a mamãe vai ficar mais em casa, porque a maninha é muito nenê’” (M5).*

*“A gente comenta, né, que vai nascer, que tá próximo, que o quarto tem que estar arrumadinho, que a gente arrumou o quarto dele quando ele chegou, né. [...] A gente diz que a criança nasce muito pequenininha, que ela vai crescendo. A gente explica algumas*

*coisas, que ela é muito dependente da gente, que ela não sabe se virar sozinha, que ela é muito frágil, que ela tem que mamar, que tem que dar banho, que tem que cuidar, que ele vai ter que ajudar, que ela não vai saber fazer xixi, não vai saber fazer cocô, vai fazer tudo na fralda e tal. Então, essas coisas a gente conta” (M6).*

Em algumas famílias, visando à preparação do primogênito, algumas alterações na rotina foram implementadas já durante a gestação. Desta forma, as gestantes tinham a intenção de tornar este processo de mudança mais gradual e menos vinculado à chegada do bebê.

*“Alguma coisa que mudou foi assim, oh, antes a empregada nunca levava ela na escolinha. Aí, a psicóloga da escolinha – eu fui conversar com ela, porque ela [primogênita] não queria mais ir pra escolinha – e aí ela me falou que quando a S. [segunda filha] nascesse eu não ia poder levar e buscar ela da escolinha, cheia de ponto e coisa. Então, aí, ela disse que já era pra eu acostumar a P. ser buscada por outras pessoas, senão, ela vai dizer: ‘Ah, agora que o nenê nasceu, a minha mãe não me leva mais!’. Então, agora eu já tô começando a dizer pra R. [empregada] arrumar ela. Pra depois não sentir o baque e ‘A minha mãe parou totalmente de fazer essas coisas’. Então, esse tipo de rotina que tá mudando um pouco. (M5)*

Os relatos examinados indicam três tarefas principais das gestantes para com o primogênito durante a gravidez do segundo filho, quais sejam: estimular sua participação, preservá-lo e prepará-lo para a chegada do segundo filho. Quanto ao primeiro tópico, as mães buscaram incentivar e valorizar a participação do primogênito em atividades como os exames de ecografia, a escolha do nome do segundo filho, na decisão de onde o bebê iria dormir e sobre os cuidados do bebê após seu nascimento. A segunda grande tarefa das gestantes referiu-se a preservação do primogênito, o que incluiu não expô-lo a privações e tensões, além daquelas características deste momento de transição. Além disso, as mães buscaram minimizar situações que pudessem gerar sentimentos de ciúmes no primogênito. A terceira e última tarefa das gestantes foi a preparação do primogênito para o afastamento da mãe durante a hospitalização e para as mudanças na rotina familiar após o nascimento do bebê. Todas estas tarefas maternas evidenciam a complexidade deste momento para a gestante e a importância que as participantes atribuíam a seu papel enquanto facilitadoras deste processo para o primogênito.

Em seu conjunto, os relatos apresentados nesta categoria sugerem que a presença do primogênito na vida das gestantes torna a experiência da gravidez do segundo filho muito distinta de sua primeira gestação. Mesmo antes do nascimento do bebê, as mães sentem a necessidade de dividir seu investimento entre a gestação, o primogênito e suas demais atividades e relacionamentos. A preocupação com o primogênito foi um tema bastante presente neste período. Além disso, no que se refere às circunstâncias em que ocorreu a gravidez, destaca-se que as gestantes do estudo constituem um grupo bastante

particular, uma vez que todas elas desejavam ter este segundo filho e, inclusive, o planejaram.

### **3 - Relacionamento mãe-primogênito**

A terceira categoria teve como temática central as impressões e sentimentos maternos acerca de sua relação com o primogênito. A este respeito, buscou-se avaliar a qualidade da relação conforme avaliado pela mãe e, fundamentalmente, as mudanças percebidas pelas gestantes em seu relacionamento com o primogênito depois de sua gravidez. Devido à amplitude do tema, este foi abordado em diversas questões na entrevista. Para fins de análise, os depoimentos foram agrupados conforme estivessem relacionados prioritariamente à pessoa da mãe ou ao primogênito, nas seguintes subcategorias: 1) Mudanças centradas na mãe; 2) Mudanças centradas no primogênito. Obviamente, trata-se de uma divisão para fins de análise, já que há uma interdependência e influência mútua dos comportamentos da mãe e do primogênito na qualidade de seu relacionamento. A seguir, são apresentados relatos das gestantes que ilustram cada uma das subcategorias.

#### **3.1 - Mudanças centradas na mãe**

Nesta subcategoria foram examinadas as mudanças relatadas pelas mães em seu modo de relacionar-se com o primogênito durante a gestação. Tomou-se como foco as mudanças centradas na pessoa da própria mãe. Para tanto, foram considerada principalmente a seguinte questões da entrevista: *Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês três [tu, teu marido e teu filho] desde que tu engravidaste?; Houve alguma mudança no dia-a-dia da tua família depois que tu engravidaste?.* A este respeito, três foram os aspectos destacados pelas gestantes: limitação física da mãe, mudanças na atenção dispensada ao primogênito e mudança na tolerância/irritação com o primogênito.

No que se refere ao primeiro tópico, todas as mães relataram alguma mudança na sua relação com o primogênito em consequência das limitações físicas da gestação. Com o crescimento da barriga e as restrições características do último trimestre gestacional as mães destacaram as seguintes alterações: impossibilidade de pegar o primogênito no colo, limitação das brincadeiras, redução do envolvimento da mãe em atividades diárias de cuidados do primogênito. Além disso, de modo geral, as mães estavam mais cansadas e, conseqüentemente, menos dispostas a interagir com o(a) filho(a).

Dentre as limitações trazidas pela gestação, não poder pegar o primogênito no colo foi a mais ressaltada pelas mães e pareceu ser aquela mais sentida pelo primogênito, conforme o relato das gestantes.

*“Às vezes eu sinto vontade de pegar ele no colo, mas eu já falei pra ele, brincando, que se eu pegasse ele o neném ia sair” (M2).*

*“[Desagrada a primogênita] Não pegar ela no colo, ela vir assim e eu não poder pegar. Eu ponho ela no colo no sofá, ela sobe em cima do sofá a gente se abraça, em cima da cama, mas ela se queixa muito que eu não tô pegando muito ela no colo. No início ela reclamava mais, agora ela não reclama. Ela não reclama, mas eu sinto que ela sente falta disso, né. Brincar de aviãozinho – coisa que ela faz com o pai, faz com a minha irmã. Eu acho que isso, né, mas ela entende, né” (M5).*

*“Eu acho que ele ficou muito chateado quando eu comecei a não pegá-lo mais no colo, assim, de erguê-lo, né. Ele pode vir no meu colo, comigo sentada, né. Não faz muito tempo, eu acho que faz um mês agora, que eu parei de pegar, porque eu comecei a ter muita contração. E aí eu acho que antes, ele já tava meio sentido, porque eu já não conseguia mais carregar tanto tempo, e tal” (M6).*

*“Eu entro e vejo as mãezinhas carregando as crianças na escola, saindo da escola com todos eles no colo, eu disse: ‘Ai, eu não saio muito com ela no colo’. Aí disse pra ela: ‘Vem cá’ e peguei ela no colo, antes de entrar de repouso. [...] Eu acho que ela sentiu isso, essa restrição de poder isso, não poder aquilo” (M7).*

Os momentos de brincadeira com o primogênito também sofreram mudanças no final da gestação. A este respeito tanto a frequência das interações, quanto o estilo das brincadeiras precisou ser alterado para adaptar-se às limitações físicas da mãe.

*“Às vezes, se eu sento no chão com a P. [primogênita] eu tenho que fazer uma ginástica pra conseguir sair dali, pra me levantar. São coisas que a barriga vai impossibilitando. Mas são coisas que a gente vai contornando” (M1).*

*“Eu acho que, de repente, eu brinco menos de lutinha com ele hoje, daí ele já não gosta, né. Eu sempre brinquei com ele de lutinha e agora eu não posso. Aí, ele meio que cobra isso de mim: ‘Quando é que tu vai poder?’, ‘Ah, quando o S. [segundo filho] chegar a mãe vai brincar de lutinha contigo’” (M2).*

*“Se são os jogos que eu posso botar numa mesa, tudo bem, agora sentar no chão eu não sento mais. Daí é banquinho, mas ainda assim eu não consigo alcançar direito as peças, e tá muito desconfortável. Daí eu tô brincando menos com ele” (M6).*

A gestação também trouxe restrições às tarefas diárias de cuidados do primogênito, como dar banho, buscar na escola, entre outras.

*“Pra mim, agora tá cada vez mais difícil poder ajudá-la no banho, mesmo estando do lado de fora do box. Eu entro no chuveiro e tomo banho junto com ela. [...] Então, a única coisa que eu acho que é um pouco frustrante pra ela – mas que ela nunca se queixou e nunca demonstrou isso – é eu não conseguir pegá-la no colo. Quando eu tô sentada ela sempre vem, senta no meu colo e não sei o quê. Às vezes, eu até levanto ela do chão, fico um pouquinho com ela, pra abraçá-la assim, quando ela acorda. Mas são coisas muito*

*rápidas, porque eu não fico fazendo esforço. Quando a gente chega de carro e ela tá dormindo, [...] antes eu tirava ela do carro e carregava e hoje em dia eu acordo ela quando a gente chega, né. [...] E aí, eu chamo e ela levanta, ela pode estar ferrada no sono, ela levanta e vem caminhando. Mas ela nunca se queixou, nunca se queixou, sabe. Então, assim, eu considero meio frustrante pra ela, entende. Mas ela não demonstrou isso em nenhum momento” (M1).*

*“Eu acho que o fato de eu não poder fazer as coisas que antes eu fazia [desagrada o primogênito]. Não que seja uma coisa, assim, muito, que seja tipo um transtorno, mas ele pergunta por que eu não busco ele na escolinha. Eu acho que ele sente falta de algumas coisas que hoje eu não posso fazer e que antes eu fazia” (M3).*

*“Eu acho que ela se ressentiu um pouquinho da questão do vem me limpar, vem me dar banho. Quando eu entrei de repouso principalmente ficou mais claro para ela: ‘Agora a minha mãe não pode me limpar. Agora a minha mãe não pode me dar banho. Agora a minha mãe não pode isso, não pode aquilo’. É, eu acho que aí ela se ressentiu um pouquinho com essa limitação de movimento. Colo, ela pedia muito colo” (M7).*

O cansaço e a indisposição mencionados pelas mães no final da gestação também afetavam a interação mãe-primogênito.

*“Eu tô um pouco cansada por algumas coisas, mas, apesar de cansada, mais disposta que eu estive no início. Agora, eu disse pro meu marido: ‘Pô, dá banho nela, faz favor, porque eu vou chegar tarde’. Eu canso, sabe. Eu chego em casa às oito horas da noite, eu vou botar no banho, eu vou lavar o cabelo, seco cabelo, tararã, tararã. Fisicamente, eu canso da função. Eu gosto, é prazerosa pra mim e pra ela, mas fisicamente, eu me sinto mais cansada” (M4).*

*“A grande mudança é que eu tô muito cansada, né. Então, a disposição para brincadeiras, pra essas coisas, já reduziu faz muito tempo, né. Essa foi a grande mudança, né. [...] Daí a gente tem que fazer, tem que dar atenção pro P. [primogênito] de outra forma” (M6).*

*“Acho que a vida continua normal lá em casa. A única coisa assim, é que agora – também é verão – eu tô cansada e tenho tido muito sono, vontade de dormir mais, ficar mais quieta. Eu chego em casa e sempre peço pro H. [marido]: ‘Ah, fica com o nenê pra mim descansar’, sabe. Então, eu sinto mais necessidade de estar mais tranqüila, mais pregada [cansada], sabe. Às vezes, até eu estranho, porque eu já deixo de participar um pouquinho mais das coisas, porque eu tô precisando descansar mais. Até porque pra mim tá no fim, só faltam dois meses, eu já aumentei bastante de peso. Então, eu sinto a necessidade de estar mais descansada” (M8).*

Frente a estas mudanças e ao perceberem as privações impostas ao primogênito, as mães buscaram alternativas para proporcionar momentos agradáveis de interações com as crianças.

*“Às vezes, quando eu tô me sentido muito pesada ou com esse incômodo que eu sinto às vezes na barriga, eu digo: ‘P. [primogênita], a mamãe tem que deitar um pouco. Se tu quiser, traz uma boneca, traz uma coisa, vamos brincar aqui na cama da mamãe’. Ela vem, ela brinca comigo ali, ou ela diz: ‘Ah, então, eu vou ver desenho’, sabe. Ela respeita muito isso, mas ao mesmo tempo ela é criança, né, ela precisa de atenção. Então, não dá pra o tempo todo deixar assim” (M1).*

*“Agora, questão de um mês atrás, me ocorreu uma alternativa pra agradar ele. Ele vem atrás de mim, nas costas, e vai na cacunda. Daí assim, parece que tá se agradando.*



*Porque eu vinha falando pra ele que não era que eu não quisesse [pegá-lo no colo], era que eu não conseguia mais. Mas, eu acho que igual, ele não tava aceitando. E eu acho que com essa alternativa, oferecida pra ele, ele tá mais tranqüilo agora” (M6).*

*“Anteontem ela disse: ‘Mãe, posso dormir como eu dormia antes?’. [...] ‘Lembra quando eu deitava na cama e dormia no teu colinho? Posso deitar assim de novo?’. Eu disse: ‘Pode’. Aí com esse barrigão deitei de lado na cama dela assim, tentava virar para um lado e não conseguia, para o outro não conseguia. A barriga aumentou muito, né. Ela disse: ‘Ai, mãe, tá difícil’, eu disse: ‘Tá difícil. Vamos dar um jeito’. Aí ela encostou a cabeça assim, meio sentada e conseguiu dormir. [...] E isso ela pediu porque na noite anterior, ela foi dormir e disse: ‘Mãezinha, porque é que tu não deita mais na cama no meu lado?’. Digo: ‘Filha, porque é tão ruim pra mãe deitar com este barrigão e levantar depois. É cama de solteiro, é apertada, e tem a gradezinha que fica nas minhas costas. Então a mãe fica sentada até tu pegar no sono’” (M7).*

*“Como eu tô mais pesada e tá muito quente, eu não tenho mais vontade de sair de casa. Tenho ficado mais em casa, mais atirada, como quem não quer nada. E o P. [primogênito] não é muito de rua assim, de brincar na rua com a gurizada. Ele fica dentro de casa com a gente. Daí a gente tem que inventar joguinhos, olhar filme, escrever, essas coisas assim” (M8).*

No que se refere ao segundo tópico, a atenção dispensada ao primogênito pelas mães durante a gestação, os depoimentos indicam que a maioria das mães buscou dedicar mais tempo para estar com o filho durante este período. Em alguns casos, o maior tempo com o primogênito era consequência de intercorrências próprias da gravidez, como limitações físicas da gestante ou, inclusive, a necessidade de repouso.

*“Normalmente, eu procuro ficar pelo menos um turno com ela [primogênita] e no outro eu trabalho. Então, aquele turno eu tento me dedicar pra ela, pra poder fazer coisas com ela” (M1).*

*“Aí, a gente vai pra casa, lê historinha, pinta, desenha, joga, brinca, né. É um horário que a gente tem assim procurado dar mais atenção pra ela [primogênita]. A gente via muita televisão, ‘Jornal Nacional’, novela. A gente cancelou isso” (M4).*

*“Eu tenho ficado muito com ela [primogênita], eu tô deixando de trabalhar muito pra ficar com ela. É porque eu me canso muito, o meu tipo de trabalho exige muito de mim, de caminhar, de descer e subir do carro. Então, de manhã eu tenho ficado muito com ela, fico até umas nove e meia, dez horas, ou chego mais cedo, onze horas. Eu tenho ficado muito com ela de manhã” (M5).*

*“Agora eu tô todos os dias em casa de manhã. Então, eu acordo antes dela, venho aqui, tomo café, ela acorda, se enrola no meu colo e fica comigo, a gente vê desenho juntas. Eu é que visto ela, vou lá escolher a roupa junto, vou prender o cabelo. Então, a gente está interagindo por mais tempo do que a gente interagia antes. Até já pensei: ‘Puxa, será que isso é bom, né, agora vai chegar o S. [segundo filho] e vai ter uma quebra aí’. Mas não tem o que fazer, tô de molho em casa, não vou deixar de curtir ela, né. Então acho que mudou um pouco da minha rotina por causa do meu repouso” (M7).*

Em um dos casos, contudo, ocorreu uma situação inversa. Devido ao cansaço da mãe no final da gestação, mesmo nos momentos em que ela estava em casa, estava menos disponível ao primogênito e, logo, interagindo menos com este.

*“Eu já tinha reduzido bastante o tempo com o P. [primogênito]. Com a gravidez eu tô muito mais cansada. E eu só tenho tempo de descansar a noite. Tem muitas vezes, se eu ficar de bobeira nesse sofá aqui, olhando um pouco de TV, é pra já que eu durmo. E daí, muitas vezes se passam duas horas e aí que eu vou acordar. E essas duas horas, os dois [primogênito e marido] ficaram aí, brincando de corrida e coisa e eu não vi o tempo passar” (M6).*

Quanto às mudanças na tolerância com o primogênito, algumas mães mencionaram estarem mais tolerantes e compreensivas durante a gestação, enquanto outras referiram menos paciência neste período. O aumento da tolerância de algumas das mães deveu-se à sua compreensão da gestação como um momento difícil para o primogênito, devido, entre outras coisas, à menor disponibilidade da mãe.

*“Nesse momento, pra mim é um momento diferente. Às vezes, eu acho que eu fiquei um pouco mais tolerante em relação a algumas coisas, até porque eu tô impossibilitada de algumas coisas. Então, eu acabo tolerando algumas coisas que, de repente, antigamente eu não tolerava tanto, porque eu sei que algumas coisas eu não consigo dar pra ela nesse momento. Então, ela tem alguma razão de ficar, se for o caso, mais chateada ou mais incomodada. E daí eu tolerar um pouco mais essa coisa mais manhosa dela” (M1).*

*“Estou muito cansada. A gente cansa muito, sabe... mas eu não posso passar isso pra ela. Eu tô com muita paciência, sempre com muita paciência. Muitas vezes meu marido interfere, quando ele vê que eu quero tomar banho e ela não me deixa tomar banho, e ele vê que eu tô podre, que eu tô cansada e ao mesmo tempo eu não quero, eu não brigo com ela. Porque, eu até entendo o lado dela, não é aquela coisa: ‘Ah, guria chata, para de me incomodar’, sabe. Não, não faço isso. Então, se ela: ‘Aí eu me machuquei!’, eu: ‘Ai, deixa eu ver o teu machucado’. Eu procuro sempre dar atenção pra ela” (M5).*

Nos casos em que as mães relataram menor tolerância com o primogênito durante a gestação, esta esteve acompanhada de um aumento da irritabilidade da mãe e pouca aceitação das mudanças de comportamento expressas pelo primogênito.

*“Eu tô me percebendo mais intolerante na gravidez. Sabe, mais irritada assim, porque eu tô com mais dificuldades de contornar algumas coisas. [...] Não é só com ela, é com tudo. Eu me sinto intolerante com a secretária, é com ele [marido]” (M4).*

*“Ah, eu fico irritada, porque eu nunca gostei disso [primogênito passou a falar como bebê]. Então, não é porque é meu filho que vai me irritar menos, né. Eu sempre achei muito chato isso. E eu acho que não é muito condizente com a situação. Eu não sei de onde ele pegou isso, sinceramente eu não sei. Eu gostaria de saber de onde ele tirou essa idéia, porque até onde eu sei, ninguém faz isso, nem na família, e o círculo que ele tá inserido é a escola e a família. Eu desconfio que mesmo que seja motivado por alguma coisa, ele não tirou essa idéia do nada, ele viu alguém fazendo” (M6).*

De modo geral, percebe-se que a gestação trouxe mudanças importantes no comportamento materno e, conseqüentemente, para a relação mãe-primogênito. Com as limitações advindas da mudança do corpo, as gestantes apresentavam-se mais cansadas e menos dispostas a interagir com o primogênito durante a gravidez. Além disso, algumas

atividades normalmente executadas por elas com a criança, como pegar no colo, brincadeiras e cuidados diários precisaram ser reduzidas. Apesar disto, as mães continuaram atentas às necessidades do primogênito e às restrições a estes impostas, de modo que buscaram criar alternativas de atividades e, em alguns casos, buscaram dedicar mais tempo para estar com a criança. Além disso, algumas mães estavam mais tolerantes e compreensivas com seus filhos neste período. Em outros casos, contudo, frente às limitações físicas e o cansaço, algumas mães relataram terem menos tempo para o primogênito e, em ao menos um caso, a gestante estava mais irritada e menos tolerante durante a gestação. Destaca-se também que estas mudanças não passaram despercebidas pelo primogênito, que, conforme os relatos, demonstraram desagrado com relação a estas limitações nas interações com a mãe. A este respeito, as gestantes referiram sentir que as crianças estariam “chateadas”, “sentidas”, “frustradas” e “ressentidas” com estas mudanças.

### **3.2 – Mudanças centradas no primogênito**

Nesta subcategoria, buscou-se investigar as mudanças no relacionamento mãe-primogênito que estavam centradas prioritariamente em alterações do comportamento das crianças. Estes relatos maternos foram coletados principalmente através da seguinte questão da entrevistas: *Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a [primogênito/a] em relação a ti desde que tu engravidaste?*. Além disso, as gestantes foram questionadas acerca de mudanças em diversos aspectos da vida do primogênito ocorridas durante a gravidez, incluindo: alimentação, uso do bico/chupeta, linguagem/fala, sono, controle do xixi e do cocô, cuidados e higiene pessoal, choro, brincadeiras, objeto preferido, momentos em que o primogênito fica longe da mãe, escolinha/creche. Em cada um destes tópicos as gestantes foram questionadas acerca de mudanças no comportamento do primogênito durante a gravidez (*Tu percebeste alguma mudança [primogênito] neste aspecto desde que tu engravidaste?*).

Conforme os relatos maternos, as principais mudanças percebidas nos primogênitos referiram-se aos seguintes temas: aumento na solicitação de atenção, aumento na dependência, propensão ao choro e “manha”, comportamentos imitativos de bebês (ex. fala infantilizada, brincadeiras de ser bebê, problemas no controle esfinteriano, uso da mamadeira e chupeta) e aumento na agressividade.

Como se pode ver nos relatos seguintes, algumas gestantes referiram que, após sua gravidez, o primogênito estava solicitando mais sua atenção. Isto coincidiu especialmente

com o período de maior limitação física da mãe, no qual ela não poderia responder a todas as demandas da criança.

*“Ele tá normal, tá tranqüilo, tá super contente, fazendo as coisas que ele gosta, só eu acho que ele tá me solicitando um pouco mais por causa disso, né, que ele não quer deixar de ser o que ele é, que é filho único, né. [...] Eu acho que ele faz mais coisas pra chamar minha atenção e às vezes me irrita” (M3).*

*“Ela não dá uma folga, não deixa nem eu falar no telefone. [...] Ela começa a falar: ‘Mãe, vem cá! Mãe, ah!’. Faz de conta que bateu, sabe. Alguma coisa ela faz pra chamar a atenção, né” (M5).*

*“Eu percebi uma demanda um pouco maior na hora em que eu não podia oferecer, no repouso, né. Ela tá requisitando mais de mim” (M7).*

Outro aspecto do comportamento do primogênito destacado pelas gestantes referiu-se a um aumento em sua dependência em relação aos genitores, em especial à mãe. Esta mudança foi sentida, sobretudo, através de uma maior dificuldade do primogênito em separar-se da mãe. Segundo os relatos, o primogênito estaria expressando o medo de “perder” a mãe.

*“Acho que ele tem mais medo de ficar longe de mim [depois que eu engravidei], medo de que eu vá deixá-lo, medo de que eu vou esquecer dele. Ele sempre quer mostrar que ele tá ali, que ele tá presente. [...] Ele está mais dependente, vamos dizer. Ele não quer perder o espaço, entendeu. E eu acho que isso é inconsciente, ele não sabe o que vai acontecer, porque pra ele é uma coisa muito nova. Em relação aos avós, por exemplo, se a minha mãe convidasse ele pra ir lá dormir ele sempre ia. Hoje ele não vai, porque ele diz que ele não pode me deixar. Não pode deixar a mãe sozinha. [...] Então, às vezes ele vai, mas ele não quer ficar. E no início, logo que ele ficou sabendo [da gravidez], ele não queria nem ir se eu não fosse” (M3)*

*“Ela não quer desgrudar nunca. Pra trabalhar, hoje de manhã, ela não queria deixar eu sair. De noite ela acorda e grita: ‘Mamãe!’, parece que eu fugi de casa, né. Ou essa noite ela foi pra nossa cama, aí eu vim dormir na cama dela. Aí, ela acordou às cinco da manhã aos berros: ‘Cadê a minha mãe?’ – que não tava na cama, né. Coisa que ela não fazia antes. Então, algumas coisas em relação a mim, parece que eu vou fugir, parece que eu vou desaparecer de uma hora pra outra [...]. Mais apegada. Ela sempre foi muito apegada a mim, mas eu acho que agora ela tá mais. [...] Ficou mais [agarrada], muito mais depois que eu tô grávida. Isso aí mudou muito” (M5).*

*“É o momento que tu tem uma sombra. Tem momentos que tu não consegue fazer nada sozinho, que ele tá junto contigo. E não pára de falar, só quer ficar do teu lado, quer que tu abrace ele, quer que tu passe junto. [...] Ele demandava muito a minha atenção. Ele ficou muito apegado a mim, querer dormir junto e, até, agora, gosta de dormir grudado. De vez em quando, quando ele acorda na cama dele, ele me chama, quer que eu fique de mão dada com ele ou quer ir pra minha cama” (M6).*

Em alguns casos o primogênito demonstrou uma preocupação maior com a mãe no período da gestação, o que poderia também ser pensado como reflexo do temor de “perdê-la”.

*“Ele fica mais comigo. Esses tempos eu cheguei em casa com bastante dor, tri cansada, sabe. E aí ele pediu pra descer pra ir na casa do amiguinho. Ai eu fiquei aqui deitada, aí quando eu vi ele entrou, abriu a porta meio chorando: ‘Mãe, eu não queria te deixar sozinha. Tu tá com dor. Eu vim ficar contigo’. Aí pegou e me levou pela mão lá pro quarto e ficou ali comigo. Bem companheiro, sabe. O R. [marido] não tava em casa e daí ele foi dormir comigo. Coisa super rara de acontecer porque ele sempre gosta de esperar o pai chegar em casa e não é fácil de dormir cedo assim” (M2).*

*“Sábado eu precisei trabalhar, o que é raro, né. Teve um evento que eu precisei ir. Ela me ligou umas três vezes: ‘Mamãe, a maninha tá bem? Tu tá bem? Tu não tá cansada? A minha irmã tá bem?’” (M5).*

O aumento na dependência do primogênito em relação à mãe foi também evidenciado pelas gestantes ao relataram uma maior solicitação por parte da criança e uma aproximação maior da mãe. Durante a gravidez, e especialmente no período final, algumas gestantes relataram que os primogênitos passaram a demonstrar uma preferência pela mãe em detrimento do pai na realização de algumas tarefas.

*“Ele tá bem mais próximo de mim, mais carinhoso, atencioso. [...] Tipo assim, antes o pai dele saía pra rua, ele sempre ia com o pai dele, agora ele tá começando a ficar mais comigo. Se eu vou pra um lado, sei lá, pro supermercado, ele prefere ficar comigo. Antes era sempre com o pai dele” (M2).*

*“Eu acho que aumentou um pouco o grude agora. [...] Mais comigo. Eu noto mais comigo uma dependência. Tem que ser a mamãe. A mamãe aqui, mamãe isso, mamãe aquilo. [...] É mais agora pro final, mais agora que a barriga ficou aparente que a proximidade ficou muito clara assim, eu acho. Ai ficou mais” (M7).*

*“Assim: ‘Quer uma mamadeira?’, ‘Quero’, ‘Pai, faz uma mamadeira?’, ‘Não, a mãe que faz’. ‘Filho, vamos escovar os dentes com o pai?’, ‘Não, a mãe que escova’. ‘Eu fiz cocô’, ‘O pai vai’, ‘Não é a mãe que vai’. ‘Vamos atravessar a rua. Dá a mão pro pai’, ‘Não, vou dar a mão pra mãe’. [...] Depois da gravidez, com certeza. Antes por ele tanto fazia. Não que ele não fosse assim, mas ele ficou mais. Porque antes, pra ele tanto fazia o pai ou a mãe, ou os dois” (M3).*

Conforme a fala seguinte, a primogênita passou a solicitar que a mãe se envolvesse em tarefas que até então ela era capaz de realizar sozinha, de modo que passou a exigir um maior envolvimento da mãe consigo.

*“Foi nessa última semana que apareceu, talvez pelo repouso, pela proximidade, O S. [segundo filho] pode nascer, o quarto está pronto, tá mais concreta a idéia, o S. está chegando agora, né. Então, ela verbalizou algumas coisas e foram coisas que apareceu um pouco na relação da gente. Antes ela vinha com essas nuances muito pequeninhas, com algumas coisinhas ou outras. Quando eu entrei em repouso: ‘Mãe, eu quero que tu me limpe’, ‘Mas filha, tu já sabe te limpar’, ‘Mas eu preciso que tu me limpe!’. Então, eu levantava devagarzinho, ia lá, limpava ela. Ela faz algumas exigências a mais porque eu tava tendo que me dedicar talvez ao S. . Foi isso que eu acabei notando em termos de relação. E ela deu esses sinais, que é muito legal ela poder botar para fora tudo o que ela começou a sentir. Para que não fique tudo entupido, né” (M7).*

Por fim, os comportamentos de maior dependência do primogênito tiveram reflexos expressivos em sua adaptação à escola. Algumas crianças passaram a não querer ficar na escola durante a gestação materna.

*“Ele dá umas choramingadas na escola, quer ficar com a mãe, com o pai, quer ir lá pra outra escola. Ele mudou de escola em abril, na outra não acontecia isso, agora tá acontecendo, eu não sei se tem a ver com o nenê também ou se é só por causa da mudança da escola mesmo” (M2).*

*“Uma coisa que ela está fazendo, é quando eu vou trabalhar, quando eu largo ela lá na escolinha: ‘Ai, mamãe, fica comigo, fica comigo. Por que tu não fica comigo? Eu não quero me separar de ti’. E isso me abala muito, de não ficar com ela mais tempo. Então, eu acho que ela joga com isso. [...] É um problema. Assim, sempre foi, só que agora está mais. Está mais difícil” (M5).*

Em alguns casos houve um episódio pontual de dificuldade na escola que as mães vincularam à época em que o primogênito ficara sabendo da notícia da gestação.

*“O P. [primogênito] é uma criança que eu fiz adaptação uma vez na escola, foi quando ele entrou, depois eu nunca mais precisei, sempre foi tranqüilo. E tipo uns três meses de gravidez, uns três dias depois que ele ficou sabendo que eu tava grávida, eu fui levar ele e ele não queria entrar nem morto, se agarrou no meu pescoço, fez uma cena que eu jamais pensei que ele fizesse. [...] ‘Ah, mas tu não vem, tu não vai me buscar?’. Eu disse: ‘Vou’. E ele berrava e gritava mas eu não voltei atrás. [...] Mas ele nunca mais fez. Às vezes, ele diz pra mim: ‘Ah, não esquece de mim. Mãe, não esquece de me buscar’” (M3).*

*“É difícil dizer que tenha sido um sintoma da gravidez, foi um episódio, né. Ele teve um descompasso na escolinha bem sério. Ah, ali por maio, mais ou menos, abril, maio [mês em que foi dada a notícia da gravidez ao primogênito], por aí. [...] O P. [primogênito] acho que tava se sentindo um peixe fora d’água, ninguém era parecido com ele. Diz a psicóloga de lá que ele teve uma crise de auto-estima e a ponto de ele não querer mais nem sair de casa. Eu acho que ele tava começando a desenvolver depressão, e aí ele realmente não queria ir mais para a escolinha. Depois disso teve uma considerável melhora da situação e ele começou a se interessar de novo. Aí depois que ele tá lá ele fica super bem. Aí é manha mesmo, ou é a gente que tá falando em manha, mas talvez ele sinta saudade ou sei lá” (M6).*

As mães referiram perceber uma mudança também na propensão ao choro do primogênito. Segundo as gestantes, durante a gravidez o primogênito estaria mais “manhoso”.

*“Ficou mais manhosa, um choro mais forçado, né. Quando chora é uma coisa mais forçada” (M5).*

*“Ele talvez esteja um pouco mais manhoso, essas coisas, essa parte de reclamar muito, ‘Eu não quero’, aquela voz comprida. Isso eu acho que ele piorou. [...] Ele anda meio com a tolerância baixa nos últimos tempos. Outro dia, eu acho que ele disse que a massa tava quente e o M. [marido] foi assoprar pra ele, mas chorou, chorou, que não era para esfriar, que ele queria fazer sozinho tudo. Isso é só um exemplo, mas ele tem tido esses comportamentos com mais frequência agora. Ou seja, uma coisa boba e parece que acabou a vida dele, ele chora como se tivesse acabado a vida dele” (M6).*

Em um caso este aumento na propensão ao choro ou “manha” seria uma reação da primogênita por ter acompanhado os pais a uma sessão de ecografia.

*“Isso faz mais ou menos um mês. Na realidade, depois da primeira eco, durante uns quatro ou cinco dias, ela tava meio irritada, uma coisa meio manhosa, qualquer coisa ela tava chorando. E a gente acha que foi em função da ecografia. [...] Quando ela foi na primeira ecografia, que aí já deu pra ver os bracinhos, a cabecinha, as perninhas e tal, a gente acha que se concretizou pra ela. Aí, ela realmente viu que tinha um nenê” (M1).*

Outra mudança percebida pelas gestantes no primogênito durante a gravidez foi a ocorrência de comportamentos imitativos de bebês, incluindo: fala infantilizada, brincadeiras de ser bebê, problemas com controle esfinteriano, uso da mamadeira ou chupeta.

Durante a gestação da mãe, segundo os relatos, alguns primogênito passaram fazer uso de uma fala infantilizada.

*“Eu noto que ela começou a falar que nem nenê, mas isso eu não sei se foi por causa do nenê, ou se foi por que quatro meses atrás eu recebi uma visita da minha gerente de SP que trouxe a filhinha junto, que fala igual a nenê, que nem ela está falando agora. E ela, desde lá, começou a falar igual” (M5).*

*“Agora ele começou a falar como bebê. Não sei onde ele aprendeu, porque nós não temos o costume de falar como bebê. A gente sempre reiterou muito, falou sempre da forma mais clara possível, mais correta possível. E ele começou a falar que nem bebê. [...] Eu não sei se tem uma relação ou não [com a gravidez], mas isso é bem recente, de umas duas semanas pra cá” (M6).*

*“E aí ela começou a fazer uma voz de: ‘Mãezinha, o que tu quer?’. Dá uma mexida assim. E o J. [marido] olhou e disse: ‘Ué, o que aconteceu? Quantos anos tu tem? Esqueceu, P. [primogênito], tu tem cinco anos? Quantos tu tem, tem dois?’ E ela deu uma mexida na voz pela primeira vez. Eu percebi isso ontem” (M7).*

Comportamentos imitativos de bebê foram também evidenciados através de relatos de brincadeiras em que a criança assumia o papel de um bebê e solicitava o cuidado dos genitores.

*“Com a gente ela seguidamente tem feito esse tipo de brincadeira, de que ela é o bebezinho, aí ela não pode falar e não sei o quê e ela precisa de cuidados, né. Então, a gente entra na brincadeira dela [...]. Como brincadeira, né, assim: ‘Ah, agora eu sou a nenezinha!’ e ela cria a coisa e a gente brinca com ela e aí o pai dela pega ela no colo, ele nana que nem nenê. Eu, às vezes, quando ela sai do banho, ponho ela em cima da minha cama enrolada e seco ela que nem nenê, quando ela tá nessa brincadeira” (M1).*

*“Ultimamente, uma semana, duas pra cá, ele vai no berço, deita e diz: ‘Mamãe, nhém, nhém, nhém’, como se ele fosse bebê, sabe. Que ele é pequeno, que ele é o bebê, que ele não fala. Mas isso é só um momentinho e depois já passa” (M3).*

*“No dia que ela foi dormir no meu colo, ela deu uma mexida na voz assim, uma infantilizada na voz, disse: ‘Mãezinha, faz de conta que eu tenho... nem sei se tenho dor de*

*ouvido... tenho um boneco’, eu disse: ‘O quê, filha?’, ‘Não, não, eu tenho cinco anos mesmo’. Ela ia mentir a idade, entendeu, eu não tinha me dado conta. E aí eu disse: ‘Do que tu quer brincar, filha?’, ‘Não, não, vamos dormir’, se abraçou em mim e daí ficou quietinha” (M7).*

Em um caso, uma primogênita apresentou um episódio de perda de controle esfinteriano durante a noite no último trimestre de gestação materna. Esta teria sido a primeira vez que a primogênita fizera xixi na cama desde que adquiriu controle.

*“Pela primeira vez ela fez xixi na cama. Nunca fez na vida, desde que ela tirou a fralda. [...] E nunca escapou de noite. Nunca, nunca. [...] Então, não sei, foi uma reação fisiológica, ou se tem aí, algum psicológico. Porque nunca aconteceu. Mas me chamou atenção de novo, uma insegurança. Ela disse: ‘Mas mãe, eu nunca fiz xixi na cama. O que é que aconteceu?’” (M7).*

Outra primogênita, ainda, manifestou um súbito interesse pela mamadeira e chupeta após ficar sabendo da gestação da mãe. Neste caso, a primogênita nunca havia usado a mamadeira até então.

*“Ela chega e corre direto pra pegar o bico. [...] E ela não chupava bico, nem mamadeira. Ela nunca tomou mamadeira na vida. Agora, olha lá a mamadeira. Desde o início do ano, quando eu descobri que estava grávida, ela começou a mexer no baú dos achados dela, lá de bebê e ela achou a mamadeira e começou a querer tomar água na mamadeira. Mas ela sabia que tinha aquela mamadeira lá, só que ela nunca tinha pedido pra tomar. Aí, começou a tomar água e agora ela só quer o ‘titi’, que ela chama. Então desde o início do ano ela tá tomando mamadeira que ela não tomava” (M5).*

Por fim, algumas mães relataram que durante sua gestação o primogênito teria apresentado um aumento na agressividade. A este respeito, em um caso o aumento da agressividade do primogênito ocorreu na época em que ficara sabendo do sexo do segundo filho, que, diferentemente do desejado por ele, seria um menino.

*“Depois que ele soube [do sexo do bebê], ele meio que mudou, porque ele teve a fase dele também, né. Ele começou a ficar um pouquinho mais agressivo. Porque ele tava dizendo pra todo mundo já que era menina. Agora que ele tá mais calmo, porque já tá no sexto mês, né. Agora já deu pra fazer a cabeça dele. [...] Agora ele tá ficando mais calminho. [...] Agressivo que eu digo, assim, palavras, atitudes, ele nunca foi um guri violento, de me chamarem lá porque ele deu nas canelas dos guri, ou mordeu, nada disso, né, mas agressivo, assim, de falar alguma coisa, irritado, chorão” (M2).*

Em um outro caso, ainda, uma primogênita apresentou um aumento de agressividade que pareceu estender-se ao longo da gestação e envolveu tanto os genitores (como mencionado anteriormente) quanto outras crianças e professores.

*“Esse ano, uma das questões bastante difícil, ela tem batido muito, muito e nós temos sido chamados seguidamente na escola por problemas de conduta dela, de não ouvir o professor, de ficar falando, de dizer: ‘Não vou dar bola pro que tu diz’. [...] Muito difícil [com as outras crianças]. Ela tem batido muito no colégio. Por exemplo, agora, ela não vai*



*mais em aniversários, porque em dois aniversários que ela foi, ela bateu nos dois. [...] Nós nunca tínhamos tido esse problema com ela antes” (M4).*

Neste caso, o relacionamento mãe-primogênita tornou-se mais difícil e caracterizado por um maior enfrentamento.

*“Ela fica furiosa, daí chora: ‘Tu é uma mãe chata. Eu não queria ter uma mãe como essa’. Daí, de um momento, que é a melhor mãe do mundo passa pra chata e não me querer como mãe. Eu tenho visto que ela tem dito isso mais agora de não me querer como mãe. [...] Tudo isso é muito mais [esse ano]. Ela sempre foi provocativa e desafiadora, mas não como agora. E era muito mais com o pai do que comigo. Agora, ela tá mais comigo” (M4).*

Cabe ressaltar que, além da gestação materna, outras mudanças poderiam estar ocorrendo concomitantemente na vida do primogênito e poderiam contribuir para estas alterações em seu comportamento. A este respeito, algumas mães referiram a mudança de escola como um acontecimento que possuiria um efeito importante sobre o ajustamento do primogênito. Além disso, a troca da pessoa cuidadora, a perda de um animal de estimação, nascimento de um primo foram apontadas como mudanças concomitantes à gestação.

*“Ele mudou de escola agora em abril. Essa era a creche que ele tava desde os três meses. Então, ficou bem complicado. Até ontem eu tive que fazer a festinha de aniversário dele lá na casa da minha mãe porque ele queria convidar as crianças da outra creche que ele tava e eu não quis dizer não pra ele, até por causa dessa questão da gravidez agora. [...] Tu vê, ele ficou quatro anos lá, né. Então ele se apegou bastante e é perto a creche da escola, ele quer sempre dar uma passada lá” (M2).*

*“Foram algumas mudanças importantes nesse ano. Houve mudanças na escola, a empregada foi embora, eu dei o cachorro dela. [...] Então, nasceu priminha, sabe, nenê novo na família, saída da empregada, mudando de escola, o cachorro foi embora. Eu acho que foram muitas coisas, né. Além da gravidez, outras coisas que desorganizaram ela. Ela passou a ser tratada como uma criança da sua idade, que tem que responder, não que ela não tivesse, mas na escolinha era outro ritmo” (M4).*

Em um caso, ainda, uma crise conjugal foi vivida no período da gestação e teve um impacto negativo sobre a primogênita.

*“Eu tava grávida e ela sentiu muito isso da nossa crise [do casal]. Piorou muito o comportamento dela, porque a gente chegou a brigar na frente dela algumas vezes. Ela chegou a dizer: ‘Eu não quero que tu te separe dele. Não é justo. Ele é bom. Ele come chocolate comigo’. Tadinha, ela ficou muito fragilizada, muito, muito. Agora eu fico mais tranqüila, agora as coisas tão melhores de novo” (M4).*

Algumas mães lembraram ainda que as mudanças apresentadas pelo primogênito durante a gestação poderiam representar alterações próprias da idade da criança, logo, de seu período de desenvolvimento. As crianças estariam em uma idade característica de maior enfrentamento e posicionamento frente aos genitores, segundo algumas mães.

*“Eu não sei se tá coincidindo com a idade dela de birra, em não querer tomar banho, não querer botar chinelo, coisas assim, pequenas. A escolinha, tem dias que é um problema” (M5).*

*“Eu acho que é um somatório de coisas, não é só por causa da gravidez, é porque ele tá crescendo, ele quer saber um monte de coisas, é porque o mundo dele tá se abrindo, é porque eles testam mesmo a tua autoridade. Então, digamos que é um somatório, que é pela idade que ele tá. Porque eu converso com as outras mães e vejo que as crianças estão tão pertinentes quanto. Não querem ouvir não, tão bem naquela fase que a mãe diz não e ele: ‘Mãe, não me diz não. Eu quero’, ‘Eu quero sim e tu não manda em mim. Tu é uma chata’, sabe. Esse tipo de coisa e eu vejo com as gurias que eu me dou, com as mães. Tá acontecendo igual. Talvez com o P. [primogênito] não estivesse acontecendo com tanta intensidade se eu não estivesse grávida, entendeu. Porque ele sempre foi muito fácil de se lidar – e continua sendo – tá um pouquinho mais complicado, mas nada assim” (M3).*

Vistas conjuntamente, estas falas indicam que a gestação é um período repleto de mudanças nos comportamentos do primogênito, assim como em seu relacionamento com a mãe. Segundo os relatos, os primogênitos passaram a mostrar-se mais exigentes com a mãe, demandando sua atenção e sua presença em um momento em que ela não podia responder plenamente a estas necessidades. Neste sentido, algumas crianças foram descritas pelas mães como mais dependentes. Além disso, uma maior propensão ao choro e diversos comportamentos imitativos de bebês, como fala infantilizada, episódios de perda do controle esfinteriano, brincadeiras de ser bebê e uso da mamadeira ou chupeta, foram relatados neste período. Em alguns casos, ainda, as mães referiram mais comportamentos agressivos por parte do primogênito com os genitores, com os professores e com outras crianças durante a gestação. Estes comportamentos do primogênito poderiam ser compreendidos como uma busca por reaver a atenção materna e a qualidade da relação desfrutada até então. Além de antever a chegada do irmão e o impacto deste acontecimento nos relacionamentos familiares, o primogênito estaria sensível às mudanças físicas e emocionais de sua mãe. A este respeito, o investimento da mãe no bebê, as preocupações quanto a ser mãe de dois filhos, as próprias limitações físicas da gestante e a conseqüente restrição de suas atividades constituiriam uma realidade complexa com a qual o primogênito precisa lidar neste momento.

Contudo, não se pode negar que, paralelamente à gestação, outros acontecimentos importantes ocorreram na vida de algumas das crianças investigadas, e poderiam favorecer às mudanças apresentadas em seu comportamento. A este respeito foram mencionadas a mudança de escola, a troca da pessoa cuidadora, a perda de um animal de estimação, o nascimento de um primo e uma crise conjugal. Além disso, conforme as gestantes, algumas mudanças na relação mãe-primogênito poderiam ser compreendidas como típicas da idade e da fase do desenvolvimento das crianças. Tudo isto pode ter interagido com a própria gestação da mãe, exacerbando as dificuldades comumente esperadas para este momento.

#### **4 - Relacionamento pai-primogênito**

Nesta quarta categoria investigaram-se as impressões e sentimentos maternos acerca da relação pai-primogênito. A este respeito, buscou-se avaliar a qualidade da relação e, principalmente, as mudanças percebidas pelas gestantes no relacionamento de seu marido com o primogênito depois de sua gestação. Diversas questões da entrevista trataram desta temática e, para fins de análise, os depoimentos foram reunidos, conforme estivessem relacionados prioritariamente à pessoa do pai ou ao primogênito. Seguindo o que foi realizado com os relatos sobre o relacionamento mãe-primogênito, os depoimentos acerca do relacionamento pai-primogênito foram agrupados em duas subcategorias: 1) Mudanças centradas no pai; 2) Mudanças centradas no primogênito. Destaca-se novamente que esta é uma distinção que visa a facilitar a análise dos dados, já que a qualidade do relacionamento pai-primogênito, assim como as mudanças apresentadas, estariam respondendo à influência concomitante de comportamentos e sentimentos tanto do pai quanto do primogênito, assim como ao contexto global em que estão inseridos. A seguir, são apresentados relatos das gestantes que ilustram cada uma das subcategorias.

##### **4.1 – Mudanças centradas no pai**

Nesta subcategoria foram examinadas as mudanças percebidas pelas gestantes no relacionamento de seu marido com o primogênito durante a gestação. Tomou-se como foco as mudanças centradas na pessoa do próprio pai. Na entrevista, esta temática foi abordada através das seguintes questões: *Houve alguma mudança no dia-a-dia da tua família depois que tu engravidaste?; Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês três [tu, teu marido e teu filho] desde que tu engravidaste; Como tem sido para o teu marido, desde que soube da gravidez, até agora? Que tipo de apoio ele tem te oferecido?.*

A este respeito, os depoimentos das gestantes indicaram um aumento no envolvimento do pai com o primogênito, o que estaria acontecendo em função das limitações físicas sentidas por elas, especialmente no período final da gestação, e a conseqüente redução de suas possibilidades de interação com o primogênito. O maior envolvimento paterno esteve associado a um aumento na participação do pai tanto nas tarefas diárias de cuidados do primogênito quanto nas brincadeiras com este.

No que se refere aos cuidados diários do primogênito, as gestantes mencionaram uma maior participação dos pais em tarefas que até então eram executadas por elas, principalmente tarefas que exigissem um certo esforço físico, tais como: dar banho,

carregar a criança e levar na escola. Este aumento no envolvimento dos pais foi percebido pelas gestantes como uma demonstração de cuidado não apenas com o primogênito, mas também consigo. Isto se acentuou no final da gestação devido às expressivas mudanças físicas. Em alguns casos, além destas limitações típicas do momento, a necessidade de fazer repouso acentuou ainda mais a redução nas atividades das mulheres e, conseqüentemente, o aumento da participação do marido.

*“Ele assumiu muito, desde o início da gravidez a P. [primogênita]. Ele sempre fez isso, né, mas agora quando ele tá em casa, praticamente é só ele que faz, de dar banho, aí tem que carregar ou quando ela quer alguma coisa que exige esforço físico maior. Ele se dedica muito mais a ela nesse sentido, pra aliviar o esforço pra mim. [...] Então, assim, ele tomou conta um pouco dessa coisa pra que eu possa ficar um pouco mais descansada. E até porque como eu não posso pegá-la, algumas coisas, ela não se queixa, mas ela acaba ficando sem, né, e era uma coisa que ela tava acostumada. Então, pra suprir um pouco isso, ele assume. [...] A dedicação dele em relação à gravidez, aos cuidados comigo, aos cuidados com a P. aumentaram consideravelmente. E agora, mais ainda, porque agora as coisas estão ficando mais difíceis pra mim. Com o crescimento da barriga, eu começo a ficar com mais dificuldade de fazer determinadas coisas” (M1).*

*“Eu acho que a gente fica um pouco destinado ao que cada um tem que fazer. Cada um com as suas tarefas. Ele tem que se dedicar um pouco mais ao P. [primogênito], já que eu não tô podendo me dedicar tanto, e me ajudar mais com as coisas, porque eu não posso fazer. E eu me dedicar mais às coisas que eu tenho que fazer, tipo, tenho que fazer repouso. Então, fica uma coisa de muito mais colaboração de ambas as partes” (M3).*

*“Eu vejo que o N. [marido] está bastante cansado, porque ele teve que assumir as minhas tarefas. Então, levar e buscar ela, controlar os horários, o supermercado. Porque que eu tô de molho em casa, não posso dirigir, não posso sair. [...] Nesse momento agora, especialmente do repouso e final da gravidez, ele divide comigo o banho dela, as coisas que a gente tem que fazer. E ele tem assumido ela bastante, do leva e busca, do traz do isso e aquilo, porque era sempre eu quem fazia” (M7).*

As gestantes referiram um aumento do envolvimento paterno também nas brincadeiras com o primogênito. Conforme a gestante tornava-se mais cansada e indisposta, o pai passou a assumir uma maior responsabilidade sobre as atividades de lazer com o primogênito.

*“Desde que começou a aparecer mesmo a barriga, que começou a pesar, tinha dias que eu tinha muita cólica. Tem dias que eu chego de tardezinha e não consigo levantar do sofá. Então, hoje ele [marido] tá dando muito mais atenção pra P. [primogênita]. Ele sempre deu. Até ele brinca mais com ela do que eu, muitas vezes. [...] Agora, também porque eu não posso brincar, porque antes eu corria, brincava de me esconder, e eu não tô mais brincando disso. Então, de repente, ela tá brincando mais com ele” (M5).*

*“A grande mudança é que eu tô muito cansada, né. Então, a disposição para brincadeiras, pra essas coisas, já reduziu faz muito tempo. Essa foi a grande mudança. Eu acho que o M. [marido] teve que se envolver muito mais em brincadeiras. Tem que se desdobrar em mais do que isso. E ele, de vez enquanto, também tá meio atulhado de trabalho, traz trabalho pra casa. Daí a gente tem que fazer, tem que dar atenção pro P. [primogênito] de outra forma. [...] Ele sempre se envolveu, mas assim, era mais equilibrado, era mais meio a meio. E agora eu acho que é mais 70% ele, até 80%, conforme o dia” (M6).*

*“Eles têm interagido um pouco melhor. E antes disso, até teve um momento de interação que eu me retirei um pouco. ‘N. [marido], vai na praça com ela. N., vai no Parcão com ela’. Aí, ele começou a desenvolver algumas coisas com ela que, não sei, por falta de espaço, às vezes, tu não te dá conta e vai tomando os espaços realmente, né” (M7).*

Além disso, as gestantes mencionaram que o pai, de modo geral, estaria mais próximo do primogênito durante a gravidez. Enquanto a mãe envolve-se com a gestação do filho que vai nascer, o pai permaneceria mais atento ao primogênito e às suas necessidades.

*“Ele [marido] procurou preservar muito ela. Chegou o quarto do S. [segundo filho], eu tava eufórica, né: ‘Chegou o quarto. Aí que amor a cor, a luz, a cortina, isso e aquilo’. E ele dizia: ‘Pára de falar tanto no S. , ela fica com ciúmes’. [...] Então, eu notei ele um pouco nessa relação assim. Aí, eu percebi uma conexão dele muito grande com ela. Ele tem uma conexão muito grande com ela, o xodozinho do papai, a filhinha do papai. Isso exacerbou um pouco nele, para que ela não fique deslocada. Porque eu acho que ele percebeu que a mãe, eu, tô desfocada: ‘Mas tu só fala do S. ’” (M7).*

*“Ele se cobra muito de não dar tanta atenção pro S. [segundo filho]: ‘Será que o S. sabe?’. Ele ficava mais tempo com o P. [primogênito], conversando, do que com o S. . Mas eu falo pra ele que é normal. Eu acho muito normal, né, porque a gente tem que dar atenção pro P. . Não tem mágoa de ele não dar atenção, assim, como na primeira [gravidez]” (M2).*

Os conteúdos apresentados nesta subcategoria revelam que, respondendo às mudanças vividas pela família com a gestação e a aproximação da chegada do segundo filho, os pais apresentaram uma tendência a envolver-se mais com o primogênito. Eles passaram a responsabilizar-se mais por atividades de cuidados diários dos filhos, assim como passaram a participar mais das brincadeiras e atividades de lazer da criança. Com isso, eles estariam buscando equilibrar a atenção previamente dispensada ao primogênito, uma vez que a mãe passava por um momento de limitação de sua interação com a criança. Esta necessidade de assumir mais responsabilidades para com o filho favoreceu o desenvolvimento de um relacionamento pai-primogênito mais próximo.

#### **4.2 – Mudanças centradas no primogênito**

Nesta subcategoria, buscou-se investigar as mudanças no relacionamento pai-primogênito que, conforme o relato das gestantes, estavam centradas em alterações do comportamento das próprias crianças. Este tema foi examinado na entrevista através das respostas das gestantes às questão a seguir: *Tu percebeste alguma mudança neste comportamento [agarrado] desde que tu engravidaste?.* Com base nestes dados, os primogênitos foram apontados pelas gestantes como tendo desenvolvido uma maior proximidade com os pais durante a gestação. Neste sentido, as solicitações que até então estavam centralizadas na mãe precisaram se distribuir mais igualmente entre os genitores.

*“Ela tem sido muito mais ligada ao pai, que não era assim antes, ela era muito mais ligada a mim, né. [...] Ela sempre foi muito minha, assim, muito próxima a mim. E andava me esculachando, me deixando de lado. [...] O comportamento dela mudou muito. No início, ela ficou bem mais distante de mim e mais próxima do pai. O que nunca foi, ela sempre foi mais próxima de mim. Agora ela tá se aproximando de mim de novo. Daí, ela fica querendo que eu leve ela na escola, que eu busque, que eu dê banho” (M4).*

*“Eu acho que ele tem um comportamento meio diferente. Ele foi me abandonando devagarinho, né. Que ele já viu que eu não brinco mais tanto. Então, eu acho que ficaram bem divididas as tarefas. Eu funciono pra algumas coisas e o M. [marido] pra outras. Ele migrou bastante pro M.. Mas tem algumas coisas que ele ainda, quando ele tá doente, quando ele tá abatido, ele ainda quer colinho. A hora de fazer mama tem que ser eu. Deitar, abraçar, tomar mama é comigo essas coisas. Parece que ele dividiu um pouco. Agora, de noite, ele chama o M. muitas vezes. Antes era só eu e ele não queria saber de ninguém. [...] Ele queria que fosse eu sempre e agora ele tá medindo mais o envolvimento do M. e de outras pessoas” (M6).*

*“Eu achei que ela conseguiu desfocar um pouco de mim e focar um pouco no N. [marido]. Talvez por uma abertura mais de espaço dele. Ele levou ela para passar sem a minha presença, quando eu tava mais cansada, coisas assim” (M7).*

*“Eu vejo ele até mais agarrado ao pai nesses últimos tempos. Mas ao mesmo tempo eu acho que nem é por causa da gestação. Eu acho que é porque ele está crescendo e eu acho que é normal ele ir mudando o estilo dele. Talvez seja também, mas eu não sei se tem a ver com a gestação” (M8).*

Segundo as gestantes, com o avançar da gravidez e percebendo que a mãe não podia mais suprir muitas de suas necessidades, o primogênito passou a buscar o pai como fonte alternativa de atenção.

*“Algumas coisas ela já não me solicita, ela já vai direto pro pai dela. Porque ela sabe que ele pode e eu vou acabar dizendo não. Então, antes de ela ouvir o não ela já... [...] É, muitas coisas, pra brincar e tal. Algumas coisas ela sempre pedia pra mim antes e outras coisas ela sempre fazia com ele, mas hoje em dia eu vejo que algumas coisas que ela fazia comigo, ela já pede pra ele. Que são coisas que exigem um pouco mais fisicamente, que ela sabe que eu não consigo” (M1).*

*“Sim, essa demanda pela atenção do M. [marido] parte mais do P. [primogênito]. Ele já captou isso e o M. já virou a preferência dele. [...] Até pouco tempo era [mais agarrado] comigo. E agora tá difícil, agora é taco a taco. Tem dias que é comigo, tem dias que é com o M.. Muita coisa de noite ele tá chamando o M., tudo que era só comigo. Ele interiorizou que não dá mais pra contar comigo pra muita coisa” (M6).*

Contudo, esta nova distribuição dos cuidados do primogênito entre os genitores e a necessidade de um maior envolvimento do pai com o primogênito pareceu gerar, em alguns casos, uma tensão no relacionamento pai-primogênito. Em um caso, a gestante descreveu esta dificuldade presente no relacionamento como uma busca do primogênito pela atenção do pai, pois a criança já teria percebido que o pai passaria a ser o principal responsável por seus cuidados após o nascimento do segundo filho.

*“Com o H. [marido], eu vejo que ele [primogênito] chama muito a atenção. Porque com o pai ele brinca e tal, mas ele tá sempre achando que o pai: ‘Ah, o pai me maltrata mãe!’, ‘O pai não quer me dar isso’, ‘O pai não quer me dar aquilo’, ‘O pai não sei o quê’, essas coisas. Sai o P. chorando por qualquer coisa. Eu acho que na realidade ele sabe que alguém vai cuidar dele e ele sabe que vai ser o pai quem vai cuidar mais dele. Por isso que eu acho que às vezes ele chama mais a atenção dele, muito por causa disso” (M8).*

*“Ontem, ela me surpreendeu realmente com essa mainha que ela fez com o J. [marido]. Assim, tudo o que ele fazia, ela chorava. Eu noto, por exemplo, que ela é muito dedicada às coisas e com isso ele brinca: ‘Ah, a mãe tá gorducha’, ‘Não, tá, não. Ela tá grávida’, ‘A mãe tá boluda’, ‘Não, tá, não. É porque ela tá grávida’. Brinca muito comigo e ela sempre vai na proteção, né. Então assim, ela tem choramingado muito quando brinca com ele. Ele brinca de apertar, quer sovar” (M7).*

Frente ao maior envolvimento do pai com o primogênito e a conseqüente aproximação dos dois, as gestantes expressaram sentimentos predominantemente positivos, tendo, inclusive, incentivado este movimento. Contudo, em alguns casos, o alívio das demandas do primogênito, agora mais distribuídas entre os genitores, foi vivido pelas gestantes com um pouco de sofrimento pela mudança na relação que outrora era quase de exclusividade com o primogênito.

*“Eu acredito que isso é bom, porque pra ela não vai ser nada diferente quando nascer a maninha. Se a mãe precisar ficar mais com a maninha, ela vai estar com o pai, mas isso já é normal pra ela, ficar com o pai, mais com o pai” (M5).*

*“Eu não interpreto como um afastamento, como algo ruim. Porque eu acho que ele era demais comigo e tudo era uma sobrecarga muito grande. Ele queria atenção total. E agora tá mais dividido essa parte de tarefas. [...] Então, isso eu tô vendo até, a maior parte do tempo, com alegria. De vez em quando, bate um pouco de insegurança, mas eu diria que é 5% dos dias, 95% das vezes é um alívio. Eu penso assim, que bom, ele tá crescendo, ele tá aceitando outro, ele tá ficando independente, né. Ou ele ainda é dependente, mas não é dependente só de mim” (M6).*

*“Eu te confesso que fico meio enciumada. Não dela tá se aproximando do pai, mas de ter que me rechaçar pra isso, né. Fico incomodada” (M4).*

No conjunto, os depoimentos sugerem que durante a gestação o primogênito, percebendo as limitações em seu relacionamento com a mãe e a maior disponibilidade e envolvimento do pai, passaria a voltar-se mais ao pai para suprir suas necessidades. Este movimento de aproximação do pai poderia ser compreendido como uma forma de adaptação do primogênito ao sistema familiar em transição, o que impõe a necessidade de redistribuir a atenção entre os membros da família em busca de um novo equilíbrio. Contudo, em alguns casos este aumento no envolvimento do pai com o primogênito desencadeou uma tensão entre os dois, o que poderia ser compreendida como uma dificuldade de abrir mão do padrão interacional usufruído até o momento. Neste contexto, os sentimentos expressos pelas mães foram diversos. Enquanto algumas expressaram

alegria pela diminuição da sobrecarga exercida pelo primogênito sobre elas, outras apresentaram sentimentos de ciúmes e insegurança frente à nova situação.



## CAPÍTULO IV

### DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi avaliar, através de uma abordagem qualitativa, as impressões e sentimentos maternos sobre o relacionamento mãe-primogênito durante a gestação do segundo filho. Neste capítulo, destacam-se os principais resultados encontrados neste estudo, discutindo-os a luz da literatura. Para fins de exposição, serão retomados os temas centrais de cada uma das categorias temáticas do capítulo precedente, com destaque para a maternidade no contexto da gestação do segundo filho, o relacionamento mãe-primogênito, o primogênito e a gestação materna e o relacionamento pai-primogênito.

Quanto à maternidade no contexto da gestação do segundo filho, os relatos das mães apontaram a gestação do segundo filho como um momento distinto de sua primeira gravidez, especialmente pela presença do primogênito em suas vidas. Neste sentido, os principais sentimentos associados a ser mãe novamente foram: maior responsabilidade, preocupação com o primogênito e medo de “não dar conta” dos dois filhos. Com o crescimento da barriga, as limitações impostas pela gestação e a aproximação do nascimento do segundo filho, as gestantes destacaram a crescente necessidade de dividir a atenção e o afeto entre os filhos, o marido, a casa e o trabalho. Com isso, a responsabilidade seria maior, pois além de cuidar de todos os aspectos de sua vida e da gestação, as mães precisavam também dedicar-se ao primogênito. Isto se torna ainda mais importante quando se leva em conta que as gestantes consideravam a gravidez um momento delicado para o primogênito, que precisaria de maior apoio e compreensão. Estes resultados corroboram os achados de outros estudos (Jenkins,1976; Murphy,1993) segundo os quais, durante a gestação, os principais conflitos da gestante envolveram sua habilidade física de cuidar de duas crianças e sua capacidade de amá-las igualmente. No presente estudo, além do sentimento aqui descrito como medo de “não dar conta” dos dois filhos, encontrou-se a preocupação com o primogênito e o sentimento de maior responsabilidade, que, de certa forma, podem ser compreendidos como relacionados à capacidade materna de satisfazer as duas crianças. Frente a isso, algumas gestantes do estudo mencionaram sentirem-se aborrecidas, irritadas ou, simplesmente, menos eufóricas que em sua primeira gestação.

Com relação às tarefas desempenhadas junto ao primogênito durante a gestação, as mães destacaram três tarefas principais: estimular a participação do primogênito no processo da gestação e do nascimento do irmão (i.e. contato com a barriga da mãe, participação em exames de ecografia, na escolha do nome do bebê, de onde o bebê iria

dormir, e nos cuidados do bebê após seu nascimento); preservar o primogênito; prepará-lo para o afastamento da mãe para a hospitalização e para as mudanças na vida familiar. Alguns estudos revisados indicam um quadro similar (Richardson, 1983; Walz & Rich, 1983). Estes estudos encontraram que a preocupação materna com o primogênito durante a gestação foi uma temática muito presente na investigação das percepções e emoções das gestantes. Além disso, conforme os autores, uma das principais tarefas maternas durante a gestação seria a promoção da aceitação do bebê pelo primogênito. Com este intuito, as gestantes, assim como apontado no presente estudo, buscavam incluir o primogênito nos eventos referentes à chegada do bebê e prepará-lo para o nascimento do irmão. A aceitação do primogênito e sua conseqüente adaptação ao nascimento do irmão eram consideradas tarefas chave para o sucesso desta transição.

A preparação do primogênito foi feita através de explicações claras sobre a organização para o dia do parto e para a hospitalização da mãe, incluindo combinações de onde e com quem a criança ficaria neste dia. Além disso, os genitores buscaram antecipar aos primogênito algumas mudanças práticas que ocorreriam na rotina familiar. Em alguns casos, estas mudanças foram implementadas mesmo antes do nascimento do segundo filho, visando à adaptação do primogênito. Estes resultados estariam em conformidade com achados de outros autores, que consideram a preparação precoce para o nascimento do bebê uma forma fundamental de apoio parental, a qual favoreceria a adaptação do primogênito (Trause & Irvin, 1992).

Estas tarefas demonstram a preocupação materna com o filho e a importância atribuída pelas gestantes a seu papel na adaptação do primogênito à chegada do irmão. Além disso, a tarefa mencionada pelas gestantes de preservar o primogênito, não o expondo à privações e tensões, demonstram uma idéia presente de que este seria, por si só, um período delicado para a criança. Em relação a isso, Trause e Irvin (1992) defendem que tensões potenciais, tais como treinamento esfinteriano ou para deixar a mamadeira ou chupeta, devem ser evitados neste momento, de modo que todos os recursos da criança estejam disponíveis para lidar com o novo bebê as e com as mudanças na relação com os genitores. Conforme os autores, muitas mudanças de uma só vez, sem consideração pelas necessidades da criança, poderiam ser prejudiciais.

Quanto ao relacionamento mãe-primogênito, destaca-se primeiramente os achados sobre as mudanças centradas na mãe. A este respeito, três mudanças principais foram evidenciadas, a saber: limitações físicas, mudanças na atenção dispensada ao primogênito e maior tolerância/irritação com o primogênito. A principal mudança apontada pelas gestantes parece referir-se àquelas decorrentes das limitações físicas impostas pelo avançar

da gestação. Neste sentido, todas as mães do presente estudo mencionaram restrições relacionadas com o aumento da barriga, e, em alguns casos a necessidade de repouso, incluindo não pegar o primogênito no colo, redução da frequência e do estilo das brincadeiras e menor participação nas atividades diárias de cuidados do primogênito. Dentre estas, aquela mais acentuada pelas gestantes e que pareceu ter maior impacto sobre o primogênito referiu-se à não poder pegar a criança no colo. Em reação a isso, os primogênitos foram descritos como chateados, frustrados, ressentidos e queixosos, o que denota que estas mudanças não passaram despercebidas para eles. Além de o colo representar uma forma intensa de troca afetiva, esta mudança poderia trazer para o primogênito a ameaça de deixar de ocupar o lugar de bebê na família, de ser substituído pelo irmão no colo da mãe.

Paralelamente a estas restrições, a maioria das gestantes buscou dedicar mais tempo para estar com o primogênito. Embora em um caso investigado tenha ocorrido uma situação contrária, a maioria das mães reduziu o período de trabalho para poder estar com a criança e, em alguns casos, a própria exigência de repouso levou a isto. Além disso, algumas mães referiram estarem mais tolerantes com o primogênito durante a gestação. A este respeito, destaca-se que uma mãe mencionou ser menos rígida com o primogênito por associar as dificuldades da criança às limitações impostas por ela própria neste momento. Assim, a criança teria razão, na opinião da mãe, de estar mais chateada ou incomodada. Como apontado por Richardson (1981), as mães seriam capazes de empatizar com a criança em seu sofrimento por abandonar seu lugar de bebê na família e isto autorizaria, de certa forma, alguns comportamentos que, em outras circunstâncias, resultariam em punições ou repreensões. Contudo, isto não ocorreu com todas as mães, em alguns casos as gestantes relataram menor tolerância com o primogênito, o que estaria relacionada a uma irritabilidade geral neste período e à pouca aceitação das mudanças de comportamento expressas pelo primogênito. Por fim, ressalta-se que as gestantes, conscientes das restrições impostas à interação com o primogênito, buscavam criar alternativas, adaptando as brincadeiras e o contato físico para poderem manter-se próximas do primogênito durante a gestação.

Estes comportamentos maternos de busca de mais tempo com o primogênito, alternativas para não minar os momentos de interação, maior tolerância, somados às tarefas maternas mencionadas anteriormente (estímulo à participação, preservar o primogênito e preparação do primogênito) indicam um quadro de grande investimento e preocupação materna com a criança neste período. A mãe, consciente das mudanças no seu relacionamento com o primogênito e antevendo as limitações que surgiriam com a

necessidade de dedicar-se aos cuidados de um recém-nascido, buscavam reverter este quadro através do apoio fornecido ao primogênito, de modo que este processo não lhe fosse penoso. Todos estes comportamentos caracterizam o que a literatura descreve como apoio parental e endossam a idéia de que o período anterior ao nascimento de um irmão seria um tempo de aumento nos níveis de apoio emocional e estimulação cognitiva fornecidos ao primogênito, enquanto os pais buscam preparar a criança para o iminente nascimento (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004). Contudo, a conseqüente melhora no bem-estar do primogênito relatada pelos autores não se confirmou no presente estudo, uma vez que os primogênitos tenderam a ser descritos como mais ansiosos, irritados, inseguros e, inclusive, infelizes ao final da gestação do que no momento que receberam a notícia da gravidez e antes disso.

Embora as gestantes busquem estar mais tempo com o primogênito, envolvê-lo em atividades relacionadas à gestação, adaptar as atividades, preservá-lo e ser mais tolerantes, assim como prepará-los para o nascimento do irmão, não se pode negar as limitações na interação mãe-primogênito, tanto em termos de frequência quanto na sua qualidade. A gestação e, de modo marcante, o último trimestre gestacional foi descrito pelas mães como um período em que se encontravam mais cansadas e indispostas, além de, como já referido, estarem mais abatidas pelas intensas demandas e preocupações deste período. Com isso, destaca-se que o aumento no apoio fornecido ao primogênito seria o somatório do apoio de ambos os genitores, uma vez que a mãe encontra-se em um período delicado de maior fadiga e pouca disponibilidade. Estes achados são corroborados pelo estudo de Richardson (1983) que caracteriza o período final da gestação como um momento pouco favorável para a relação mãe-criança. Segundo o autor, a mãe estaria cansada e indisposta e o primogênito estaria mais exigente e irritável.

Ainda no que se refere à relação mãe-primogênito, tomando como foco as mudanças centradas no primogênito, percebe-se que a gestação materna constitui-se em um evento marcante na vida do primogênito com diversos reflexos nos seus comportamentos, como os encontrados no presente estudo, por exemplo: aumento na solicitação de atenção, aumento na dependência, propensão ao choro e “manha”, comportamentos imitativos de bebês (ex. fala infantilizada, brincadeiras de ser bebê, problemas no controle esfinteriano, uso da mamadeira e chupeta) e aumento na agressividade. Conforme os resultados expostos, já durante a gestação, os primogênitos tornaram-se mais exigentes, solicitando a atenção materna e seu envolvimento. Além disso, algumas gestantes referiram uma maior aproximação do primogênito em relação a elas, de modo que as crianças passaram a demonstrar uma preferência pela mãe em detrimento do pai na realização de algumas tarefas diárias. Este aumento na demanda pela mãe coincidiu com o período em que,

devido às limitações físicas da gestação, ela havia reduzido sua interação com o primogênito e sua participação em algumas atividades de cuidados. Com isso, poderia se pensar em uma percepção distorcida das mães de um aumento na exigência, quando na verdade a criança teria mantido níveis habituais de solicitação, mas a mãe estaria menos disponível. Contudo, alguns relatos indicam que os primogênitos passaram a solicitar o envolvimento da mãe, inclusive em tarefas que até então realizavam sozinhos, como limpar-se ao ir ao toalete. Isto indica que os primogênitos estariam esforçando-se para chamar a atenção da mãe para si, em contrapartida ao envolvimento dela com o bebê que está para nascer.

A principal mudança apontada pelas gestantes nos comportamentos do primogênito referiu-se ao aumento em sua dependência com relação aos genitores, em especial à mãe. Diversas gestantes relataram uma maior dificuldade do primogênito em afastar-se delas durante a gravidez, o que era compreendido como um temor em perdê-las. A este respeito, foi mencionado, por exemplo, que as crianças não queriam mais posar fora de casa, ficar na casa de parentes ou amigos sem a mãe e queriam saber onde a mãe estava. Segundo algumas gestantes, o primogênito estaria com medo de que a mãe pudesse fugir, desaparecer, deixá-lo, ou ainda, esquecer dele. Esta maior dependência teve reflexos também na adaptação de algumas crianças à escola, trazendo dificuldades na separação da mãe neste momento. Em alguns casos esta dificuldade esteve relacionada ao momento em que a criança fora informada da gravidez e em outros ocorreu no período final da gestação.

Outras mudanças apontadas pelas gestantes incluíram maior propensão ao choro ou “manha” e ocorrência de comportamentos imitativos de bebês, tais como: fala infantilizada, brincadeiras de ser bebê, problemas com controle esfíncteriano, uso da mamadeira ou chupeta. Ressalta-se que, tanto no caso em que ocorreu um episódio de problema com controle esfíncteriano, quanto no caso em que a criança passou a fazer uso da mamadeira, estas foram a primeira vez que ocorreram tais comportamentos, o que denota a intensa ansiedade associada ao momento do nascimento do irmão. Frente a isso, destaca-se que os pais tenderam a mostrar-se tolerantes e compreensivos com os primogênitos, participando com eles na brincadeira de ser bebê, tratando com naturalidade o xixi na cama e não proibindo o uso da mamadeira e chupeta. O único comportamento pouco aceito pelos genitores referiu-se à fala infantilizada, considerada por eles inadequada à idade da criança.

Por fim, alguns relatos apontaram para um aumento da agressividade do primogênito tanto em relação à mãe, como outras crianças e professores. Destaca-se que no caso em que houve maior enfrentamento na relação mãe-primogênito, esta criança já havia

sido descrita como difícil independentemente da gestação e, além disso, vivenciara diversas outras mudanças em sua vida neste período, o que incluiu: mudança de escola, de pessoa cuidadora, perda de um animal de estimação, nascimento de um primo e uma crise conjugal dos pais.

Estes resultados demonstram a sensibilidade do primogênito às mudanças já sentidas no funcionamento familiar e no relacionamento desfrutado com a mãe no período que antecede ao nascimento do irmão. Achados semelhantes foram relatados por Dessen e Mettel (1984) que, através de um estudo de caso com uma família brasileira, encontraram alterações no comportamento do primogênito desde a época em que ele fora informado da gestação. Neste estudo, as mudanças envolveram alterações no controle esfinteriano noturno, nas exigências com relação à mãe e em comportamentos como birra e uso de chupeta, todas estas também referidas no presente estudo. Estes comportamentos assemelham-se àqueles referidos pela literatura que trata do impacto do nascimento do segundo filho para o primogênito. Conforme alguns autores, após o nascimento do irmão a grande maioria das crianças passaram a apresentar aumento na dependência, na propensão ao choro, nas condutas caprichosas e travessuras e mais comportamentos imitativos de bebê (i.e. fala infantilizada, pedido de colo, retrocesso na aprendizagem de hábitos de toalete) (Dunn & Kendrick, 1980, 1986). Nesta mesma direção, outros autores encontraram um aumento na confrontação com a mãe, nas demonstrações de ansiedade e nos comportamentos imitativos do bebê no período pós-parto (Field & Reite, 1984; Stewart & cols., 1987). Conforme estes achados, pode-se supor que todos estes comportamentos tendem a se intensificar com o nascimento do bebê, contudo, já estariam presentes desde o período gestacional. Isto apóia a idéia de que o ajustamento e a aflição expressos pelo primogênito nos últimos meses de gestação seriam similares e o melhor preditor isolado de seu ajustamento nos meses seguintes ao nascimento do irmão (Gottlieb e Baillies, 1995; Stewart e cols., 1987).

Endossando a literatura (Dunn & Kendrick, 1980, 1986; Field & Reite, 1984; Stewart & cols., 1987), no presente estudo, os comportamentos de maior dependência do primogênito foram bastante enfatizados pelas gestantes e incluíram dificuldade em se afastar da mãe (ex.: escola), maior solicitação pela mãe (inclusive em tarefas que até então realizava sozinho) e preocupação com a mãe. De fato, como enfatizado por Gottlieb e Baillies (1995), a gestação caracterizaria o início do processo de tornar-se irmão, através da concretização da realidade do bebê. Segundo os autores, este processo poderia minar temporariamente a segurança e a confiança do primogênito, que necessitaria mais atenção e apoio dos genitores. Trause e Irvin (1992) endossam esta idéia ao afirmarem que frente a

eventos estressante como o nascimento de um irmão, a segurança de qualquer criança pode vacilar, tornando fundamental o apoio e o conforto proporcionado pelos genitores. Os diversos eventos que podem vir a perturbar a rotina familiar seriam especialmente difíceis às crianças de modo geral, já que as rotinas proporcionam a base para o manejo das novas experiências. O nascimento do irmão altera esta rotina. Como apontado por Raphael-Leff (1997), além de dar as boas-vindas ao bebê, o primogênito terá que fazer difíceis concessões após o nascimento do segundo filho, cedendo território, posses e alguma atenção, enquanto modifica seu lugar na hierarquia familiar. Muitas destas concessões já seriam antecipadas durante a gestação.

Ainda acerca dos comportamentos de dependência e de independência do primogênito, Dunn e cols. (1981) haviam encontrado que após o nascimento do irmão, as mesmas crianças que apresentavam inquietação e transtornos podiam apresentar, também, sinais de que estariam “crescidos” e independentes, (i.e. insistir em comer, vestir-se e ir ao banheiro sozinho, deixar de usar a mamadeira, brincar sozinho). No presente estudo, tais achados não foram extensamente corroborados, embora as mães mencionassem maior independência do primogênito ao fazer referência ao relacionamento pai-primogênito, que será discutido posteriormente. Pode ser que tais comportamentos viessem a se manifestar apenas após o nascimento do irmão, quando o primogênito poderia assumir, de fato, o papel de “irmão mais velho”.

Paralelamente às mudanças mencionadas, todos os estudos revisados acerca do impacto do nascimento do segundo filho para o primogênito revelaram que os primogênitos tenderam a demonstrar sentimentos positivos de carinho e interesse pelo bebê (Dessen e Mettel, 1984; Dunn & Kendrick, 1980, 1986; Field & Reite, 1984; Stewart & cols., 1987). No presente estudo, tais demonstrações de carinho podem ser comparadas ao contato afetivo estabelecido entre o primogênito e a barriga da mãe. A este respeito, todas as gestantes referiram que o primogênito tinha o hábito de tocar a barriga, acariciá-la e beijá-la. Além disso, alguns primogênitos tratavam o bebê como se este já fosse nascido, estabelecendo conversas com ele e o incluindo na família.

Como pode ser visto no presente estudo, o avançar da gestação, o aumento da barriga da mãe e as múltiplas mudanças daí decorrentes, tenderam a desencadear ansiedade e indicadores de ciúmes nestes primogênitos. Embora os eles tivessem sido descritos pelas gestantes como crianças predominantemente tranqüilas e de fácil manejo, o último trimestre gestacional foi um período caracterizado por um aumento na ansiedade, irritação e insegurança. Destaca-se que tais sentimentos e comportamentos foram identificados em todas as crianças, independentemente de sua reação inicial à notícia da gestação. Tanto as

crianças que responderam com surpresa ou indiferença, quanto aquelas que reagiram com alegria à notícia da gestação, demonstraram de alguma forma a ansiedade deste momento. Estes resultados contrariam parcialmente a literatura. Por exemplo, em um estudo desenvolvido por Gottlieb e Baillies (1995), encontrou-se que o período em que o primogênito era informado acerca da gestação seria caracterizado por maior dependência e ansiedade que o momento posterior. Conforme estes autores, haveria uma diferença muito pequena entre os comportamentos de crianças cujas mães estavam grávidas do segundo filho e aquelas que não experienciavam este processo. Sendo assim, esta situação só se alteraria mais intensamente após o nascimento do irmão. Contudo, os mesmos autores sugeriram que a relativa estabilidade encontrada entre os primogênitos do seu estudo com a proximidade do parto poderia estar associada à redução na percepção materna das dificuldades apresentadas pelo primogênito neste período.

Percebe-se que o nascimento do irmão constitui-se em um acontecimento importante na vida do primogênito. Embora a criança não necessariamente verbalize claramente sua ansiedade e a expectativa em relação a este acontecimento, não podemos desconsiderar que esta seja uma preocupação saliente em suas vidas. Como apontado por Kramer (1996), com base no relato das mães de primogênito, apenas 7% das crianças apresentaram preocupações diretamente relacionadas ao nascimento do irmão. Acredita-se, contudo, que os indicadores de ciúmes possam demonstrar indiretamente o impacto deste acontecimento à vida do primogênito e ao seu relacionamento, especialmente, com a mãe.

Conforme os relatos, todas as crianças apresentaram atitudes interpretadas pelas gestantes como indicadores de ciúmes. Tais manifestações incluíram demonstrações claras do medo de perder a atenção e o carinho da mãe após o nascimento do irmão, assim como sinais de agressividade dirigidos à barriga da gestante. Os primogênitos expressaram também o desejo de continuar sendo amados e especiais para as mães após o nascimento do irmão. Achados semelhantes foram relatados por Richardson (1983), ao investigar a percepção materna acerca de sua relação com o primogênito durante a gestação. Segundo o autor, todas as gestantes relataram alguma forma de resistência por parte do primogênito ao nascimento do irmão, ficando claro para elas que as crianças percebiam desde cedo que sua posição na família estava em risco. No presente estudo, uma mãe verbalizou isto claramente ao referir que, com a aproximação do nascimento do irmão, o primogênito passou a apresentar sinais de desconforto que indicariam a aproximação da “ameaça” concreta. Isto remete à definição de ciúmes proposta por Volling e cols. (2002), segundo a qual este seria disparado pela perda real ou percebida de uma relação valiosa. Deste modo, já durante a gestação o primogênito seria sensível às mudanças em seu ambiente, na



dinâmica das relações dentro da família e, além disso, poderia antever o envolvimento materno com o bebê que está para nascer.

O modo como o primogênito lidava com a gestação e a aproximação do nascimento do irmão parece indicar que já neste período ele poderia sentir o crescente espaço ocupado pelo irmão na família, na atenção e no afeto dos pais e reagiria a isto com indicadores de rivalidade. Em relação a isso, diversos autores (Dessen & Mettel, 1984; Stewart & cols., 1987) sugeriram que a reação do primogênito seria mediada pelas alterações no padrão de interação pais-primogênito e, de modo especial, mãe-primogênito no período gestacional. Assim, os comportamentos de maior solicitação, choro, dependência, agressividade seriam tentativas de reaver a atenção e o modo de interação desfrutado com os genitores, o que caracterizaria a rivalidade fraterna e o ciúmes. Na definição de Miller, Volling e McElwain (2000), reações de ciúmes incluiriam manifestações de ansiedade, tristeza e irritação, assim como comportamentos negativos e distrativos em direção ao genitor. Com isso, percebe-se que, acompanhado pelo sentimento de alegria pelo irmão que vai chegar, pelo carinho com a barriga da mãe e com o bebê, algumas das mudanças no comportamento do primogênito podem já ser compreendidas como indicativas de rivalidade.

Quanto ao sexo das crianças, o pequeno número de casos, não permite esboçar qualquer contraste sobre o impacto do sexo do irmão para o primogênito, nem tampouco eventuais diferenças nas reações de meninos e meninas quanto à gravidez da mãe. Tanto os meninos quanto as meninas apresentaram diversas mudanças em seu comportamento e em seu relacionamento com a mãe e com o pai. A aproximação do pai e o contato com a barriga da mãe e com o bebê ocorreram igualmente entre os sexos e, diferentemente do relatado pela literatura sobre a reação ao nascimento de um irmão (Dunn & cols., 1999; Silveira, 2002), no presente estudo, as meninas não foram descritas como mais afetuosas e menos agressivas que os meninos durante a gestação. Quanto à diferença de sexo entre os irmãos, pôde-se perceber que a maioria dos primogênitos desejava um irmão do mesmo sexo. A este respeito, diversos autores (Abramovitch & cols., 1986; Baydar, Hyle & cols., 1997; Dunn & Kendrick, 1981a; Dunn & cols., 1981; Silveira, 2002) indicaram que a reação ao nascimento e o tom afetivo da relação fraterna seriam mais positivos e cooperativas nas díades de irmãos do mesmo sexo do que nas díades mistas. Pode ser que, já durante a gestação e prevendo o nascimento do bebê, os primogênitos estariam sensíveis a esta tendência. Conforme a literatura, as mães demonstraram mais atenção e interagiram mais com o segundo filho quando este não era do mesmo sexo que o primogênito, o que poderia ser percebido e antecipado pelo primogênito já durante a gestação (Dunn & Kendrick, 1981a; Jacobs & Moss, 1976). Por outro lado, em alguns casos os primogênitos

indicaram preferir um irmão de sexo diferente ao seu, o que estava vinculado à idéia de que a diferença de sexo com o irmão traria a garantia da manutenção de um lugar especial e diferenciado na família, reduzindo a rivalidade com o irmão. Neste sentido, Stewart e cols. (1987) referiram mais problemas de adaptação durante os dois anos seguintes ao nascimento do irmão em díades do mesmo sexo. Estas diferenças apontam as possíveis situações vividas pelas crianças, destacando-se que mais que o sexo do irmão, precisa-se conhecer as fantasias, expectativas e temores específicos de cada criança, assim como a história e o papel destinado a cada filho pelas famílias, para entender o impacto da diferença de sexo para a adaptação ao nascimento do irmão.

No que se refere ao relacionamento pai-primogênito, os resultados do presente estudo indicaram um aumento no envolvimento paterno e uma aproximação pai-primogênito durante a gestação. Respondendo às limitações físicas e indisposição da gestante, que a impossibilitavam de realizar diversas tarefas de lazer e de cuidados do primogênito, somados à maior solicitação por parte da criança, todas as gestantes referiram que os pais tenderam a aumentar sua participação tanto nas brincadeiras como nos cuidados diários com o filho. Estes resultados endossam a concepção de que o pai tenderia a suprir as deficiências experienciadas no relacionamento da mãe com o primogênito na passagem para o nascimento do segundo filho (Dessen, 1997). A este respeito, a literatura aponta que após o nascimento do segundo filho o pai tenderia a iniciar mais interações com o primogênito (Dessen & Mettel, 1984; Kreppner, 1988) ou simplesmente manter níveis estáveis de interação, aumentando sua contribuição relativa frente à diminuição nas interações maternas (Stewart & cols., 1987). No presente estudo, destaca-se um aumento no envolvimento do pai, uma vez que algumas gestantes apontaram, inclusive, um desequilíbrio na participação de ambos, de forma que o pai estaria assumindo a maior parte das tarefas domésticas e de cuidado do primogênito no período final da gestação.

Estes resultados indicam que, na percepção das gestantes, os casais estariam respondendo, já durante a gestação, às renegociações de espaço de cada um na família (Tilmans-Ostin & Meynckens-Fourez, 2000). Esta complementaridade entre o casal parental na busca por um novo ajuste na distribuição de suas atribuições seria uma das principais tarefas familiares de adaptação para a chegada do segundo filho (Dessen, 1997). Diferentemente do descrito na literatura acerca do envolvimento paterno em famílias com crianças pequenas, nas quais o pai tenderia a ocupar um papel claramente recreativo, enquanto que a mãe desempenharia o cuidado dos filhos e das tarefas domésticas (Biernat & Wortman, 1991; Carter & McGoldrick, 2001; Tavecchio & cols, 1984), os resultados do presente estudo indicam que durante a gestação o pai aumentaria seu envolvimento tanto

em atividades de brincadeira quanto no cuidado do primogênito e nas atividades da casa. De fato, alguns estudos (Dessen & Braz, 2000; Stainton, 1994) mostraram que durante a gestação, independente do número de filhos do casal, os maridos tendiam a se envolverem mais nas atividades de cuidado dos filhos e da casa que após o nascimento dos filhos. Esta atitude, somada à limitação das atividades da gestante, poderia estar associada à crença popular de que a mulher grávida não deveria fazer esforço para não prejudicar o bebê. Além disso, Rustia e Abbott (1993), ao investigar casais que não esperavam outra criança, encontraram que os pais com apenas um filho assumiriam consistentemente mais responsabilidades por tarefas de cuidado que os demais. Somado a isso, durante a gestação os maridos tenderiam a envolver-se mais plenamente nas atribuições familiares, respondendo mais às expectativas maternas, o que, conseqüentemente, favoreceria o relacionamento conjugal (Dessen & Braz, 2000). No presente estudo, as gestantes referiram compreender o envolvimento paterno não apenas como um cuidado com o primogênito, mas também com elas próprias. Conforme alguns autores (Dessen, 1997; Feiring & Lewis, 1978), a satisfação materna para com o relacionamento conjugal, por sua vez, teria um efeito indireto no bem-estar materno e poderia facilitar a relação mãe-criança.

As mudanças apontadas no relacionamento pai-primogênito reforçam a importância do marido como figura de apoio à esposa no período do nascimento de um filho. Como descrito na literatura, o marido se constituiria na principal fonte de apoio durante a gestação e nos primeiros meses de vida do bebê (Belsky, 1981; Dessen & Braz, 2000). Quanto à adaptação do primogênito, a literatura destaca que uma relação próxima com o pai e o envolvimento deste com o primogênito, como ocorrido na maioria das famílias do presente estudo, favoreceria o ajustamento da criança no momento do nascimento do irmão, de modo que o primogênito seria menos aborrecido pelo envolvimento da mãe com o recém-nascido, apresentando menos conflito com a mãe e uma melhor aceitação do bebê (Dunn & Kendrick, 1986; Legg & cols., 1974).

No que se refere às mudanças centradas no primogênito, destaca-se o papel ativo desempenhado pela criança na redistribuição da atenção e da participação dos genitores durante a gestação. Percebeu-se que, frente às limitações na interação com a mãe, embora não abdicassem desta e solicitassem seu envolvimento, as crianças passaram a buscar o pai como principal fonte alternativa de atenção e cuidado. As demandas do primogênito que tendiam a estar centralizadas na figura materna até então, passaram a apresentar uma distribuição mais equilibrada entre o casal parental. Em alguns casos, o pai tornou-se, inclusive, a preferência do primogênito. Isto estaria de acordo com os achados de Stewart e cols. (1987), segundo os quais o aumento do envolvimento paterno seria, em parte, uma

resposta às demandas do primogênito. Conforme os pesquisadores, já no período pré-parto, constatou-se uma diminuição nos comportamentos do primogênito em direção à mãe e um aumento do direcionamento de seus comportamentos para o pai.

Contudo, esta redefinição na relação pai-primogênito desencadeou, em alguns casos, certa tensão entre os dois. Segundo o relato de algumas gestantes, houve um maior enfrentamento pai-primogênito durante a gestação e este seria uma forma de chamar a atenção do pai, já que o primogênito estaria percebendo o papel assumido pelo pai como seu principal cuidador. Contudo, pode-se também pensar que o primogênito estivesse resistindo a esta aproximação do pai, ou simplesmente expressando sua ansiedade e dificuldade em adaptar-se ao novo funcionamento familiar.

A importância para o primogênito de aproximar-se do pai foi destacada pelas gestantes do presente estudo como um modo de preparação para o nascimento do irmão e para o maior envolvimento da mãe com o recém-nascido, além de aliviar a sobrecarga exercida pelo primogênito sobre elas. Além disso, as mães enfatizaram a capacidade do primogênito de contar com outras pessoas além delas próprias como um sinal de crescimento e independência. Como apontado por Richardson (1983), a gestação materna pareceria intensificar a maturidade do primogênito e o seu afastamento da mãe. Em concordância com os resultados do presente estudo, Richardson encontrara que algumas criança pré-escolares freqüentemente revelavam novas preferências por seus pais ou algum outro cuidador durante a gestação materna, o que era compreendido pelas mães como um aumento de autonomia.

Frente a estas mudanças, embora as gestantes destacassem a aproximação pai-primogênito como positiva, não deixaram de expressar pesar e insegurança frente ao conseqüente afastamento delas. Conforme Richardson (1983), somado à necessidade crescente de contar com outras pessoas para o cuidado do primogênito, este distanciamento era vivido pelas mães com um sentimento de tristeza por perder um lugar especial dentre as relações da criança. Os achados de Walz e Rich (1983) apóiam estes resultados, ao mostrarem que durante a gestação a relação mãe-primogênito tornara-se fonte de grandes preocupações, uma vez que as mães previam um rompimento na relação diádica íntima e exclusiva com o primogênito. Neste mesmo sentido, Jenkins (1976) lembra que as mães passam muitas horas dedicando seu amor e sua atenção para o primogênito e, em troca, ele a tem como a, figura principal de sua vida. Esta relação especial é necessariamente ameaçada com o iminente nascimento do segundo filho.

Com o crescimento do bebê e a aproximação do parto, a mãe precisa investir nesta nova criança e volta-se para si mesma. Conforme Raphael-Leff (1997), durante a gravidez,

o espaço físico da gestante, assim como seus pensamentos tornam-se ocupados pelo bebê crescendo dentro dela, mesmo enquanto convive com o primogênito em seu colo. Contudo, a mãe precisa desligar-se de certa forma do primogênito para fazer a maternagem do segundo filho (Richardson, 1983; Raphael-Leff). Apesar de todas as intenções no sentido contrário, mesmo durante a gestação, quando a mãe se volta para seu bebê, afasta-se imperceptivelmente do primogênito (Brazelton & Sparrow, 2003). Em alguns casos, a mãe terá clara consciência deste deslocamento de investimento e da mudança que o bebê trará à sua relação com o primogênito, de modo que poderá dedicar-se mais intensamente ao filho mais velho no período gestacional (Raphael-Leff). Na verdade, parte da tolerância materna em relação ao primogênito, já apontada neste estudo, poderia indicar a relutância da própria mãe em abandonar a relação especial compartilhada entre eles (Richardson). Em seu estudo, este autor encontrou que as mães expressaram com frequência alguma ambivalência ou tristeza por tirar a criança de seu lugar de bebê da família.

Destaca-se, por fim, que outras mudanças importantes estariam ocorrendo na vida de algumas crianças, concomitantemente à gestação, as quais poderiam contribuir para eventuais problemas de adaptação neste período. Neste caso, chama atenção o somatório de acontecimentos com os quais a criança precisa lidar, tornando mais difícil enfrentar o nascimento do irmão. Conforme uma das mães, embora os genitores se esforçassem em envolvê-la nos preparativos e favorecer sua aceitação do irmão, nada parecia agradar a filha. Por exemplo, a mudança de escola, relatada em vários casos, teria um impacto importante para o primogênito. De fato, mudanças de casa, o ingresso em uma creche, troca de escola, treinamento esfinteriano ou para deixar a mamadeira ou chupeta não seriam aconselhadas neste momento (Trause & Irvin, 1992). Conforme os autores, o fato de se tornar um irmão, por si só, tende a introduzir várias alterações na vida de uma criança pequena, perturbando sua rotina e sua adaptação habitual. Somado a isso, as mudanças típicas da idade e da fase de desenvolvimento do primogênito poderiam contribuir para algumas mudanças descritas no presente estudo.

A este respeito, acredita-se que a adaptação familiar e as mudanças vividas na família durante a gestação do segundo filho, seriam uma resposta tanto aos eventos externos – mudanças na rotina de vida das crianças – quanto à pressões internas referentes à mudanças na função de cada membro do sistema familiar, o que incluiria, entre outras coisas, a gestação materna e os processos de crescimento e desenvolvimento do primogênito. Com isso, não se descarta a importância da gestação materna como propulsora de algumas mudanças importantes no funcionamento familiar e como fonte de tensão para o primogênito. Conforme o relato das próprias gestantes do presente estudo, a

gestação parecia ocupar um lugar central como acontecimento familiar, sendo que as demais mudanças poderiam exacerbar algumas alterações esperadas para este período.

### **Considerações finais**

O presente estudo teve como objetivo investigar as impressões e sentimentos maternos sobre o relacionamento mãe-primogênito durante a gestação do segundo filho. Para tanto, buscou-se avaliar as mudanças percebidas pelas mães nos comportamentos do primogênito, em seus próprios sentimentos e, em especial, nos relacionamentos estabelecidos entre os membros da família nuclear (pai-mãe-primogênito) neste período. A partir das entrevistas realizadas com as gestantes, pôde-se perceber que a gestação constitui-se em um momento marcante da transição familiar para o nascimento do segundo filho.

Vistos conjuntamente, os resultados indicam que a gestação do segundo filho trouxe mudanças concomitantes em diferentes níveis da família, os quais estariam intimamente relacionados. Com isso, não se pretende privilegiar um ou outro destes níveis (individual, relacional, familiar), ou onde se inicia a mudança ou qual deles possui maior impacto para a adaptação da família neste período. Contudo, pode-se afirmar que a gestação do segundo filho é um fator que desencadeia um processo de busca por um novo equilíbrio em todo o sistema familiar, incluindo, entre outros aspectos, as preocupações maternas acerca de seu papel como mãe, as suas mudanças físicas na gestação, os comportamentos do primogênito, as manifestações explícitas de ciúmes do primogênito, as atividades desempenhadas pelo pai com o primogênito e, o apoio do marido à gestante.

Para as mães do presente estudo, a gestação do segundo filho representou um momento de redefinição de seu papel de mãe e de sua relação com o primogênito. Além de precisar voltar-se emocionalmente para o bebê, as mães mencionaram sentirem-se responsáveis por estimular a participação do primogênito neste processo, preservá-lo de tensões desnecessárias e prepará-lo para a chegada do irmão. Apesar do cansaço, do tamanho da barriga que limitava suas atividades, as gestantes demonstraram esforçar-se para dedicar atenção e, inclusive, mais tempo para ficar com o primogênito neste período. Neste contexto, a maior aproximação pai-primogênito apareceu como um sinal significativo da adaptação e antecipação feita pelas famílias para o nascimento do segundo filho.

Frente a todas as mudanças deste período de transição, embora os genitores busquem apoiar, preparar e cuidar atentamente do primogênito, não podem imunizá-lo das ansiedades e angústias. Com isso, as mudanças no comportamento do primogênito podem

ser compreendidas como uma busca por adequar-se à nova realidade que já se apresenta com a gestação e tende a se impor com maior intensidade após o nascimento do irmão. Deste modo, ao mesmo tempo em que o primogênito busca reaver a atenção e o estilo de interação desfrutado com a mãe até o momento, relutando em abdicar de seu lugar na família, ele vai atrás de novas possibilidades de interação ao aproximar-se do pai e aceitar mais o envolvimento de outras pessoas, rumo a uma maior independência.

As mudanças no comportamento do primogênito indicam que a gestação seria, de fato, um evento marcante em suas vidas, podendo introduzir um sentimento até então desconhecido nas relações familiares, a rivalidade fraterna. A este respeito, ao mesmo tempo em que os primogênitos alegraram-se com a gestação do irmão, indicaram temer por sua relação com a mãe. Além dos indícios de rivalidade presentes na ansiedade e em algumas variações do comportamento do primogênito, o temor em perder a mãe foi manifestado explicitamente pelas crianças, indicando a percepção destes do crescente espaço ocupado pelo irmão na família, na atenção e no afeto materno.

Destaca-se, no presente estudo, o empenho dos genitores em apoiar o primogênito neste período, mostrando-se compreensivos com suas necessidades. Os resultados sugerem que a gestação do segundo filho seria caracterizada, então, por um aumento no apoio fornecido pelos genitores ao primogênito. Além disso, o papel do pai mostrou-se fundamental neste período, indicando um envolvimento cada vez maior dele na vida familiar e no cuidado dos filhos. No momento do nascimento do segundo filho, esta relação íntima pai-primogênito desempenhará um papel fundamental para a adaptação do primogênito a este evento comum, mas potencialmente estressante. A importância deste apoio fornecido pelos genitores foi destacada por Pincus e Dare (1981), para quem o sucesso do primogênito em ajustar-se ao novo bebê dependerá muito da atitude dos pais, ou seja, do modo como acolherão tanto os seus sentimentos positivos quanto as expressões de rivalidade para com o irmão. Quanto mais as crianças puderem demonstrar sua ambivalência e forem compreendidas, mais condições terão para controlar os sentimentos hostis que acompanham o carinho e a alegria pela chegada do novo irmão.

Como se pode perceber, a gestação do segundo filho é um evento que afeta todos os membros da família. De acordo com a visão de Minuchin (1982), os sistemas familiares são dinâmicos e mudam ao longo do tempo, esta transição seria melhor compreendida em termos processuais. Assim, desde a gestação já se iniciaria o processo de transição para a inclusão de um novo membro à família. Além disso, acredita-se que o período que antecede ao nascimento do segundo filho influenciaria o modo como o primogênito vai lidar com o nascimento do irmão e a própria relação fraterna. Com isso, ressalta-se a

importância do apoio dos genitores e das relações estabelecidas entre a família durante a gestação como modo de favorecer a adaptação familiar ao nascimento do segundo filho.

Antes de concluir, é importante destacar que as participantes do presente estudo constituíam um grupo com algumas características particulares, as quais precisam sempre ser consideradas para a compreensão dos resultados. Destaca-se que todas elas haviam planejado a gestação do segundo filho, o que pressupõe uma certa organização familiar e uma motivação para o segundo filho, fatores que poderiam predispor a mãe e a família a melhor aceitarem as mudanças daí advindas. Outro aspecto a ser destacado refere-se ao nível sócioeconômico (NSE) das participantes. Dentre as participantes aquelas com menor NSE, poderiam ser consideradas de nível médio, sendo que das oito participantes, cinco possuíam NSE alto e tinham escolaridade de nível superior. Além disso, todas as gestantes eram adultas e casadas e viviam seu primeiro casamento. Esta seria uma realidade bastante particular e não representativa de um imenso número de famílias brasileiras que não possuem suas necessidades básicas atendidas. Por outro lado, as famílias de hoje incluem configurações familiares muito variadas, extrapolando o modelo nuclear investigado neste estudo. A este respeito, é muito comum que o segundo filho de uma família nasça de um segundo casamento, o que caracteriza um contexto diferente e, provavelmente mais complexo, de relações familiares. Outra característica peculiar ao grupo investigado refere-se ao fato de estas gestantes terem aceito participar de um estudo longitudinal, envolvendo entrevistas sobre temas familiares e pessoais. Pode-se conjecturar que outras famílias que recusaram participar do estudo poderiam apresentar uma situação talvez menos favorável à gestação do segundo filho. Com isso, chama-se atenção para as eventuais limitações destes achados e para uma enorme gama de possibilidades e realidades não contempladas neste estudo. As características mencionadas podem ter contribuído em seu conjunto como facilitadoras da transição para o nascimento do segundo filho. Inúmeras outras situações de difícil manejo poderiam ocorrer caso fossem consideradas as diferentes realidades das famílias que atravessam este momento. Todas estas variações não contempladas no presente estudo podem constituir-se em fatores de aumento da complexidade do fenômeno, devendo ser consideradas em novos estudos.

Além disso, novas investigações são necessárias a fim de aprimorar aspectos não respondidos integralmente no presente estudo. Destaca-se nos resultados apresentados, a limitação de achados baseados nos relatos de apenas um dos personagens envolvidos, no caso a gestante. Embora rico no que se refere às impressões e sentimentos maternos acerca de sua relação com o primogênito, novos estudos devem buscar compreender as influências recíprocas dos diversos níveis do sistema familiar, e incluir a perspectiva do



pai. Além disso, outras ferramentas de investigação como, observação das interações poderiam ser instrumentos importantes de acesso direto aos comportamentos do primogênito e da relação familiar durante a gestação. Como apontado por Cox e Paley (1997), medidas de auto-relato ou outros índices de percepção “individual” não são problemáticas em si mesmas, mas não podem ser interpretadas como refletindo propriedades de um sistema maior, assim como não substituem necessariamente o dado sobre a interação familiar.

Ao finalizar este estudo, ressalta-se ainda que pontos de transição como o nascimento do segundo filho podem ser períodos de maior risco para disfunção familiar, impondo desafios a cada nível do sistema familiar. Embora responda a estes desafios, a reorganização da família e a maior fluidez do sistema podem criar novas vulnerabilidades e dificuldades. Devido à oportunidade de mudança presente, focar esforços de prevenção e intervenções nestes períodos seria muito efetivo, especialmente quando dirigidos a múltiplos níveis do sistema familiar. Neste sentido, os resultados apresentados devem servir como apoio para possíveis programas de intervenção para genitores envolvidos no processo de transição para o nascimento do segundo filho. Enquanto existem diversos programas para pais que esperam seu primeiro filho, não se encontram programas específicos para pais que esperam seu segundo filho. Na maioria dos casos, não são dadas diretrizes sobre mudanças esperadas nos comportamentos e na estrutura que envolve as relações familiares desde o período gestacional até a chegada do segundo filho. Além disso, a importância de tais intervenções estaria em preparar e conscientizar os genitores da relevância de seu papel junto ao primogênito neste período e para as mudanças que estão por vir.

**REFERÊNCIAS**

- Abramovitch, R., Corter, C., Pepler, D. & Stanhope, L. (1986). Sibling and peer interactions: A final follow-up and a comparison. Child Development, 57, 217-229.
- Adams, W. (1985). The missing triad: The case of two-child families. Family Process, 24, 409-413.
- Andolfi, M., Ângelo, C., Menghi, P. & Nicolò-Corigliano, A. M. (1984). Por trás da máscara familiar. (M.C. Goulart, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aranha, M. (1993). A interação social e o desenvolvimento humano. Temas em Psicologia, 3, 19-28.
- Bardin, L. (1977). Análise de Conteúdo. (L. Reto & A. Pinheiro, Trad.) São Paulo: Edições 70/Livraria Martins Fontes.
- Baydar, N., Greek, A. & Brooks-Gunn, J. (1997). A longitudinal study of the effects of the birth of a sibling during the first six years of life. Journal of Marriage and the Family, 59, 939-956.
- Baydar, N., Hyle, P. & Brooks-Gunn, J. (1997). A longitudinal study of the effects of the birth of a sibling during preschool and early grade school years. Journal of Marriage and the Family, 59, 957-965.
- Belsky, J. (1981). Early human experience: A family perspective. Developmental Psychology, 17, 3-23.
- Belsky, J. (1985). Experimenting with the family in the newborn period. Child Development, 56, 407-414.
- Berenstein, I. (1988). Família e doença mental. (A. Freidman, Trad.) São Paulo: Escuta.
- Biernat, M. & Wortman, C. (1991). Sharing of home responsibilities between professionally employed women and their husbands. Journal of Personality and Social Psychology, 60, 844-860.
- Bourguignon, O., Alary, A., Butat, M., Cessans, A., Coloignier, R., Duvillie-Moustacchi, R., Hirsch-Pelissier, A., Jaurand-Bulvestre, A., Ouassini, M., Nzeyimana, N., Salmon, N. & Samama, C. (1980). Changes in the family with the arrival of a second child. Bulletin de Psychologie, 34, 289-304.
- Brazelton, B. & Sparrow, J. (2003). Três a seis anos: Momentos decisivos do desenvolvimento infantil. (C. Monteiro, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (Orgs.). (2001). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar (2ª ed.). (M.V. Veronese, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.

- Corter, C., Abramovitz R. & Pepler, D. (1983). The role of the mother in sibling interaction. Child Development, 54, 1599-1605.
- Cox, M. & Paley, B. (1997). Families as systems. Annual Review of Psychology, 48, 243-267.
- Dessen, M. & Braz, M. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16, 221-231.
- Dessen, M. & Mettel, T. (1984). Interação pais-primogênito quando da chegada de uma segunda criança na família: Um estudo de caso. Psicologia, 10, 27-39.
- Dessen, M. (1994). Interações e relações no contexto familiar: Questões teóricas e metodológicas. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 10, 213-220.
- Dessen, M. (1997). Desenvolvimento familiar: Transição de um sistema triádico para poliádrico. Temas em Psicologia, 3, 51-61.
- Dunn, J. & Kendrick, C. (1980). The arrival of a sibling: Changes in patterns of interaction between mother and first-born child. Journal of Child Psychology and Psychiatry, 21, 119-132.
- Dunn, J. & Kendrick, C. (1981a). Social behavior of young siblings in the family context: Differences between same-sex and different-sex dyads. Child Development, 52, 1265-273.
- Dunn, J. & Kendrick, C. (1981b). Interaction between young siblings: Association with the interaction between mother and firstborn child. Developmental Psychology, 17, 336-343.
- Dunn, J. & Kendrick, C. (1986). Hermanos y hermanas: Amor, envidia y comprensión. (C. Barrio, B. Barrio & B. Slobodziaanek, Trad.) Madrid: Alianza Editorial.
- Dunn, J. & Munn, P. (1985). Becoming a family member: Family conflict and the development of social understanding in the second year. Child Development, 56, 480-492.
- Dunn, J., Kendrick, C. & MacNamee, R. (1981). The reaction of first-born children to the birth of a sibling: Mother's reports. Journal of Child Psychology and Psychiatry, 22, 1-18.
- Feiring, C & Lewis, M. (1978). The child as a member of family system. Behavioral Science, 23, 225-233.
- Féres-Carneiro, T. (1983). Família: Diagnóstico e terapia. Rio de Janeiro: Zahar.
- Field, T. & Reite, M. (1984). Children's responses to separation from mother during the birth of another child. Child Development, 55, 1308-1316.

- Gottlieb, L. & Baillies, J. (1995). Firstborns' behaviors during a mother's second pregnancy. Nursing Research, 44, 356-362.
- Gottlieb, L. & Mendelson, M. (1990). Parental support and firstborn girl's adaptation to the birth of a sibling. Journal of Applied Developmental Psychology, 11, 29-48.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia / Núcleo de Infância e Família – GIDEP/NUDIF/UFRGS/CNPq (2005a). Ficha de Contato Inicial. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia / Núcleo de Infância e Família – GIDEP/NUDIF/UFRGS/CNPq (2005b). Entrevista de Dados Demográficos do Casal. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia / Núcleo de Infância e Família – GIDEP/NUDIF/UFRGS/CNPq (2005c). Entrevista sobre a Gestação e as Expectativas da Gestante (terceiro trimestre de gestação). Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia / Núcleo de Infância e Família – GIDEP/UFRGS/CNPq (2005d). Entrevista com a Mãe sobre o Impacto da Gestação do Segundo Filho na Dinâmica Familiar (terceiro trimestre de gestação). Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia / Núcleo de Infância e Família – GIDEP/NUDIF/UFRGS/CNPq (2005e). Entrevista com a Mãe sobre o Desenvolvimento do Primogênito (com idade entre três e seis anos). Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia / Núcleo de Infância e Família – GIDEP/NUDIF/UFRGS/CNPq (2005f). Entrevista sobre a Experiência da Maternidade (Primogênito com idade entre três e seis anos). Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Hart, S., Field, T., DelValle, C. & Letourneau, M. (1998). Infants protest their mother attending to a infant-size doll. Social Development, 7, 54-61.
- Hollingshead, A.B. (1975). The four-factor index of social status. Manuscrito não publicado, Yale University.
- Jacobs, B. & Moss, H. (1976). Birth order and sex of sibling as determinants of mother-infant interaction. Child Development, 47, 315-322.

- Jenkins, P. (1976). Conflicts of a secundigravida. Maternal-Child Nursing Journal, 5, 117-126.
- Jennings, K., Stagg, V. & Connors, R. (1991). Social network and mothers' interactions with their preschool children. Child Development, 62, 966-978.
- Kowaleski-Jones, L. & Dunifon, R. (2004). Childrens' home environment: Understanding the role of family structure changes. Journal of Family Issues, 25, 3-28.
- Kramer, L. & Ramsburg, D. (2002). Advice given to parents on welcoming a second child: A critical review. Family Relations, 51, 2-14.
- Kramer, L. (1996). What's real in children's fantasy play: Fantasy play across the transition to becoming a sibling. Journal of Child Psychology and Psychiatry, 37, 329-337.
- Kreppner, K. (1988). Changes in parent-child relationships with the birth of the second child. Em R. Palkovitz & M.B. Sussman (Orgs.), Transitions to Parenthood (pp. 157-181). New York: The Haworth Press.
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: Interdependence in Developmental Pathways. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16, 11-22.
- Kreppner, K., Paulsen, S. & Schuetze, Y. (1982). Infant and family development: From triads to tetrads. Human Development, 25, 373-391.
- Lamb, M. (1978). The development of sibling relationships in the infancy: A short-term longitudinal study. Child Development, 49, 1189-1196.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). A construção do saber: Manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Legg, C., Sherick, I. & Wadland, W. (1974). Reaction of preschool children to the birth of a sibling. Child Psychiatry and Human Development, 5(1), 3-39.
- Levitt, M., Weber, R. & Clark, M. (1986). Social network relationships as sources of maternal support and well-being. Developmental Psychology, 22, 310-316.
- Miller, A., Volling, B. & McElwain, N. (2000). Sibling jealousy in a triadic context with mothers and fathers. Social Development, 9, 433-457
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. Child Development, 56, 289-302.
- Minuchin, S. (1982). Famílias: Funcionamento e tratamento. (J.A. Cunha, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Murphy, S. (1993). Siblings and the new baby: Changing perspectives. Journal of Pediatrics Nursing, 8, 277-288.
- Newcombe, N. (1999). Desenvolvimento infantil: Abordagem de Mussen (8ª. ed.). (C. Buchweitz, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.

- Parker, C., Pistang, N. & Elliot, R. (1995). Research methods in clinical and counselling psychology. England: Wiley.
- Piccinini, C., Lopes, R., Rossato, C. & Oliveira, D. (2005). Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito. Projeto não-publicado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Pincus, L. & Dare, C. (1981). Psicodinâmica da família. (C. Rotenberg & S. Kleinke, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Raphael-Leff, J. (1997). Gravidez: A história interior. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Richardson, P. (1981). Women's perceptions of their important dyadic relationships during pregnancy. Maternal-Child Nursing Journal, 10, 159-174.
- Richardson, P. (1983). Women's perceptions of changes in relationships shared with children during pregnancy. Maternal-Child Nursing Journal, 12, 75-88.
- Rustia, J. G. & Abbott, D. (1993). Father involvement in infant care: Two longitudinal studies. Child Development, 5, 508-519.
- Silveira, L. (2002) O relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família. Em A. Wagner (Org.), Família em cena: Tramas, dramas e transformações (pp. 93-112). Petrópolis: Vozes.
- Stainton, M. (1994). Supporting family functioning during a high risk pregnancy. Maternal-Child Nursing Journal, 19, 24-28
- Stake, R. E. (1994). Case Studies. Em N. Denzin & Y. Lincoln (Orgs.), Handbook of qualitative research (pp. 236-247). Londres: Sage.
- Stewart, R. B., Mobley, L. A., Van-Tuyl, S. & Salvador, M.A. (1987). The firstborn's adjustment to the birth of a sibling: A longitudinal assessment. Child Development, 58, 341-355.
- Tavecchio, L., Van-Ijzendoorn, M., Goossens, F. & Vergeer, M. (1984). The division of labor in Dutch families with preschool children. Journal of Marriage and the Family, 46, 231-242.
- Teti, D., Sakin, J., Kucera, E., Corns, K. & Eiden, R. (1996). And baby makes four: Predictors of attachment security among preschool-age firstborns during the transition to siblinghood. Child Development, 67, 579-596.
- Tilmans-Ostyn, E. & Meynckens-Fourez, M. (Orgs.). (2000). Os recursos da fratria. (C.A. Molina-Loza & A.M. Prates, Trad.) Belo Horizonte: Artesã.
- Trause, M. & Irvin, N. (1992). Atendimento aos irmãos. Em M. Klaus & J. Kennell (Orgs.), Pais/Bebê: A formação do apego (pp.129-148). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Tudge, J. & Frizzo, G. (2002). Classificação baseada em Hollingshead do nível socioeconômico das famílias do Estudo Longitudinal de Porto Alegre: da Gestação à Escola. Manuscrito não publicado. Porto Alegre. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Volling, B., McElwain, N. & Miller, A. (2002). Emotion regulation in context: The jealousy complex between young siblings and its relations with child and family characteristics. Child Development, 73, 581-600.
- Walz, B. & Rich, O. (1983). Maternal tasks of taking-on a second child in the postpartum period. Maternal-Child Nursing Journal 12, 185-216.

## ANEXO A

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS  
(GIDEP/NUDIF, 2005)****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Pelo presente Consentimento, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que busca investigar o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito.

Estou ciente de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa; terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo a eventuais vínculos com a instituição através da qual fui contatado(a).

Em caso de eventuais desconfortos trazidos pela participação nesta pesquisa, quando caracterizada a necessidade de atendimento psicológico, tenho clareza de que o pesquisador responsabilizar-se-á por meu encaminhamento para um Serviço de Atendimento Emocional gratuito.

Concordo em participar do presente estudo, bem como autorizo, para fins de pesquisa e de divulgação científica a utilização de anotações e gravações realizadas comigo e meu filho. Entendo que o Instituto de Psicologia da UFRGS manterá em sigilo a minha identidade e a da minha família, e que os dados coletados serão arquivados neste mesmo Instituto e serão destruídos depois de decorrido o prazo de cinco anos.

Os pesquisadores responsáveis por este Projeto de Pesquisa são: Prof. Dr. César Augusto Piccinini e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rita de Cássia Sobreira Lopes, os quais poderão ser contatados pelo telefone 3316-5058.

Mestrandas responsáveis: Caroline R. Pereira, Débora S. de Oliveira e Nádia Coldebella.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da mestranda responsável: \_\_\_\_\_



## ANEXO B



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**  
**CARTA DE APROVAÇÃO**

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul analisou o projeto:

**Número :** 2004373


**Título :** Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito

**Pesquisador (es) :**

<u>NOME</u>	<u>PARTICIPAÇÃO</u>	<u>EMAIL</u>	<u>FONE</u>
CESAR AUGUSTO PICCININI	PESQ RESPONSÁVEL	piccinini@portoweb.com.br	33165246
RITA DE CASSIA SOBREIRA LOPES	PESQUISADOR	sobreiralopes@portoweb.com.	33165246

O mesmo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, reunião nº 35 , ata nº 56 , por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde.

Porto Alegre, quinta-feira, 28 de abril de 2005

  
 p/ José Roberto Goldim  
 Coordenador do CEP-UFRGS

## ANEXO C

FICHA DE CONTATO INICIAL<sup>1</sup>

(GIDEP/NUDIF, 2005)

Nome da mãe: .....

Quantos anos tu tens?.....

Escolaridade:.....

Trabalha? ( ) não ( ) sim O que faz? .....

Esta é a tua segunda gravidez? .....

Com quantos meses tu estás? .....

Tu já sabes o sexo do bebê? .....

Como está a tua saúde? .....

Como está a saúde do bebê? .....

O teu primeiro filho é menino ou menina? .....

Qual a idade do teu filho(a)? .....

Como é o nome dele? .....

O pai do bebê vive contigo? Há quanto tempo? .....

Como é o nome dele? .....

Qual é a idade dele? .....

O que ele faz? .....

Qual é a escolaridade dele? .....

Ele é o pai do teu primeiro filho? .....

Ele tem outros filhos? .....

Endereço: .....

Telefone: .....

Data da Entrevista: .....

Data prevista para o nascimento do bebê: .....

Alternativa de contato (nome): .....

Telefone: .....

Mestranda responsável: .....

<sup>1</sup>Instrumento adaptado por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini, (2005) para ser aplicado a gestantes grávidas do segundo filho.

## ANEXO D

**ENTREVISTA DE DADOS DEMOGRÁFICOS DO CASAL<sup>1</sup>**  
(GIDEP/NUDIF, 2005)

**Eu gostaria de algumas informações sobre ti e o teu marido:****Esposa:**

- Nome:.....
- Data de nascimento:..... Escolaridade (ano concluído): .....
- Religião:..... Praticante: ( ) sim ( ) às vezes ( ) não
- Estado Civil: ( ) casada ( ) solteira ( ) separada ( ) viúva ( ) com companheiro
- Desde quando moras com o pai do teu filho? .....
- Quem mais mora na casa? .....
- Tu trabalhas fora? ( ) sim ( ) não ( ) desempregada
- O que tu fazes/fazias?..... Horas/semana:..... Não trabalha há ..... meses
- Grupo étnico: .....

**Marido:**

- Nome:.....
- Data de nascimento:..... Escolaridade (ano concluído): .....
- Religião:..... Praticante: ( ) sim ( ) às vezes ( ) não
- Tu trabalhas fora? ( ) sim ( ) não ( ) desempregado
- O que tu fazes/fazias?..... Horas/semana:..... Não trabalha há ..... meses
- Grupo étnico: .....

**Primogênito:**

- Nome:.....
- Data de nascimento:.....

**Endereço para contato:**

.....

Cidade:..... CEP ..... Telefone:.....

Telefone do emprego/contato: Esposa ..... Marido .....

Telefone de um parente/amigo para contato:.....

<sup>1</sup> Instrumento adaptado por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (2005) para ser aplicado a gestantes grávidas do segundo filho e seus maridos.

## ANEXO E

**ENTREVISTA SOBRE A GESTAÇÃO E AS EXPECTATIVAS DA GESTANTE<sup>1</sup>**  
**(Terceiro trimestre de gestação)**  
**(GIDEP/NUDIF, 2005)**

**1. Eu gostaria que tu falasses sobre a tua gravidez, desde o momento em que tu ficaste sabendo, até agora.**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tu te sentiste ao receber a notícia da gravidez? Foi uma gravidez planejada?
- Tu precisaste fazer algum tratamento para engravidar?
- Como é para ti estar grávida do segundo filho?
- Como tu te sentiste no início da gravidez (física e emocionalmente)? E agora, como tu te sentes?
- Quais as tuas preocupações em relação à gravidez e ao bebê?
- Como tu te sentes em relação ao parto?
- Como está a tua saúde, desde o início da gravidez até agora?
- Tu tens ido ao médico para acompanhar a gravidez? Quantas vezes tu já foste?
- Já fizeste alguma ecografia? Como tu te sentiste ao ver o bebê?
- Tu viste algo, no bebê, que tenha te chamado à atenção?
- Como tu estás te sentindo em relação às mudanças do teu corpo?

**2. Tu poderias contar como tem sido para o teu marido, desde que soube da gravidez até agora.**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Que tipo de apoio tu tens esperado dele durante este período?
- Que tipo de apoio ele tem te oferecido?

**3. Tu poderias me contar um pouco sobre a reação da tua família e da família do teu marido em relação à tua gravidez.**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como a tua família reagiu à tua gravidez? (ex. tua mãe e teu pai)
- Como reagiu a família do teu marido? (ex. tua sogra e teu sogro)
- Algum familiar (ou amigo, ou profissional) tem te ajudado durante a gravidez?
- Quem tu esperas que vá te ajudar?

**4. Agora eu gostaria que tu falasses sobre o teu bebê...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- O que tu já sabes sobre o bebê?
- Tu já sabes o sexo do bebê?
- *(Se sabe o sexo)* Como te sentiste quando soubeste que era menina/menino? E como o teu marido se sentiu?
- Alguma coisa mudou entre vocês *(família)* após saber o sexo do bebê?
- *(Se não sabe o sexo)* O que tu gostarias que fosse, menina ou menino? Por quê? E o teu marido?
- Vocês já pensaram num nome para o bebê? Quem escolheu? Algum motivo para a escolha do nome?
- Tu sentes o bebê se mexer? Desde quando? Como é que foi?
- Vocês costumam tocar a barriga ou falar com o bebê? Como tu te sentes?

**5. Como tu imaginas que vai ser o bebê quando nascer?**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Que características físicas tu imaginas que o bebê vai ter?
- Como tu imaginas que vai ser o temperamento, o jeito dele? Por quê?
- Com quem tu achas que o bebê vai ser parecido? Por quê?

**6. Como tu imaginas o teu relacionamento com o bebê quando ele nascer?**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tu te imaginas como mãe deste bebê?
- Como tu te imaginas atendendo o teu bebê (alimentando, consolando, brincando, fazendo dormir)?
- Tem mais alguma coisa que tu te imaginas fazendo com o bebê?
- Como tu te imaginas lidando com o bebê quando ele chorar?
- Como tu te imaginas lidando com o bebê quando ele não quiser comer/mamar?
- Como tu te imaginas lidando com o bebê quando ele não quiser dormir?

**7. Como tu imaginas o relacionamento do teu marido com o bebê?**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Em que tu achas que ele vai te ajudar?

**8. Tu achas que o bebê irá mudar a tua vida e a do teu marido?**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Em que aspectos tu pensas que ocorrerão mudanças (financeiro, social, familiar)?
- Como tu achas que vais te sentir com estas mudanças?
- E quanto ao relacionamento de vocês dois, tu achas que será afetado pelo nascimento do bebê? Como?

**9. Como tu achas que o bebê vai ser quando crescer?**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tu imaginas que vais criar o teu/tua filho/a?
- O que tu esperas para teu/tua filho/a quando ele/a crescer?
- O que mais tu esperas para ele/a?
- O que tu não gostarias para ele/a?
  
- Vocês planejam ter outros filhos?

**10. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?**

## ANEXO F

**ENTREVISTA COM A MÃE SOBRE O IMPACTO DA GESTAÇÃO  
DO SEGUNDO FILHO NA DINÂMICA FAMILIAR  
(Terceiro trimestre de gestação)  
(GIDEP/NUDIF, 2005)**

**1. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o dia-a-dia da tua família...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como é um dia típico da tua família?
- Como são os momentos em que estão todos juntos?
- Como é um dia típico de fim de semana da tua família?
- Houve alguma mudança no dia-a-dia da tua família depois que tu engravidaste?

**2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o teu relacionamento com o teu marido nesta segunda gravidez....**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o teu relacionamento com o teu marido?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês desde que tu engravidaste?
- Como tu te sentes?

**3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o teu primeiro filho, o (nome), ao longo desta segunda gravidez...**

*(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Quando lhe foi dada a notícia da gravidez? Como ele/a reagiu? E agora, como ele está?
- O/a (*nome*) já sabe o sexo do bebê? Como ele/a reagiu?
- (*Se não sabe*) Ele/a prefere um menino ou uma menina?
- Alguma coisa parece desagradar o/a (*nome*) em relação à tua gravidez?
- E alguma coisa parece agradar o/a (*nome*) em relação à tua gravidez?
- Ele/a interage com o bebê de alguma maneira (*tocar a barriga, cantar/conversar com o bebê, etc.*)?
- Ele/a já foi alguma vez contigo às ecografias? Como ele/a reagiu?
- Ele/a tem demonstrado alguma curiosidade, preocupação ou interesse sobre a gravidez ou os bebês?
- O que ele tem dito?
- E quanto ao teu afastamento durante a hospitalização? Como tu achas que ele/a vai reagir? Como tu te sentes?
- Tu tens feito alguma coisa para prepará-lo/a?
- Como tu imaginas que o/a (*nome*) vai reagir à chegada do bebê? Como tu te sentes?
- Tu tens feito alguma coisa para prepará-lo/a?
- Como tu achas que será o relacionamento dele/a com o bebê?

**4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o relacionamento do/a (nome) com vocês, com a família e com outras crianças desde que tu ficaste grávida...**

*(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (*nome*) em relação a ti?
- O que aconteceu? Como tu te sentes com isto?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês três (tu, teu marido e teu filho) desde que tu engravidaste? O que aconteceu? [Como tu te sentes?]
- Como é a relação do/a (*nome*) com os familiares?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento dele/a com relação aos familiares desde que tu engravidaste?
- [Como tu te sentes?]
- Como é a relação do/a (*nome*) com as outras crianças?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (*nome*) em relação às outras crianças desde que tu engravidaste?

**5. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?**

<sup>1</sup>Entrevista elaborada por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (2005).

## ANEXO G

**ENTREVISTA COM A MÃE SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PRIMOGÊNITO<sup>1</sup>**  
**(Terceiro ao quinto ano de vida do primogênito)**  
**(GIDEP/NUDIF, 2005)**

**1. Eu gostaria que tu falasses sobre o/a (nome)...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o desenvolvimento/crescimento do/a (nome)?
- O/A (nome) tem apresentado algum problema de saúde em particular? Que cuidados exigiu?
- O que o/a (nome) é capaz de fazer que mais te chame atenção? Em que momentos tu percebes isso?
- Como tu descreverias o jeito do/a (nome)?
- Com quem tu achas que ele/a é parecido (*física e emocionalmente*)?
- Que coisas o/a (nome) mais gosta de fazer? Que coisas ele/a menos gosta?
- Que tipo de coisas ele/a faz que te desagradam? Como tu reages?
- E ele/a como fica ao perceber que te desagradou?
- Ele/a costuma apresentar algum tipo de medo? Qual? Quando começou?
- Tu percebeste alguma mudança em relação aos medos dele/a desde que tu engravidaste?

**2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre:**

**a) Alimentação do/a (nome)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tem sido a hora das refeições para o (nome)?
- Ele/a é capaz de alimentar-se sozinho?
- Quem de vocês participa mais da hora das refeições do/a (nome)?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (nome) em relação à alimentação do (nome) desde que tu engravidaste?
- Ele/a ainda mama na mamadeira? Em que momentos?
- *(Se não mama)* Quando ele/a largou a mamadeira?
- *(Se ainda mama)* Tu tens intenção de que ele/a largue a mamadeira? Quando?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (nome) em relação à mamadeira desde que tu engravidaste?
- [Como tu te sentes?]

**b) Uso do bico/chupeta**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Ele/a ainda usa bico/chupeta? Em que momentos?
- *(Se ainda usa)* Tu tens intenção de que ele/a largue o bico/chupeta?
- Tu tens percebido alguma mudança do (nome) quanto ao uso do bico/chupeta desde que tu engravidaste?

**c) Linguagem/fala do/a (nome)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tem sido a comunicação com (nome)?
- Tu tens percebido alguma mudança na fala do/a (nome) desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

**d) O sono do/a (nome)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tem sido a hora de dormir do/a (nome)? Ele/a consegue pegar no sono sozinho?
- Quem de vocês participa mais deste momento?
- Ele/a tem um quarto só para ele/a ou dorme com alguém?
- Como é o sono dele/a (comportamento quando está dormindo)?
- Tu tens percebido alguma mudança no sono do/a (nome) desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

**e) O controle do xixi e do cocô do/a (nome)**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como é o controle do xixi e do cocô do/a (nome)?
- Ele/a usa fraldas?
- (Se não usa) Quando tirastes as fraldas? Como foi?
- (Se usa) Quando tu estás pensando em tirar as fraldas dele/a? Como pensas fazer isso?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (nome) em relação ao controle do xixi e do cocô desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]
- 

**f) Cuidados e higiene pessoal: hora do banho, troca de roupa, escovação de dentes**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido estes momentos para o/a (nome)? Como ele se comporta?
- Ele/a realiza estas atividades sozinho/a? Quem de vocês participa mais destes momentos?
- Tu tens percebido alguma mudança no comportamento do/a (nome) em relação a estes comportamentos desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

**h) O choro do/a (nome)**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Em que momentos ele/a chora? [Como tu te sentes?]
- Quem o acalma? Como esta pessoa o acalma?
- Tu tens percebido alguma mudança no choro do/a (nome) desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

**3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre as brincadeiras do/a (nome).**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Qual a brincadeira preferida dele/a?
- Como ele/a se comporta enquanto brinca (*corre, fala, irrita-se facilmente, etc.*)?
- Ele/a costuma brincar sozinho/a? Em que momentos?
- Ele/a costuma brincar com outras crianças?
- Tu costumavas brincar com ele/a (nome)? De quê?
- Tu tens percebido alguma mudança nas brincadeiras do/a (nome) desde que tu engravidaste?

**4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre algum objeto preferido do/a (nome).**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Qual é este objeto? (Caso não seja um objeto) Seria uma parte do corpo (*da criança/mãe/pai*)?
- Em que momentos o/a (nome) procura este objeto? E o que ele faz?
- Tu lembras quando isto apareceu?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (nome) em relação a este objeto desde que tu engravidaste?
- [Como tu te sentes?]

**5. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os momentos em que o/a (nome) tem ficado longe de ti.**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Quais têm sido estes momentos? Como ele/a reage?
- E tu, como te sentes?
- Como são os momentos em que vocês se reencontram?
- Como ele/a reage? E tu, como te sentes?
- Com quem ele/a é mais agarrado? E tem mais alguém? Em que momentos tu percebes isso? [Como tu te sentes?]
- Tu percebeste alguma mudança neste comportamento (agarrado) desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]



**6. O/a (nome) foi para a escolinha/creche?**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

(Se a criança foi para a escolinha/creche):

- Com que idade ele/a iniciou?
- Como foi a adaptação dele/a?
- Como tu te sentes em relação à escolinha/creche?
- Como ele/a reage ao afastamento de ti para ir à escolinha/creche?
- Tu percebeste alguma mudança nos comportamentos do/a (nome) em relação a ir para a escolinha/creche desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]
- (Se a criança não vai à escolinha/creche)
- Vocês pretendem colocá-lo/a na escolinha/creche? Quando? Por quê?

**7. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?**

<sup>1</sup>Entrevista adaptada por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (2005) para ser aplicada a mães de crianças de três a cinco anos que estão grávidas do segundo filho

## ANEXO H

**ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE<sup>1</sup>**  
**(Terceiro ao quinto ano de vida do primogênito)**  
**(GIDEP/NUDIF, 2005)**

**1. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre como está sendo a tua experiência de ser mãe.***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tu estás te sentindo como mãe neste momento?
- Tu estás tendo alguma dificuldade?
- Como tu te descreverias como mãe?
- Tu pensas em alguém como modelo de mãe? Quem seria?
- Como ela é/era como mãe?
- Tu evitas algum modelo de mãe que tu já conheceste?
- E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo? O que tu lembras?
- O teu jeito de cuidar do (*nome\**) é parecido ou diferente do dela?
- E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo? O que tu lembras?
- O teu jeito de cuidar do (*nome*) é parecido ou diferente do dele?
- Quais as atividades que tu mais gostas de fazer com o/a (*nome*)? Por quê? (*Solicitar mais de uma*)?
- E quais as atividades que tu menos gostas? Por quê? (*Solicitar mais de uma*)
- Que tarefas tu tens assumido em relação aos cuidados do/a (*nome*)? Como tu te sentes?

**2. *Eu gostaria que tu falasses sobre como tu vês o teu marido/companheiro como pai.***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Que tipo de apoio ele tem oferecido?
- Tu solicitas a ajuda dele nos cuidados do (*nome*)? Como ele reage?
- Vocês têm alguma discordância com relação aos cuidados do/a (*nome*)? Em quê? Como ele reage?

**3. *Eu gostaria que tu falasses sobre outras pessoas que ajudam a cuidar do (nome)?***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Quanto tempo esta pessoa fica com o/a (*nome*)?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do/a (*nome*)?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como o/a (*nome*) reage quando outra/s pessoa/s ficam com ele?
- O que tu achas disso?

*(Caso esta pessoa fique regularmente da criança)*

- Porque vocês escolheram esta forma de cuidado com o/a (*nome*)?
- O que levaram em conta (proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc)?

**4. *Pensando um pouco na tua experiência como mãe desde que o (nome) nasceu:***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Tu vivenciaste alguma situação/período estressante? Qual? Como te sentiste?
- Tu solicitavas mais ajuda nestas situações/períodos? Como era?
- Como o/a (*nome*) reagiu a estas situações/períodos?

**5. *Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?***

<sup>1</sup>Entrevista adaptada por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (2005) para ser aplicada a mães de crianças de três a cinco anos que estão grávidas do segundo filho.

\* Refere-se sempre ao primogênito.